



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

ZELIA PRISCILA NOGUEIRA RODRIGUES DOS SANTOS

**DANÇA GOSPEL: ADORAÇÃO, EVANGELIZAÇÃO E
MERCADORIA NO CONTEXTO RELIGIOSO EVANGÉLICO**



Salvador
2020

ZELIA PRISCILA NOGUEIRA RODRIGUES DOS SANTOS

**DANÇA *GOSPEL*: ADORAÇÃO, EVANGELIZAÇÃO E
MERCADORIA NO CONTEXTO RELIGIOSO EVANGÉLICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Maíra Spanghero Ferreira

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo autor.

Santos, Zelia Priscila Nogueira Rodrigues dos.

Dança *gospel*: adoração, evangelização e mercadoria no contexto religioso evangélico / Zelia Priscila Nogueira Rodrigues dos Santos. – 2020.

115 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Máira Spanghero Ferreira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, 2020.

1. Dança *gospel*. 2. Religião. 3. Capitalismo artista. I. Spanghero Ferreira, Máira. II. Título.

ZELIA PRISCILA NOGUEIRA RODRIGUES DOS SANTOS

**DANÇA GOSPEL: ADORAÇÃO, EVANGELIZAÇÃO E
MERCADORIA NO CONTEXTO RELIGIOSO EVANGÉLICO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Dança, Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 14 de agosto de 2020

Banca Examinadora

Maíra Spanghero Ferreira – Orientadora _____

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Márcia Virgínia Mignac da Silva _____

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Rogério da Costa Santos _____

Doutor em História da Filosofia pela Université Paris-Sorbonne, PARIS 4 (França)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Ao autor da vida, dono de toda ciência, sabedoria e poder, fonte maior de inspiração,
Deus. Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me dado a vida e por estar comigo em todo instante e ter me fortalecido. Agradeço a Ele pela inspiração e orientação diária. Sem Ele com certeza não estaria aqui hoje!

Aos meus pais Reginaldo e Noemi, por serem os primeiros a me educar e me proporcionarem uma base sólida com muito amor. Agradeço por terem me apresentado a Dança ainda bem pequenininha e acreditarem que a pequena bailarina poderia galgar passos maiores.

Agradeço ao, Rogerio, a pessoa que acreditou e me incentivou durante os caminhos pedregosos; companheiro da vida, com quem compartilho meus projetos. Obrigado por sonhar junto comigo e lutar para que esse sonho se tornasse real. Obrigado pelo investimento, pela paciência e pelo companheirismo sempre, te amo!

Ao meu irmão José pelo apoio, por contribuir nas discussões que enriqueceram minha formação. A minha irmã Raquel, companheira de Arte, com quem sempre dividi meu palco. Agradeço a paciência e estímulos frequentes. Amo vocês!

Agradeço aos meus familiares e amigos por acreditar e torcer por mim. Em especial Gabriel e Amanda que mesmo na distância sempre estiveram presentes Obrigado pelo apoio e carinho.

Sou grata também aos professores e amigos que conquistei no PPGDANÇA, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que com muito carinho me permitiram dançar, experimentar, pesquisar e resistir. Em especial aos amigos Guêgo, Thaynã, Daiane, Cinthia e Jeferson que no Brasil ou fora dele, ouviram meus desesperos, crises e lamentos e me ajudaram a caminhar e crescer.

Agradeço à professora Maíra Spanghero, pelo aprendizado proporcionado no processo de orientação da pesquisa. Meu obrigado também aos professores Rogério da Costa e Márcia Mignac por terem aceitado gentilmente o convite e fazer parte desse processo, contribuindo assim de forma valiosa, com o meu trabalho.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, apoio e incentivo para a realização desta pesquisa de Mestrado.

Por fim a todos que direta ou indiretamente contribuíram para mais essa conquista, meu muito obrigada.

...vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos meus modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilibro-me como posso entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus.

Clarice Lispector

SANTOS, Zelia Priscila Nogueira Rodrigues dos. *Dança Gospel: adoração, evangelização e mercadoria no contexto religioso evangélico*. Orientadora: Maíra Spanghero Ferreira. 116 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020.

RESUMO

A dança na igreja evangélica pode ser percebida como um fenômeno que está em expansão, se ampliando para além do âmbito religioso, incluindo festivais, concursos e academias fora dos templos. A partir desta observação caberia perguntar: quais seriam os modos de ocorrência desta prática neste contexto? Qual seria o papel que a dança cumpre na igreja? Diante das pistas encontradas é possível sugerir que a dança *gospel* abarca as distintas variações de dança nesse contexto. Há indícios de que a dança tem cumprido um papel litúrgico e também vinculado a uma lógica mercantil tão presente nas igrejas evangélicas, servindo como reserva de mercado, propaganda e difusão de uma ideologia. Essa pesquisa faz um levantamento de dados, a fim de traçar um panorama desses modos de ocorrência a partir das dimensões de criação, sacralização no ritual (culto), modos de disseminação (evangelização) e ensino dentro de grupos de dança evangélicos. Além de um levantamento de dados referente aos modos de ocorrência da dança, a pesquisa realiza um levantamento bibliográfico com autores que contribuem com a discussão acerca dessa temática, tais como: Agamben (2009), Britto (2011), Cunha (2004), Katz e Greiner, (2005) e Lipovetsky e Serroy (2015). A pesquisa aponta a coimplicação entre corpo, dança e religião que se constituem mutuamente, atendendo ao que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) apresentam como capitalismo artista, e, portanto, a dança se torna mercadoria. Há uma sacralização do profano e uma profanação do sagrado, para que a igreja evangélica possa se adaptar e sobreviver. Com esse trabalho espera-se suscitar um diálogo (teórico, histórico e analítico) com os campos da religião e da dança; contribuindo com a reflexão e análise sobre este fenômeno tão contundente na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Dança *gospel*. Religião. Capitalismo artista.

SANTOS, Zelia Priscila Nogueira Rodrigues dos. *Gospel Dance: worship, evangelization and merchandise in the evangelical religious context*. Thesis advisor: Máira Spanghero Ferreira. 116 s. ill. Dissertation (Master in Dance) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020.

ABSTRACT

The dancing in the evangelical church can be perceived as an expanding phenomenon nowadays, besides the religious scope, including festivals, competitions, and dance schools outside the temples. From this perspective, one question seems to be important: how does this practice occur in this context? What is the role of dancing in the church? Facing some clues found, it is possible to suggest that the worship dance reunites different variations of dance in this context. There is evidence that dancing has performed a liturgical role and is also connected to a commercial logic present in the evangelical churches, serving as a market reserve, advertising, and spread of an ideology. This research collects data, intending an overview of how these practices occur in terms of creation, sanctification during the services, ways of evangelization, and teaching inside evangelical dance groups. Besides a collection of data regarding the occurrence of dance, this research collects bibliography with authors that contribute to the discussion about this theme, as: Agamben (2009), Britto (2011), Cunha (2004), Katz and Greiner, (2005) and Lipovetsky and Serroy (2015). The research points out to the coimplication among body, dance, and religion, that constitute themselves mutually, answering to what Gilles Lipovetsky and Jean Serroy (2015) present as artistic capitalism and, then, dancing becomes a good. There is a sanctification of the profane and a profanation of the holy, so that the church can adept and survive. With this research, it is expected to nourish a dialogue (theoretical, historical, and analytical) with the fields of religion and dance, contributing with the reflection and analysis about such a strong phenomenon in the contemporary culture.

Keywords: Worship Dance. Religion. Artist capitalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Escola dominical Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (SC), 1952.....	31
Figura 2	Igreja Metodista em Pilares, Rio de Janeiro, 2010.....	31
Figura 3	Igreja evangélica Metanoia, Rio de Janeiro, 2017.....	32
Figura 4	Programação do Festival Rhema - Evangelizando com Artes - 2019.	48
Figura 5	Material de divulgação da Cia. Rhema, com fotos das pastoras Adriana e Luciana Pinheiro.....	50
Figura 6	Rute, o <i>ballet</i> . Moças de Boaz, Goiânia, 2011.....	51
Figura 7	Espetáculo “Rei Davi”, São Paulo, 2010.....	51
Figura 8	Modelo de roupa de dança com muito tecido.....	53
Figura 9	Figurino do grupo de Dança Igreja Metodista de Cavalcante, Rio de Janeiro. Cantata de Natal, 2005.....	54
Figura 10	Dança de intercessão, prostração. Igreja Metodista de Pilares, 2012	63
Figura 11	Dança com fita, Ministério PiB, 2012.....	65
Figura 12	Desenho ilustrativo para visualização das divisões espaciais dos templos.....	66
Figura 13	Templo de uma Igreja evangélica em Porto Velho.....	66
Figura 14	Figurinos disponíveis para venda na loja Veste de Adoração.....	69
Figura 15	Figurino “Fé” disponível para venda.....	70
Figura 16	Grupo Renovart em evangelismo no Farol da Barra, Salvador/BA, 2015.....	70
Figura 17	<i>Flashmob</i> Praise Cia. de Dança. Praça Charles Miller, estádio do Pacaembu, São Paulo, 2015.....	72
Figura 18	Dança em ação de evangelismo durante as olimpíadas, Rio de Janeiro, 2016.....	72
Figura 19	Agenda dos Seminários.....	75
Figura 20	Curso de dança cristã a distância oferecido pela Escola de Dança Cristã.....	77
Figura 21	Curso de dança cristã oferecido pela pastora Vivian Lazzerini.....	77
Figura 22	Chamada para professores de ZOE Dance.....	78
Figura 23	Material didático para instrutores de ZOE Dance.....	78

Figura 24	Vídeo aula música “Se joga”.....	78
Figura 25	Cartaz de divulgação da última festa do ano de 2019.....	88
Figura 26	Mostra de Dança Gospel de Taboão da Serra, São Paulo, 2019.....	91
Figura 27	Mostra de Dança Cristã em Uberaba, Minas Gerais. Agosto de 2019.....	92
Figura 28	Quadro de horários de aulas em 2020 da Academia de Dança Tereza Petsold, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.....	93
Figura 29	Congresso de Dança Profética, PIBC.....	94
Figura 30	Divulgação curso de formação, 2020.....	97
Figura 31	Propaganda da coleção nova da loja de roupas Veste sublime, 2019.....	99
Figura 32	Loja virtual Profetas da Dança.....	99

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I	
DANÇA NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA: APROXIMAÇÕES ENTRE CORPO, DANÇA E RELIGIÃO	19
1.1 NOTAS SOBRE DANÇA E RELIGIÃO.....	19
1.2 IGREJA CRISTÃ PROTESTANTE.....	22
1.3 IGREJA EVANGÉLICA NO BRASIL: PROTESTANTISMO ADAPTADO.....	26
1.4 CORPO, DANÇA E AMBIENTE.....	34
1.5 CORPO E CRISTIANISMO	37
1.6 DANÇA	39
CAPÍTULO II	
DANÇA ENTRE OS EVANGÉLICOS: MODOS DE OCORRÊNCIA	43
2.1 MARCOS E PISTAS PARA UM CONTEXTO HISTÓRICO.....	43
2.2 ADORAÇÃO, RITUAL LITÚRGICO E DANÇA NO ESPÍRITO.....	59
2.3 EVANGELIZAÇÃO: PROPAGAÇÃO DE UMA CRENÇA.....	71
2.4 PRÁTICAS DE ENSINO, DENTRO E FORA.....	73
CAPÍTULO III	
A DANÇA GOSPEL E O RETORNO AO “ÉDEN”	81
3.1 MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ.....	81
3.2 O RÓTULO <i>GOSPEL</i>	86
3.3 DANÇA CAMALEOA.....	90
3.4 DANÇA SERVA.....	95
3.5 DANÇA ESPETÁCULO.....	101
3.6 DE VOLTA AO “ÉDEN”: O (RE)CONVITE.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109

APRESENTAÇÃO

Como tem se dado os modos de se fazer dança dentro do contexto religioso, evangélico, na contemporaneidade? Que papel a dança cumpre nesse contexto? Essas indagações e inquietações são o ponto de partida da pesquisa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (PPGDança/UFBA), e intitulada *Dança gospel: adoração, evangelização e mercadoria no contexto religioso evangélico*. É possível encontrar uma variedade de denominações para a prática de dança na igreja evangélica no Brasil: dança cristã, dança ministerial, dança profética, dança *gospel*, entre outros. Diante disso o termo “dança *gospel*” foi escolhido para nomear a prática de dança que ocorre no contexto religioso evangélico, um termo abrangente, um “guarda-chuva” que abraça os modos de ocorrência da dança encontrados nesta pesquisa.

A hipótese que aqui se levanta é que os modos de ocorrência da dança nesse contexto (criação e sacralização no culto, evangelização e ensino), possuem uma configuração mercadológica de vendas e propaganda de produtos e mensagens cristãs. Se no cenário do capitalismo contemporâneo todos nós somos mercadoria e consumidor ao mesmo tempo, a dança não está apartada desta lógica. É possível perceber também, a dança como um modo de circulação e expansão da ideologia religiosa, além da preservação desse segmento. Pode ser vista ainda como um mecanismo de controle dos corpos. Esses indícios são percebidos na medida em que há uma expansão desse fazer artístico para além dos templos, em festivais, divulgação em redes sociais, patentes, marcas e concursos.

Há por fim a tentativa de se entender a dança, neste contexto, como um convite ao corpo cristão em estado de adoração na cena religiosa; uma dança como que tencione e ressignifique a lógica de mercado tão presente na contemporaneidade e que traz no e pelo corpo a relação vital com o sagrado.

Em decorrência da explosão da Dança *Gospel*, a partir dos anos 1990, essa pesquisa se destina a discutir criticamente sobre a dança dentro do contexto religioso evangélico brasileiro e as relações mercadológicas imbricadas. Além disso, procura traçar um panorama dessas práticas a partir das dimensões de adoração e sacralização no ritual (culto), evangelização e ensino, bem como refletir sobre a relação posta entre a dança e os evangélicos na contemporaneidade e esboçar tentativas de um outro modo de se fazer dança na igreja.

O interesse pelo tema tem estreita relação com o que eu tenho vivido hoje enquanto artista e educadora da dança, pertencente a uma igreja evangélica (na qual sou intérprete-criadora de um grupo e professora de um projeto social que funciona dentro do espaço da igreja). Danço desde os anos de 2001 na igreja e na graduação tive a possibilidade de exercer a prática de estágio nesse contexto. A relação entre dança e religião sempre chamou minha atenção no sentido de (re)pensar o meu próprio fazer e refletir sobre todo esse contexto, por isso me instiga uma ação de pesquisa sobre a temática.

O projeto de pesquisa inicialmente apresentado ao PPGDança/UFBA, tinha interesse em estudar a relação entre dança, formação no ensino superior e educação a distância devido minha experiência enquanto tutora *online* do primeiro curso de Graduação em Licenciatura em Dança na modalidade a distância da UFBA. Contudo no meio do percurso, enquanto ainda cursava os componentes obrigatórios do curso de Mestrado em Dança, decidi trocar o tema da pesquisa e estudar Dança na igreja evangélica. Em concordância com a minha orientadora, elaborei um novo projeto e me debrucei sobre ele, mudando a rota da pesquisa, mas consciente do novo percurso escolhido.

É possível notar um crescimento da Dança nas igrejas evangélicas. Atualmente já existem companhias e grandes festivais, além de uma busca por parte de alguns bailarinos, pela legitimidade enquanto arte dentro deste contexto. Nesse sentido, arte e adoração podem caminhar juntas. Contudo há também, muito movida por essa expansão, a criação de um mercado de consumo específico, de venda de produtos como figurinos, cursos, aulas, além da própria reserva de mercado para os profissionais que atuam nesse contexto. Cabe destacar que em algumas igrejas ainda se percebe uma negação desse fazer e uma limitação para os fiéis que desejam dançar que pode ser entendida pela negação do corpo e alusão ao pecado, ou ainda uma negação da espetacularização dentro dos cultos.

A dança no cenário contemporâneo abarca as complexidades próprias deste tempo e, portanto, a formação dos profissionais que atuam ou atuarão nessa área não está apartada disso. Nesse sentido cabe o deslocamento e o lugar de reflexão constante sobre esse fazer. Agamben (2009) traz essa ideia de contemporâneo relacionado ao tempo, estando nele e dele se afastando:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (p. 59)

Assim, pensa-se esse deslocamento enquanto provocador de reflexão e outros questionamentos que impulsionam o processo de construção de conhecimento e a própria forma de apreensão da realidade.

O fazer dança aparece como uma potente via de compreensão dessa realidade e compreensão sobre o próprio corpo. O corpo aqui é entendido em sua totalidade, como propositor e não como um recipiente de informações (KATZ; GREINER, 2005). Ele se relaciona com o meio no qual está inserido, afetando e sendo afetado. Desse modo entende-se que

o próprio corpo resulta de contínuas negociações de informações com o ambiente e carrega esse seu modo de existir para outras instâncias de seu funcionamento. [...] o processo de troca de informações entre o corpo e o ambiente atuam, por exemplo, na aquisição de vocabulário e o estabelecimento das redes de conexão. (KATZ; GREINER, 2001, p. 72)

Implica, portanto, nos modos de estar no mundo, entendendo que esse corpo é um estado provisório em movimento constante, que se conecta em todo tempo com as informações presentes interna e externamente. No dançar, esse corpo relaciona aspectos sociais, culturais e biológicos. O corpo que se movimenta está conectado a uma rede de informações em troca constante, seja com ele mesmo ou com o ambiente. Essas informações são as mais diversas possíveis desde um provável vocabulário de movimentos, passando pelas emoções, pelo contexto inserido naquele momento, o espaço onde se dá o processo, entre outros.

A Dança se dá no e pelo corpo: enquanto dançamos há conhecimento sendo produzido. A dança é o pensamento do corpo, no dançar há saber sendo produzido no instante do fazer. Entender a dança enquanto uma ação cognitiva passa pelo próprio entendimento de como este processo se organiza corporalmente. Cabe ressaltar que a própria produção de conhecimento é indissociável do corpo. Nesse processo se faz importante

[...] um entendimento de corpo como sendo um campo de ocorrência dos processos de cognição, comunicação e evolução, implicados nos sistemas vivos e culturais que permite compreender a Dança como uma configuração que explicita e potencializa esses processos [...]. (BRITTO; MACHADO; SETENTA, 2015, p. 55)

Ao se movimentar o cérebro opera metaforicamente estabelecendo correlações que constituem conceitos e que encarnam tornando-se corpo. Entende-se então a dança corporificada e que, portanto, no dançar o corpo se organiza de diversos modos para além de movimentos e repetições do mesmo; a dança se estabelece de modo relacional, onde o corpo e ambiente atuam de modo coimplicados, estudo trazido por Fabiana Britto (2011) e que será trabalhado mais adiante. Essas dimensões são indissociáveis e operam no dançar, nas configurações mais diversas, entre elas, a dança *gospel*.

Historicamente a presença da dança no contexto evangélico oscilou entre períodos de aceitação, períodos de repulsa e exclusão total. Embora se tenham relatos bíblicos relacionados à dança, a mesma nem sempre esteve presente nos cultos cristãos; acredito que por conta da ideia de dualidade entre corpo e alma e consequente negação do corpo principalmente na Idade Média. Contudo é possível encontrar outra interpretação desse corpo – alma e corpo – pensando no homem integral, em que o corpo físico também seja um espaço “sagrado” e não apenas um depositário de pecados e práticas que desagradem a Deus.

Ademais, a relação com o sagrado se dá via corpo: as manifestações, ritos, cultos se dão com o corpo que é presente. O corpo não é passivo, ele organiza as informações absorvidas e produz algo, expressa e comunica. Não mais um depositário e sim um propositor de informações constante, que se atualiza o tempo todo a partir da interação com si mesmo e com o ambiente (KATZ; GREINER, 2005).

O protestantismo no Brasil vem passando por diversas mudanças – sobretudo após os anos 1990 – que estão relacionadas com a própria transformação social ocorrida no país, que estava vivenciando um processo de redemocratização, após um período de ditadura militar. Observam-se modificações nas formas de organização dos cultos, liturgias e até mesmo no que é “ser evangélico” na sociedade. As questões relacionadas ao corpo cristão e à dança também dialogam com esse contexto. No ambiente de culto cristão brasileiro, a dança aparece por volta aproximadamente desse período e, para Torres (2007), algumas ocorrências e nomes mapearam esse

processo. Percebe-se então uma legitimação da dança no cristianismo justificada pela herança da cultura hebraica (berço do cristianismo, e onde a dança tem forte presença e expressão) e pela valorização do corpo na atualidade.

Cabe destacar que os evangélicos constituem um bloco heterogêneo, diverso e complexo, e que, portanto, a organização, a doutrinação e a forma de lidar com os sujeitos e conseqüentemente com o corpo vai variar de acordo com própria interpretação que seus líderes fazem das escrituras sagradas – ou seja, a Bíblia. Da mesma forma varia a relação com as Artes e especificamente com a Dança. Se para algumas igrejas a Dança é vista como parte da liturgia de culto e de adoração a Deus, ou como estratégia de evangelização, para outras ainda é vista como uma manifestação pecaminosa da “carne” e que, portanto, não pode existir na igreja.

A dança na contemporaneidade, dentro desse contexto religioso, pode ser vista ainda como uma configuração mercadológica de vendas e propaganda, dada a expansão dessa prática, as aulas ofertadas, os eventos específicos e a grande divulgação e circulação por meio de redes sociais, principalmente o *YouTube*. Pode-se dizer, assim, que a dança cumpre um papel no ritual de culto para além da adoração, pois ela aparece como uma dança a serviço do capital, se adaptando e ganhando novas roupagens para sobreviver na lógica capitalista e manter as ideologias presentes nessa religião.

Essa pesquisa é um estudo de caráter crítico-analítico sobre a dança no cenário evangélico. A ideia inicial propunha realizar entrevistas com os sujeitos que atuam nesse contexto. No entanto, dada a complexidade e amplitude do tema proposto, foi priorizado um mapeamento dessas práticas, por meio de observação participante e da minha vivência, seja enquanto artista atuante nesse espaço e também assistindo a apresentações. Além disso, fez-se uso do vasto material disponibilizado pelos *sites* das companhias e grupos de dança evangélicos. A coleta e a análise desses dados foi ancorada no referencial teórico escolhido e nos objetivos que mobilizaram esse estudo, a fim de problematizar questões relevantes para a pesquisa.

No primeiro capítulo deste trabalho chamado “Dança na igreja evangélica brasileira: aproximações entre corpo, dança e religião”, foi feita uma revisão bibliográfica e uma contextualização acerca do tema. Já no segundo capítulo, intitulado “Dança entre os evangélicos: modos de ocorrência” apresentarei os conteúdos colhidos por meio da pesquisa, descrevendo assim meu objeto de estudo. No terceiro capítulo, “Dança *gospel* e o retorno ao ‘Éden’” trago uma análise crítica,

uma discussão sobre dança, religião e mercado na contemporaneidade e a finalização desse trabalho com uma proposta de pensar a Dança na igreja para além da teia mercadológica em que ela está envolvida.

Espera-se por fim, contribuir para a produção de conhecimento em Dança, uma vez que este estudo se desenvolve em um curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado em Dança. Assim, suscitar um diálogo (teórico, histórico e analítico) com os campos da religião e da dança, contribuindo com a reflexão e análise sobre este fenômeno tão contundente na cultura contemporânea.

CAPÍTULO I

DANÇA NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA: APROXIMAÇÕES ENTRE CORPO, DANÇA E RELIGIÃO

Este capítulo perpassa pelas temáticas do cristianismo protestante, da Dança e do corpo de modo imbricados para compreender como a relação entre Dança e igreja evangélica vem se tecendo na contemporaneidade. O entendimento e a reflexão sobre essas dimensões corroboram para se pensar a prática estética de corpos que atuam na igreja evangélica. Corpos esses que trazem concepções, valores e visões de mundo pautados nos princípios religiosos mas que transitam tanto em ambientes considerados sagrados como os templos religiosos, quanto os os considerados profanos como, por exemplo, academias de dança sem vínculo religioso.

1.1 Notas sobre dança e religião

Nossa interação com o mundo se dá via corpo que se movimenta em toda a sua totalidade. Do sangue que corre nas veias, os batimentos do coração, o abrir dos olhos, o falar, o deslocar-se, tudo é movimento. Todas as nossas vivências e respostas sejam elas conscientes ou não, são corporais. Apreendemos o mundo através de sentidos e, assim desenvolvemos habilidades cognitivas como atenção e percepção por exemplo. A partir daí nos movemos, nos relacionamos, criamos interação e conhecemos.

Diversos aspectos nos constituem enquanto corpo e seres humanos nessa interação com o ambiente. Aspectos biológicos, psicológicos, culturais, sociais, identitários. Dentre estes a religião aparece como uma dessas dimensões, ainda que pela sua negação (no caso das pessoas que não possuem vínculo religioso algum). A religião pode ser entendida como dimensão que delimita as esferas divinas e humanas, ou seja, o que é relativo aos deuses e o que relativo aos homens. Segundo Giorgio Agamben (2007),

Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso. O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício: através de uma série de rituais minuciosos, diferenciados segundo a variedade das culturas, e que Hubert e Mauss inventariaram

pacientemente, ele estabelece, em todo caso, a passagem de algo do profano para o sagrado, da esfera humana para a divina. É essencial o corte que separa as duas esferas, o limiar que a vítima deve atravessar, não importando se num sentido ou noutro. (p. 58)

Nesse sentido cabe pensar na religião como essa separação e conexão existente, entre o sagrado e profano. Esta pode ser entendida ainda, como uma dimensão que nos constitui enquanto corpo relacional ao ambiente, dada a coimplicação dessas duas dimensões, que trataremos mais à frente. A humanidade cultua e acessa esse divino por meio de rituais que estabelecem elos de ligação e experiências coletivas ou individuais, muitas vezes transcendentais, que une essas esferas. Cultos, missas, reuniões, encontros, sacerdotes, líderes, hierarquias, templos, mesquitas, terreiros, tendas, politeísmo, monoteísmo, ou seja, diversos são os modos que as religiões se organizam bem como as relações que se estabelecem com o corpo. Estas são, portanto, distintas e complexas. Em muitas culturas e povos é possível notar uma inserção social e simbólica da dança manifestada nesses rituais religiosos, como por exemplo, os *dervishes*¹, entre outros.

Essa conexão entre Dança e cerimônias ritualísticas, pode ser percebida historicamente, seja pela relação com a natureza, ou por outros elementos, mas que passa pelo corpo movente, dançante e muitas vezes em estado de transe. Diversas e distintas religiões das mais antigas às mais atuais propiciam essas experiências em rituais corporificando e se conectando a entidades, divindades, ancestrais e outras formas de expressões do sagrado.

Para muitas religiões tais como o Budismo, Cristianismo, Religiões de Matrizes Africanas, Hinduísmo, entre outras, o corpo é a via de acesso a essa dimensão que transcende a humanidade em suas expressões cotidianas. Na civilização grega, por exemplo, Dança e religião estavam imbricadas e esta relação se materializava nos corpos durante as celebrações aos deuses.

Para os gregos a dança era de essência religiosa, dom dos imortais e meio de comunicação com eles. Os autores clássicos afirmam-no: ordem e ritmo, características dos deuses, também são as da dança [...] a dança é também "um meio excelente de ser agradável aos

¹ Os *dervishes* são uma ordem religiosa na Turquia, que praticam um ritual fundamentado no giro. Esse ritual é um dos mais conhecidos e é chamado de Sama ou Sema, que é a oração em movimento, em que os fiéis podem girar por horas entrando em êxtase profundo. Ver mais: DANÇA Sufi: o Ritual da Ordem dos Dervishes. *Upload* em 25 de fev. de 2012 por Leo Dip/Melhor consciência. (3 min. e 30 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FBqrJ7QIl3I>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

deuses e honrá-los" (Platão, leis, VI). Está presente na celebração dos mistérios [...]. (BOUCIER, 2001, p. 22)

A Dança tinha um protagonismo religioso posto a atribuição dessa prática a um dom dos próprios deuses e a uma manifestação corporal de características divinas. Além disso a concepção de adoração se faz presente, já que a dança pode ser um modo de se agradar às divindades.

Seja em atitude de contemplação, adoração ou incorporação do sagrado, em homens e mulheres o dançar se faz presente de forma significativa,

já nas antigas civilizações, a Dança aparece no contexto do sagrado. O êxtase dançante acompanha as próprias religiões através de milênios: Shiva, Osíris, Dionísio, Celestes do antigo México, representam o Deus que desceu à terra e se encarnou em dançarino, no belo mito do Deus Dançante [...]. (CALDEIRA, 2008, p. 2)

Assim, historicamente a presença dessa manifestação movente pode ser percebida de distintos modos, caracterizando uma relação onde ambas expressões (dança e religião) se constituem mutuamente.

Ainda sobre essa relação, destaco outro exemplo, no Brasil, o Candomblé, religião de matriz africana que também traz a Dança em seus rituais e cultos. Tadeu dos Santos em sua tese de doutorado sobre corpo, festa e Dança no Candomblé², aponta que

[...] os gestos possuem um significado e uma força restauradora e criativa, incapazes de serem transmitidos unicamente pela palavra. Daí o emprego da música, da dança e do canto nos rituais: veículos de conteúdos não-verbais providos de emoção. As festas de candomblé, com suas danças de transe, revelam, desse modo, aspectos diversos àqueles que delas participam, seja por meio dos trajes litúrgicos, dos objetos sagrados, da própria dança e da música, seja por meio da escrita cunhada no corpo dos fiéis, passível de ser lida pela comunidade, que assinala o status por ele alcançado, seja, ainda, pela visão de mundo característica do temperamento desse grupo. Afora todos esses elementos concretos, palpáveis, perceptíveis de imediato pelos sentidos, ali também se encontra presente, ainda que paradoxalmente de forma invisível, um outro aspecto: a transformação, o mistério, a união com orixá, transmutando o corpo num campo existencial de cultura, num livro que se lê e com o qual se aprende. (SANTOS, 2003, p. 68)

² Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em 2003. Intitulada "O corpo como um texto vivo: a festa e a dança no candomblé".

Nesse sentido é possível perceber a importância das movimentações do corpo nos momentos de rituais de culto e de celebrações.

No cristianismo, esses elementos historicamente passaram por momentos de aceitação e repulsa, muito por conta da própria relação do corpo nesta religião. Se no contexto bíblico há relatos de Dança do povo em celebração a Deus, na Idade Média a Dança foi execrada e condenada pela Igreja Católica Apostólica Romana (que é cristã) por considerarem lasciva e diabólica (CALDEIRA, 2008).

Na contemporaneidade, entre os cristãos, mais especificamente no bloco evangélico, a Dança vem ganhando força e tem se expandido nas duas ou três últimas décadas. Se antes havia resistência a essa manifestação artística, atualmente ela tem se afirmado. Ainda não existe uma bibliografia ampla sistematizada sobre o assunto, mas pistas importantes foram mapeadas para registrar essa história brevemente³.

1.2 Igreja Cristã Protestante

O cristianismo é a religião que parte do pressuposto dos ensinamentos de Jesus Cristo e se baseia na Bíblia sagrada como livro de guia para vida religiosa e secular. Os cristãos são considerados monoteístas, ou seja, seguem um só Deus, que embora faça parte da trindade é um só. A figura da trindade é representada pelo Deus pai (criador de todas as coisas), Deus filho (Jesus Cristo, Deus encarnado que viveu entre os homens) e o Espírito Santo (que veio após a morte e ressurreição de Cristo, para ser o consolador dos homens) entretanto esses três se tornam um. Por isso um único Deus a ser adorado.

Jesus Cristo instaura uma nova era para o povo judeu que repercute em outros povos, inclusive na contagem de tempo no mundo ocidental, que é marcada pelas datas antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.). Segundo relatos contidos nas passagens da Bíblia, o nascimento do menino, cumpriria uma profecia antiga relatada no livro de Isaías⁴, e representaria a vinda do messias, o salvador esperado que traria a restauração e libertação para o povo que na época vivia sob o domínio do Império Romano. A chegada de Jesus dividiu opiniões e trouxe divergências políticas e de interesses, já que sua forma humana não era o que de fato o povo esperava.

³ Sobre este assunto específico trataremos no capítulo seguinte.

⁴ Livro bíblico localizado na sessão do Antigo Testamento, que traz em seus textos profecias dentre elas a da vinda do Messias (Jesus) que iria restaurar o povo.

Em sua passagem na Terra, ele aglutinou multidões de seguidores que, de uma certa forma, foram responsáveis pela propagação de sua mensagem e difusão de seus ensinamentos que chegaram até os dias de hoje. O plano de salvação para a humanidade proposto por Jesus, foi consumado por sua morte e ressurreição,

6. Ele não está aqui. Ressuscitou! Lembrai-vos de como vos preveniu, enquanto ainda estava convosco na Galiléia. 7. "É impreterível que o filho do homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia". (BÍBLIA, Lucas 24, 6;7)

A profecia, se cumpriu, ele foi crucificado e acredita-se na sua ressurreição. Após esses acontecimentos houve um período de perseguição aos seguidores de Cristo, que fez com que eles se espalhassem para outras cidades, e outros povos. Nesse tempo os "[...] cristãos perceberam que eram parte de um movimento em rápida expansão e o chamaram de católico, termo que sugere que o cristianismo desse período é um movimento universal" (SHELLEY, 2018, p. 41), seguindo assim para a institucionalização como Igreja Católica Apostólica Romana.

A igreja cristã católica organizada é marcada por relações hierárquicas e de poder, com lideranças fortes, dogmas, doutrinas e regras bem estabelecidas. Na Idade Média disputou poder e catequizou muitos povos interferindo de forma genocida nos modos de vida, modos de produção e conhecimento dos mesmos. Em nome de "Deus" a igreja contribuiu no processo de colonização de outros povos, que dizimou muitos dos nativos das terras exploradas. A imposição de uma única forma de se relacionar com o sagrado e, portanto, uma única verdade, associado ao controle dos corpos manchou toda a história com sangue. Além do controle ideológico já que a bíblia era escrita em latim e não tinha tradução para os idiomas locais cabendo ao sacerdote levar a mensagem contida nas escrituras, já que estes conseguiam ler o que estava escrito.

Esse contexto gerou indignação de alguns segmentos da Igreja e em 1517 iniciou-se o movimento conhecido por Reforma Protestante, originado na Alemanha com Martinho Lutero (1483-1546), e que marcou a história religiosa mundial. Esse movimento se espalhou pela Europa, com outros líderes como João Calvino (Calvinismo) e o Rei Henrique VIII, da Igreja Anglicana, que adotou princípios do movimento iniciado por Calvino, com elementos do catolicismo.

Desse modo, o protestantismo pode ser definido como “[...] um dos três principais ramos do cristianismo ao lado do catolicismo romano e das igrejas orientais ou ortodoxas” (MENDONÇA, 2005, p. 50). Ademais, as ideias protestantes não foram um pensamento universal, tendo sua expansão via diversos grupos com base comum associada a características próprias e específicas, dentre eles os puritanos que pregavam uma ideia radical da abnegação da vida no mundo e de servidão a Deus.

Com a expansão da colonização da América, o protestantismo chegou fortemente aos Estados Unidos da América (EUA) – até então colônia da Inglaterra – por grupos que fugiam da Europa devido às perseguições políticas e religiosas. Assim, os EUA se tornaram ambiente propício para que esses grupos, especificamente os puritanos, se consolidassem e pudessem desenvolver suas ideias de uma religião independentes do Estado.

Ao passar do tempo esse movimento se enfraqueceu, às próprias transformações ocorridas nos EUA, relacionadas com o fato de deixar de ser colônia da Inglaterra, e as influências do pensamento iluminista⁵, associado a

[...] um desânimo dos fiéis diante da ortodoxia calvinista sobre a soberania absoluta de Deus (pois alcançar a perfeição tornava-se algo muito distante), trouxe um enfraquecimento do sentimento religioso no país [...]. (SALLES, 2014, p. 24)

Assim, o protestantismo histórico passou por diversas transformações que envolveram tanto princípios teológicos como princípios sociais e políticos.

Cabe mencionar ainda a relação entre protestantismo e a lógica capitalista, já apontada por Max Weber (1864-1920) em seus estudos publicados em 1904, “A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Essa relação entre religião e modo de produção vigente pode ser percebida principalmente pela influência da religiosidade na construção social de uma prática capitalista. Nesse sentido, Weber aponta que,

a Reforma significou não tanto a eliminação da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por outra. E substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as

⁵ Movimento intelectual que ocorreu na Europa do século XVIII, com grande desenvolvimento da Ciência e da Filosofia. Além disso teve grande influência a nível cultural, social, político e espiritual em diversos países.

esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível. (WEBER, 2004, p. 30)

O protestantismo, configura um modo de ser na sociedade e interfere em outras esferas da vida social dos sujeitos que aderem a esta prática religiosa. Cabe ressaltar ainda que há um reforço a lógica do servir ao outro e que cada um ocupa seu lugar no "corpo"⁶, assim cada um tem uma função na sociedade e conseqüentemente nos postos de trabalho e tipos de serviço. Segundo esse autor, no protestantismo o trabalho é visto como uma vocação divina, bem como o cuidado com aquilo (bens materiais) que Deus deu a cada um. Assim,

A ideia da obrigação do ser humano com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestimoso administrador ou mesmo como "máquina de fazer dinheiro", estende-se por sobre a vida feito uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce – se a disposição ascética resistir a essa prova – e o peso do sentimento da responsabilidade **não só de conservá-la na íntegra, mas ainda de multiplicá-las para glória de Deus através do trabalho sem descanso**. Mesmo a gênese desse estilo de vida remonta em algumas de suas raízes à Idade Média como aliás tantos outros elementos do espírito do capitalismo [moderno], mas foi só na ética do protestantismo ascético que ele encontrou um fundamento ético conseqüente. Sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é palpável. (WEBER, 2004, p. 155, grifo nosso)

A vocação, entendida como uma ordem de Deus, pode assim trazer um significado religioso ao trabalho executado no dia a dia e portanto, reforçar a lógica do sistema capitalista e camuflar as desigualdades sociais e as condições de trabalho muitas vezes exploratórias.

A expansão da colonização dos povos americanos, por parte dos europeus, possibilitou também que as ideias do protestantismo chegassem em outros continentes. No Brasil, o protestantismo tem raízes nas concepções norte-americanas e embora haja influências da cultura local – sobre este assunto trataremos no item mais adiante – sobre os cultos é possível perceber traços dessas raízes até os dias atuais.

Um exemplo importante desse processo é *The Send* constituído em maior parte por uma rede de missões americanas. Trata-se de uma configuração missionária de

⁶ Relacionado a metáfora do "corpo de cristo" descrito no livro de Coríntios (Bíblia Sagrada) que fala sobre o papel que cada indivíduo deve desempenhar dentro do corpo - que seria nos dias de hoje a igreja, os cristãos.

grande alcance, a primeira concentração aconteceu nos Estados Unidos em 2019. Essa rede reúne um conjunto de ministérios – grupos organizados com a finalidade de serviço a Deus – com uma proposta de trazer uma nova onda de avivamento, assim

[...] uma colaboração de ministérios nacionais se reuniu em Orlando, Flórida, para buscar a Deus. Acreditando que o impulso de base deve se tornar um movimento nacional, cada líder assumiu o compromisso de fazer o que fosse necessário para ver a reevangelização da América e a conclusão da Grande Comissão. O The Send nasceu. (THE SEND, 2020)

Dentre esses ministérios destaca-se o Dunamis Movement liderado pelo brasileiro Theo Hayashi. Embora a primeira edição só tenha ocorrido em 2019, essa estrutura já vem sendo processada desde 2016, com uma proposta de evangelização em grandes proporções, já que acontece uma concentração de pessoas em estádios esportivos.

No ano de 2020 no Brasil, foram lotados três estádios (dois em São Paulo e um em Brasília) com programação simultânea. Diversos palestrantes, pastores e lideranças religiosas americanas e brasileiras estiveram presentes com mensagens de “envio” para a missão, ou seja, evangelização e propagação da mensagem cristã pelo país. Desse modo é possível perceber a importação de um evento, com lideranças e estrutura norte-americanas para a realidade cultural brasileira, reforçando assim a influência religiosa protestante que permanece desde o início da implantação do protestantismo no país.

1.3 Igreja Evangélica no Brasil: protestantismo adaptado

Diversas vertentes do protestantismo chegaram ao Brasil, entretanto a maior influência na constituição histórica dessa expressão do cristianismo no país foram as concepções e princípios norte-americanos. Essas raízes são tão emblemáticas que, segundo Antônio Mendonça (2005), não é possível falar em um protestantismo brasileiro pois,

embora seja certo que as religiões universais, como são as protestantes, sempre assimilam ou mantêm traços das culturas locais, como me é permitido falar em catolicismo brasileiro, por exemplo, o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira. Continua sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e dependência teológica. Por

isso, prefiro falar em “protestantismo no Brasil” e não em protestantismo brasileiro. (MENDONÇA, 2005, p. 51)

Entretanto é inegável o fato de que a religião foi agregando traços locais a esses princípios. Esses segmentos se depararam com a diversidade cultural local dada a própria constituição do povo brasileiro na época. Embora ainda se mantivesse as bases, a liturgia, a formação e capacitação da liderança, características e corporeidades dos brasileiros foram incorporadas, nas formas de cultuar e se relacionar na religião. Além disso, é possível afirmar que o protestantismo influenciou movimentos sociais e políticos importantes no país. Distintos grupos sociais, historicamente, se organizaram e mobilizaram revoltas e movimentos sob forte influência do cristianismo, especialmente a vertente católica.

O Brasil tem sido especialmente pródigo na geração de movimentos messiânicos. Desde o primeiro século colonial, índios guaranis puseram se em busca da “terra sem males” e indígenas destribalizados constituíram os chamados “movimentos de santidade”. Mas a maioria deles, ou pelo menos aqueles sobre os quais se tem maior documentação, transcorreu entre populações sertanejas, do nordeste ao sul do país, no período de pouco mais de um século, a partir de cerca de 1820. [...] Todos esses eventos são “movimentos rústicos”, segundo a autora, movimentos típicos de sociedades tradicionais, de base patrimonialista estruturalmente assentados em parentelas motivados pelas crenças do catolicismo popular. (NEGRÃO, 2015, p. 50)

Contudo algumas igrejas protestantes também fizeram parte desse processo. Após os anos de 1930, com a urbanização e industrialização, esses movimentos diminuem no país, não conseguindo mobilizar tantos adeptos quanto os anteriores. De acordo com Lísias Negrão (2015)

Dentre os cinco que tenho conhecimento apenas dois originaram-se em contexto rural. Em primeiro lugar, por ordem cronológica, o famoso caso do Demônio no Catulé, ocorrido entre membros da Igreja Adventista da Promessa em um grotão mineiro [...]. O segundo consistiu no “exército da salvação” organizado por Aparecido Galdino, o Aparecido, na década de 1960, no interior paulista. Os demais tiveram como cenário regiões metropolitanas ou cidades de porte médio [...]. Os dois movimentos inicialmente citados não fogem aos moldes dos movimentos rurais, rústicos. Talvez a novidade seja a presença do imaginário bíblico protestante entre os elementos desencadeadores do primeiro deles. Não se pode esquecer de que a Revolta dos *Mucker* no Rio Grande do Sul, no século XIX, tinha uma base mítica protestante [...]. (p. 61)

Diante das transformações sociopolíticas na América Latina e no Brasil, a igreja protestante também foi sofrendo alterações. Se antes havia um discurso fortemente nacionalista (Era Vargas) e com a perspectiva de unir em uma só as igrejas protestantes no Brasil, a partir de 1945 há uma politização dos jovens. Mendonça (2005) vai dizer que nesse período,

O protestantismo, já em sua terceira geração no Brasil, formara em seu seio uma juventude burguesa intelectualizada pelo acesso às universidades que foram surgindo no período anterior. Treinados para liderança em suas igrejas, esses jovens começaram a ter logo parte ativa nos quadros estudantis que formavam os centros acadêmicos nas escolas superiores e, assim, passaram a ver a realidade sob outro ângulo, ou melhor, voltariam suas faces para o mundo real. Perceberam o quanto suas igrejas estavam alheias ao que se passava fora de suas portas. (p. 59)

Essa politização foi se estendendo de forma progressiva e influenciando algumas camadas protestantes. Entretanto nos anos 1950 com a industrialização e o crescimento das cidades fruto de uma migração da população do campo, houve também uma migração religiosa que buscava religiões mais práticas e relacionadas ao cotidiano (MENDONÇA, 2005). Há um avanço das igrejas pentecostais (das quais descreveremos melhor mais adiante) que tinham um forte apelo a ideia de “cura divina”, o que representava solução para problemas. Essas questões começaram a gerar uma crise interna no movimento protestante. Nos anos seguintes há ainda as divergências quanto ao apoio ou resistência ao período de ditadura militar instaurada no país, enquanto umas igrejas muito afetadas pelos movimentos estudantis de suas universidades eram contra outras se associavam ao sistema.

Cabe ainda ressaltar que não chegou aqui apenas uma vertente protestante, e assim como esse segmento não é homogêneo, o seu estabelecimento no Brasil também não o foi. Essas divergências podem ser percebidas na própria forma de organização e estratégias que o protestantismo criou para se estabelecer aqui. Segundo Mendonça (2005),

Para muitos protestantes, a prioridade era converter pessoas ao protestantismo e promover o crescimento das igrejas; para outros, era necessário “educar para civilizar”, causa que era óbvia na mentalidade missionária norte-americana. (p. 55)

Essa multiplicidade de ideias se reflete até os dias atuais, posto a quantidade de denominações que existem hoje no país. Cabe destacar ainda que no final do século XIX todas as denominações protestantes tradicionais ou históricas já haviam se estabelecido em terras brasileiras (MENDONÇA, 2005) e com os anos outras vertentes foram ganhando força.

É possível observar uma fragmentação desse bloco. A igreja protestante brasileira é constituída por diversas denominações que provêm desde o protestantismo primitivo, sofrendo alterações e modificações ao longo dos anos. Para melhor esclarecer essas vertentes a pesquisadora Magali Cunha (2004) elaborou uma síntese que representa cada uma delas:

a) Protestantismo Histórico de Migração, que tem raízes na Reforma do século XVI, chegou ao Brasil com o fluxo migratório estabelecido a partir do século XIX, sem preocupações missionárias conversionistas. É representado pelas igrejas Luteranas, Anglicana e Reformada; **b) Protestantismo Histórico de Missão (PHM)**, também originado da Reforma do século XVI, veio para o Brasil trazido por missionários norte-americanos no século XIX. Corresponde às igrejas Congregacional, Presbiterianas, Metodista, Batista e Episcopal; **c) Pentecostalismo Histórico**, assim chamado por suas raízes nas confissões históricas da Reforma, veio para o Brasil no início do século XX com objetivo missionário. É caracterizado pela doutrina do Espírito Santo, ou seja, pela condição que os adeptos devem assumir de um segundo batismo, o batismo do Espírito Santo, caracterizado pela glossolalia (o falar em línguas estranhas). Composto pelas Igrejas Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Evangelho Quadrangular; **d) Protestantismo de Renovação ou Carismático**, que surgiu a partir de expurgos e divisões no interior das chamadas "igrejas históricas", em especial na década de 60, caracterizado por posturas influenciadas pela doutrina pentecostal. Mantém vínculos com a tradição da Reforma e com a estrutura de suas denominações de origem. É formado pelas Igrejas Metodista Wesleyana, Presbiteriana Renovada e Batista de Renovação, entre outras; **e) Pentecostalismo Independente** que, sem raízes históricas na Reforma do século XVI, surgiu (e surge ainda hoje) de divisões teológicas ou políticas nas "denominações históricas" a partir da segunda metade do século XX. Tem como especificidades sua composição em torno de uma "liderança carismática", a pregação da Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual, a prática constante de exorcismos e curas milagrosas e o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico. Sua enumeração é difícil dada a profusão constante de novas igrejas: entre outras, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Casa da Bênção e Universal do Reino de Deus. **f) Pentecostalismo Independente de Renovação** que apareceu no final do século XX e ganha força no início do século XXI. Possui as características do Pentecostalismo Independente (alguns autores tratam este grupo de igrejas integrado ao outro) mas diferem dele por terem como público-alvo as classes médias e a juventude,

estruturando seu modo de ser para alcançá-los. Esse modo de ser atenua a ênfase no exorcismo e nos milagres e ressalta a prosperidade e a guerra espiritual. Grupo de igrejas composto pela Renascer em Cristo, Comunidades (Evangélicas, da Graça), Sara a Nossa Terra e Bola de Neve, outras. Cumpre mencionar que há ainda grupos que, a rigor, não são considerados protestantes pelos estudiosos do assunto, embora aceitos, no senso comum, como tais. São as Igrejas dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), Adventista e as Testemunhas de Jeová. Eles têm como traço comum o fato de originarem-se nos Estados Unidos como fruto de experiências místicas de seus líderes. (p. 17)

Cabe destacar que essas denominações dadas a igreja no Brasil, cada vez mais se multiplicam, não sendo possível muitas vezes contabilizá-las. Atualmente já é possível encontrar as igrejas inclusivas, que consagram pastores e pastoras homossexuais, por exemplo, a igreja cristã contemporânea⁷. Além das igrejas voltadas para pensar temáticas específicas como as questões da mulher e do negro na bíblia e no próprio cristianismo. Há também movimentos religiosos independentes como a Frente de evangélicos pelo estado de direitos⁸, entre outros, que aparecem na contemporaneidade como formas de expressão da fé evangélica com a perspectiva de trazer mudanças estruturais para a prática religiosa no país.

Ademais, é importante mencionar que a organização, a doutrinação e a forma de lidar com os sujeitos e conseqüentemente com o corpo e outras dimensões da própria existência vai variar de acordo com própria interpretação que seus líderes fazem das escrituras sagradas (Bíblia). Bem como as normas e condutas que refletem na vida social dos fiéis. Segue abaixo algumas imagens de igrejas protestantes no Brasil.

⁷ Comunidades de fé com templos no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Espírito Santo. Trata-se de uma denominação evangélica que aceita e inclui os homossexuais em sua liderança (incluindo pastores), organização e demais dinâmicas da igreja. Para saber mais, ver: <<https://igrejacontemporanea.com.br/>>.

⁸ Caracterizado pelo ativismo protestante, o movimento social progressista se faz presente em diversos estados brasileiros, com a proposta de lutar por justiça social e de denúncia da mercantilização da fé.

Figura 1 - Escola dominical Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (SC), 1952



Fonte: acervo Fundação Cultural de Brusque, 2020.

Figura 2 - Igreja Metodista em Pilares, Rio de Janeiro, 2010



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3 - Igreja evangélica Metanoia, Rio de Janeiro, 2017



Fonte: MAIA, 2015.

No Brasil, os fiéis da Igreja Protestante recebem ainda o nome de evangélicos, essa nomenclatura tem estreita relação com os ensinamentos contidos nos “evangelhos”, as “boas-novas” trazidas por Jesus. Segundo Mendonça (2005)

Note-se aqui que os próprios protestantes desde o início de sua presença no Brasil, ainda no século XIX, preferiam o conceito “evangélico”. Bastam dois exemplos: o primeiro jornal protestante publicado no Brasil, que circulou de 1864 a 1892, chamou-se Imprensa Evangélica, como também a Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934 e extinta nos primeiros anos da década de 60 do século passado. Desde os primeiros tempos os cristãos não-católicos no Brasil se identificam como evangélicos [...] (p. 50)

Essa nomenclatura possui um simbolismo forte na sociedade brasileira até os dias atuais. Principalmente devido à grande exposição midiática e política nos últimos anos. Além dos grandes eventos de proporções nacionais, como a Marcha para Jesus⁹, há um aumento na produção de arte e cultura, moda e turismo específico para esse público.

⁹ É um evento internacional e interdenominacional aberto ao público que ocorre anualmente em algumas cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Reúne evangélicos, pastores, grupos de música e

Os evangélicos possuem características específicas que os identificam, muitas vezes relacionadas a hábitos, costumes, modos de se portar em determinados lugares, modos de se vestir, constituindo identidades. É possível perceber ainda esses traços no comportamento e nas opiniões diante de determinados assuntos como por exemplo a legalização do aborto, o casamento homossexual, etc. Vale ressaltar que não se trata de uma única visão, o contexto é amplo, heterogêneo e embora seja coletivo, as individualidades existem.

Essa camada da sociedade pode se caracterizar ainda, pela evangelização, em busca de novos adeptos, por meio do proselitismo religioso. Campanhas, convites, eventos de “impacto”, uso da mídia e das redes sociais e outras distintas formas de espalhar a mensagem com os ensinamentos de cristo, podem ser observadas na contemporaneidade. Esse trabalho se reflete nos números estatísticos, segundo o censo demográfico do IBGE em 2010, os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil, no período intercensitário “em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010). Contudo dados da pesquisa do Instituto Datafolha¹⁰, publicada no ano de 2020, apontam que o número de evangélicos no país corresponde a 3,0% da população, sendo sua maioria, mulheres negras.

Atualmente é possível perceber também um protagonismo desse segmento principalmente na política, tanto no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff em 2016, quanto na eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, com uma massiva campanha político-partidária dentro das igrejas. Esse clima de disputa gerou uma crise interna, uma vez que muitos membros não concordaram com tal postura¹¹. Ademais cabe mencionar que

O Brasil chegou ao último quartel do século XX com um mercado religioso já consolidado em face de grande crescimento evangélico, [...] fazendo-se bastante presente nos meios de comunicação massivos e na política partidária. (SOUZA, 2019, p. 20)

lideranças religiosas. Na última edição em 2019 contou com a presença do presidente da República Jair Bolsonaro.

¹⁰ Pesquisa divulgada pelo Jornal Folha de São Paulo, em 13 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>>. Acesso em: 23 de jul. 2020.

¹¹ Há alguns estudos já publicados sobre esse cenário, contudo esta discussão não é o objetivo deste trabalho por isso coube somente apontá-la.

Por fim, é importante dizer que os evangélicos se constituem, enquanto uma categoria móvel, posto que, possuem “[...] uma perspectiva específica da construção da realidade que se repõe à medida que se transformam, fundem, misturam, realizam alianças, segmentam-se, multiplicam-se[...]” (MAFRA, 2001, p. 12). Trata-se de uma dimensão, como por exemplo a cultura, que está imbricada com outras e, portanto, são feitos ajustes o tempo todo, uma adaptação para se manter vivo. Daí a necessidade de acordos, com o próprio contexto socio-histórico no qual está inserido, buscando atender essas demandas como por exemplo a reconfiguração de espaços físicos e arquitetura das igrejas¹², as flexibilizações nas normas e regras quanto ao vestir e se portar, a própria configuração das formas de adoração, assimilando outras artes para além da música nesse contexto.

1.4 Corpo, Dança e ambiente

O corpo é alvo de estudos diversos de áreas distintas. Contudo aqui se propõe trazer um entendimento de corpo que dialoga com a concepção de Dança presente neste trabalho. Um corpo compreendido em sua totalidade, corpo propositivo, que coexiste com o ambiente em que está inserido, um corpo uno, sem dualismos e mídia de si mesmo (KATZ; GREINER, 2005).

O autor Daniel Dennett (1997), em seu livro *Tipos de Mente*, traz uma reflexão sobre mente e suas possibilidades em seres vivos. Ele traz apontamentos a partir da Filosofia baseada na *coevolução*, ou seja, pensada na relação corpo – ambiente através da experiência. O entendimento de corpo aqui é de um complexo uno e vivo, onde coexistem tipos de mentes diversos. O corpo, portanto, é compreendido como um processo *coevolutivo* que se constitui enquanto *corpoambiente*.

O autor ainda traz um entendimento de que no nosso corpo existem vários tipos de mente, não havendo, portanto, uma “central única de controle”. A mente está no corpo e não restrita ao cérebro, até porque cérebro também é corpo! Todo o corpo absorve e troca informações com o ambiente, sendo assim entende-se que:

A evolução corporifica informação em todas as partes de todos os corpos. A barbatana de uma baleia corporifica informação sobre o alimento que ela come e sobre o meio líquido no qual encontra seu

¹² Há uma modernização desses espaços para melhor atender as diferenças do público que frequenta diferenças de classe, de gênero e geracionais.

alimento. A asa de um pássaro corporifica informação sobre um meio em que realiza o seu trabalho. Mais dramaticamente, a pele de um camaleão transporta informação sobre o seu meio ambiente atual. As vísceras de um animal e seus sistemas hormonais corporificam uma grande dose de informação a respeito do mundo em que seus ancestrais viveram. Esta informação não precisa absolutamente ser copiada no cérebro. Não precisa estar “representada” em “estruturas de dados” no sistema nervoso. Ela pode ser explorada pelo sistema nervoso, porém, que é projetado para depender, ou explorar, a informação nos sistemas hormonais exatamente como é projetado para depender, ou explorar, a informação corporificada nos membros e nos olhos. Portanto, há sabedoria, particularmente a respeito de preferências, corporificada no resto do corpo. (DENNETT, 1997, p. 75)

Essas informações que são aprendidas, nos ajudam a tomar decisões diárias e reverberam em nossas escolhas e ações, assim como também possibilitam a nossa permanência e existência no mundo. Elas chegam até nós por meio da experiência, que é a nossa condição de conhecer, nos permite acionar múltiplas inteligências, acionar a memória, a percepção e a atenção.

Dennett destaca ainda que o cérebro humano é complexo e funciona por meio de fibras nervosas que propagam informações por pulsos e operam por dispositivos transdutores (relacionado a entrada e captação) e efetadores (relacionado com a saída, fazendo com que a informação aconteça em outro meio) que estão espalhados pelo corpo.

Esta perspectiva *biofilosófica* nos leva ainda a uma compreensão de corpo e ambiente enquanto instâncias que coexistem. Essa coimplicação entende a existência de uma “[...] continuidade entre essas duas instâncias do processo configurativo das estruturas e dos modos de existência tanto do corpo quanto dos contextos” (BRITTO, 2011, p. 5). Assim o corpo é também social, cultural, filosófico e conseqüentemente relacional com as situações que o constituem.

Todo nosso corpo processa e produz informação, em troca com o ambiente, ele agencia, negocia e escolhe informações. Assim diferentemente de outras mídias de comunicação o corpo atualiza em tempo real as informações se adequando ao espaço e ao contexto, afeta e é afetado. Nesse sentido, é mídia de si mesmo, não mais um a ideia de depositário. De acordo com a Teoria Corpomídia, desenvolvida por Helena Katz e Christine Greiner (2005),

[...] corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar

onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia ao qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. (p. 131)

O corpo é, portanto, propositor de informações constante que se atualiza em um fluxo contínuo a partir da interação com si mesmo, com outros corpos e com o ambiente. Desse modo entende-se que o ambiente no qual o corpo se insere e interage, interfere diretamente na forma como essas informações são reorganizadas e corpadas.

É possível observar que essas implicações se dão tanto no âmbito sociocultural quanto na esfera dos processos físicos, químicos, biológicos e de outras naturezas que constituem essa complexidade viva que é o corpo. Há um diálogo estabelecido entre os processos adaptativos e (co)evolutivos dessas instâncias, processo esses que são também temporais. Nesse sentido cabe pensar que,

É a temporalidade que articula corpo e espaço, instaurando movimento. E parece ser esta, a chave do raciocínio para compreender analisar seus modos relacionais e a configuração de suas resultantes cooperativas: ambiências e corporalidades. (BRITTO, 2008, p. 12)

São categorias móveis, em uma perspectiva de estados. Desse modo respirar, andar, comer, entre outras ações, por mais simples que sejam, constituem uma teia de aglutinações, que geram outras informações. Fazem, desfazem e se refazem, no espaço-tempo, constituindo novos arranjos em um fluxo que não termina. Nessa relação de interação sem fim, são feitos acordos, adaptações e negociações.

Na esfera da interação social é possível notar o corpo também como um complexo de símbolos que o constituem e o identificam, para além de um complexo biológico vivo,

[...] o corpo é um complexo de símbolos. [...] Um sistema de símbolos que está sempre presente no comportamento social em relação ao corpo, ou no comportamento do corpo em relação à sociedade, mesmo que esta presença seja apenas uma associação simbólica, presença absentia, porque qualquer mensagem supõe a totalidade do sistema de que provém. (RODRIGUES, 1980, p. 130)

Nesse sentido, o corpo é impregnado de identidades e significados. O corpo evangélico, que está relacionado diretamente à essa pesquisa, aparece como um corpo que carrega informações que simbolizam modos de ser e identificam memórias e pertencimento.

1.5 Corpo e cristianismo

Questões referentes ao corpo do evangélico sempre foram complexas e controversas já que ao mesmo tempo em que o corpo é o lugar de manifestação do sagrado, ele é o lugar do pecado. Essa ideia de lugar do pecado tem a ver com a concepção histórica de dualidade entre corpo e alma fundante no cristianismo e consequente negação do corpo principalmente na Idade Média. Contudo é possível observar outra interpretação devido a herança do pensamento judaico sobre o corpo. Um pensando no homem integral em que o corpo físico também seja um espaço “sagrado” e não apenas um depositário de pecados e práticas que desagradam a Deus.

Essa discussão sobre corpo e alma tem relação com a própria construção do cristianismo enquanto religião. O cristianismo foi constituído por ideias vindas da filosofia grega e do pensamento do Judaísmo. Para o Judaísmo não há dissociação entre corpo e alma, o ser é uno corpo espírito, carne. Já na filosofia grega há o dualismo e separação entre corpo e mente (SALLES, 2014).

Cabe destacar ainda que o corpo é visto como morada de Deus e a relação com o sagrado se dá via corpo. As manifestações, os ritos, os cultos se dão com o corpo que é presente no ambiente. Assim o corpo no cristianismo atua como mediação entre o sagrado e a relação com os homens destacando-se que o próprio Deus encarnou em forma humana na figura de Jesus Cristo, se tornando, portanto, corpo

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e **o Verbo era Deus** [...] **E o Verbo se fez carne**, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (BÍBLIA, João 1, 1 e 14, grifo nosso)

Ademais, Gélis (2008) aponta que

o corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado. Jesus, o Filho, está presente no mundo por seu percurso humano. Ele nasceu nesta Terra, viveu e

morreu consumando no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo à perseguição, para salvar os pecadores. Da encarnação a ressurreição é sempre do corpo que se trata, do corpo de um Deus de amor que aceitou sacrificar-se antes de voltar ao céu por esta sequência última, a ascensão. "O cristianismo foi instituído sobre a perda de um corpo, a perda do corpo de Jesus". O cristocentrismo que apareceu na idade média foi acentuado pelos padres conciliares reunidos em Trento, quando colocaram Cristo no centro da pastoral da salvação, conferindo a cada etapa da sua vida na Terra, principalmente a sua paixão, uma dimensão cultural essencial. (p. 23)

No percurso histórico do cristianismo e posteriormente no cristianismo protestante houve diversos entendimentos e visões com relação ao corpo, ora dignificado (devido ao Jesus ter sido Deus encarnado) e ora rejeitado (ideia do homem pecador).

A diferença que se adivinha na abordagem diferencial do corpo, entre os católicos e os protestantes, é sem dúvida uma ilustração das respostas diferentes trazidas pelos contemporâneos as grandes questões que se colocam a eles desde o fim do século XV. Para os protestantes, o que importa é dar aquele ou aquela que se encontra em situação crítica os meios de superar suas dificuldades e de vencer suas angústias, aceitar sua sorte, não para abandonar a partida, mas ao contrário para aprender a dominar-se e assim ultrapassar-se. (GÉLIS, 2008, p. 125)

O próprio movimento de Reforma não tinha uma visão homogênea sobre o assunto, Lutero acreditava em um corpo uno, morada de Deus, já Calvino defendia a ideia de aprisionamento do corpo morada de Deus em uma perspectiva de negação. Essas divergências de opiniões permanecem até os dias atuais, contudo novas concepções de corpo vêm sendo tecidas, estando diretamente ligadas a forma de organização da relação estabelecida entre corpo, religião e sociedade.

O corpo introduz novas práticas ao ritual cristão na contemporaneidade, a Dança é um exemplo disso, que remete a uma maior liberdade de expressão mas que dialogicamente traz mais controle para esse corpo no sentido principalmente de como ele pode existir nesse contexto. Cabe portanto, pensar em um corpo disciplinarizado e docilizado na perspectiva foucaultiana, o corpo evangélico se aproxima da ideia de corpo dócil onde é "[...] dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 1999, p. 157), no sentido de estar submetido a uma ideologia disciplinatória, posta pelas regras e mandamentos

desta religião. O corpo pode existir dentro de determinadas regras de condutas e controle, além de cumprir sua missão de propagar as mensagens desta religião.

O corpo evangélico carrega contraditoriamente as marcas de um evangelho tradicional, moral, com muitas restrições em relação a corporalidade mas que entende também que esse corpo é onde se dá a manifestação do sagrado, por onde flui a adoração a Deus e que precisa se comunicar com a sociedade “fora” da igreja. Para sobrevivência é preciso que essas corporeidades se amoldem às ocorrências da própria sociedade. Assim cabe pensar em um corpo que existe em um contexto religioso e que, reflete essas relações de tensão, de poder e dominação, corrobora com a permanência e difusão de uma ideologia, mas que também encontra brechas para tencionar a estrutura.

Não existe corpo sem ambiente, há negociação entre essas instâncias o tempo todo e nesse sentido para que o corpo evangélico sobreviva tanto na igreja quanto fora dela são necessários adaptações e reorganizações.

1.6 Dança

Tudo que é se move, todo corpo é movimento e até o que aparentemente não se move, se move enquanto possibilidade de mover-se. O movimentar-se é inerente à própria existência humana. Desde o nascimento até a morte o ser humano se movimenta, seja na respiração, no sangue que corre nas veias, nos batimentos cardíacos, enfim, em todas as nossas ações.

Pensar no movimento corporal é pensar também em Dança, pois é nessa ação que a Arte se instaura. Diversas disciplinas teceram estudos e olhares sobre a Dança, as Ciências Sociais, as Ciências da Saúde, Filosofia, entre outras. Contudo a Dança é conhecimento e ela própria tem se estabelecido como área de pesquisa e de produção de saber.

Assim, a Dança pode ser entendida enquanto um tipo de conhecimento que se dá a partir de uma prática, onde se relacionam aspectos diversos – corpo, espaço, ambiente, emoções – que nos constituem enquanto seres humanos. A Dança é o pensamento do corpo (KATZ, 2003) e pensar também é uma ação. Nesse sentido cabe o entendimento de ações trazido por Maturana (2001) onde,

Estou chamando de ações tudo o que fazemos em qualquer domínio operacional que geramos em nosso discurso, por mais abstrato que

ele possa parecer. Assim, pensar é agir no domínio do pensar, andar é agir no domínio do andar, refletir é agir no domínio do refletir, falar é agir no domínio do falar, bater é agir no domínio do bater [...] (p. 127)

Entender a Dança enquanto uma ação cognitiva passa pelo próprio entendimento de como este processo se organiza corporalmente. O cérebro estabelece correlações que constituem conceitos e que encarnam tornando-se corpo. Desse modo a prática de Dança, que se dá em um contexto cultural e social, pode ser entendida também a partir da perspectiva biológica, de que ela ativa a parte motora do cérebro possibilitando perceber a ação neural desse movimento.

Cabe ressaltar que a própria produção de conhecimento é indissociável do corpo, assim “[...] a habilidade de dançar se constrói através do sensório-motor do corpo que, como qualquer outro organismo se transforma pela informação que agrega” (GREINER, 2003, p. 85). A Dança enquanto ação cognitiva no corpo relaciona aspectos culturais mas também biológicos que se afetam e se definem mutuamente. No dançar todo corpo é acionado e opera do mesmo modo, Katz (2003) aponta que,

Eis a proposta do que acontece quando um corpo dança: a) ocorre um influxo nervoso por ignição espontânea ou sinal exterior b) inicia-se uma dinâmica entre os conjuntos celulares (pré-mapas); c) a partir da pulsação, os processos internos inscrevem os “mapas” em relação ou não com o meio. Tais “mapas” transformam-se em quase hipóteses e estas resultam num julgamento de percepção. Nesse momento o corpo mostra o resultado do processo: dá nascimento ao movimento. O tipo de movimento que percorre essas três etapas é o movimento de dança – o pensamento desse corpo. (p. 272)

Assim a Dança é corporificada e, portanto, no dançar, o corpo se organiza de diversos modos, movimenta-se e produz conhecimento. Para além de movimentos e repetições do mesmo, a Dança se estabelece de modo relacional, onde o corpo e ambiente atuam de modo coimplicados, Fabiana Britto (2011), diz que

entre o corpo e seu ambiente de existência vigora um relacionamento de co-implicação que imprime um sentido de reciprocidade aos seus respectivos processos de configuração. Uma idéia de dança é formulada corporalmente, a partir das sínteses resultantes desses relacionamentos coadaptativos que o corpo estabelece em seu contexto de existência. (p. 3)

Essas dimensões são indissociáveis e operam no dançar, nas configurações mais diversas. Na história da Dança, entendimento de corpo, estilos, modos de fazer

e técnicas se estabeleceram de forma dialógica. Através dos tempos a Dança vem se constituindo

[...] dança é, portanto, um produto histórico da ação humana: cada corpo constrói uma dança própria que, no entanto, é relativa ao conjunto de conhecimentos disponibilizados em cada circunstância histórica e aos padrões associativos que o corpo desenvolve para estabelecer as suas correlações com o mundo – outros corpos, outras danças, outros conhecimentos. (BRITTO, 2008, p. 30)

Desde as danças sagradas, ritualísticas, danças populares, clássicas, modernas, danças de rua, de salão até chegar ao que se entende hoje como dança contemporânea, é possível perceber o conhecimento produzido e transmitido pelo corpo. Ademais esse fazer potente e presente na vida humana, possibilita estudos, pesquisas e ampliação nos seus modos de ocorrer.

Por fim, cabe pensar na dança ainda como uma ação política potente nos processos de subjetivação do corpo, onde se constroem discursos, posicionamentos críticos e reflexivos sobre a realidade. Não se trata de um entendimento generalista em que toda dança é política, mas o entendimento de uma possibilidade onde corpo e ambiente de modo coimplicados, configuram na dança realidades e abstrações dela, se necessário, para problematizar, tencionar e questionar essas dimensões.

Essas dimensões abordadas de forma sucinta neste capítulo se constituem mutuamente, e, portanto, não podem ser olhados e analisados isoladamente. Corpo Dança e religião se imbricam e expressam uma possível forma de se relacionar com o mundo e com o que se acredita ser sagrado. Katz e Greiner (2005) apontam que

Afinal, nem tudo o que se comunica opera em torno de mensagens já codificadas. Há taxas diferentes de coerência, incluindo, por exemplo, a comunicação de estados e nexos de sentido que modificam o corpo. Esses processos têm lugar no tempo real de mudanças que ainda estão por vir, no ambiente, no sistema sensorio motor e nervoso. Quem dá início ao processo é o sentido do movimento. É o movimento que faz do corpo um Corpomídia. (p. 133)

Portanto, o corpo que dança pode ser entendido como Corpomídia de um contexto religioso gestado a partir dessas relações postas, uma vez que essas dimensões se coimplicam e se constituem mutuamente. Corpo e Dança de constituem ainda, como um modo de conexão e corporificação, ainda que simbólica, entre a humanidade e deus(es). Assim, falar de Dança no contexto evangélico é caminhar por

essa teia de compreensões que possibilitam um olhar crítico reflexivo sobre esse fazer na contemporaneidade.

CAPÍTULO II

DANÇA ENTRE OS EVANGÉLICOS: MODOS DE OCORRÊNCIA

Diante de um mapeamento das práticas de Dança na igreja evangélica – por meio de observação participante, visitas em algumas igrejas e busca em *sites* e redes sociais – foi possível perceber que a dança *gospel* basicamente se configura em três modos de ocorrência. São eles: a adoração, dentro do ritual litúrgico de culto; a evangelização, nos espaços externos aos templos e as práticas de ensino que se estabelecem dentro e fora do espaço das igrejas. Sobre estes modos nos debruçaremos neste capítulo.

2.1 Marcos e pistas para um contexto histórico

A institucionalização da Igreja foi o período em que os seguidores de Jesus Cristo se organizaram enquanto um grupo com determinadas regras, padrões e normas de condutas para praticar sua fé. Essa instituição foi chamada de Igreja Católica Apostólica Romana. Houve, a partir de então, uma imposição do catolicismo como religião oficial, assim todas as formas de celebração pagãs foram abolidas, incluindo-se manifestações de Dança que eram associadas diretamente a festas “mundanas”. Luciana Torres¹³ (2007) aponta que

para Ossoona, foram dois os fatores que influenciaram na extinção da dança do culto cristão. Primeiramente, o fato de os ritos pagãos terem penetrado as cerimônias e os templos terem sido profanados com paródias. Em segundo lugar, pelo pensamento de valorização na crença da vida após a morte, o que enfatizava a oposição entre o terreno e o celestial, o espiritual e o carnal. O corpo passa, então, a ser obstáculo. (p. 66)

O corpo era tido como o lugar do pecado e portanto, as práticas corporais são pecaminosas e não agradam a Deus. Nesse contexto o corpo é como um recipiente onde o próprio Deus habita. Entretanto pesquisadores apontam que na Idade Média há alguns registros de manifestações de Dança associados à mensagem sacra:

Na Idade Média, em função dos anátemas lançados contra a dança pela Igreja, há uma ruptura no desenvolvimento de sua história. O

¹³ Pesquisadora Mestre em Ciência da Religião, pela Universidade Católica de Goiás, e uma das líderes da Companhia Rhema de Musical Teatro e Dança.

cristianismo, na sua condenação do mundo romano que apodrecia, englobou as artes que refletiam esta decomposição. Os padres da Igreja, Santo Agostinho entre eles, condenaram “esta loucura lasciva chamada dança, negócio do diabo”. Além desta maldição circunstancial, a contaminação do pensamento bíblico pelo dualismo grego levou São Paulo a opor o espírito aos sentidos e a desprezar o corpo: o bem no homem só está na alma, e todo mal vem da carne. Esta perversão dualista do cristianismo trouxe como consequências a consideração do corpo como um obstáculo à vida da alma e a orientação da vida para um outro mundo, com a negação da carne, que deve ser ignorada, punida, mortificada. (CALDEIRA, 2008, p. 4)

Com a Reforma protestante há uma proposta de regularidade na liturgia, na própria religião e uma separação clara entre sagrado e profano. Sendo assim, acredita-se que neste período a Dança tenha sido totalmente abolida da liturgia cristã.

A dança religiosa na Idade Média era uma herança popular que nunca deixou de ser suspeita para as autoridades eclesiásticas. É também verdade que, por manifestar a espontaneidade individualista, a dança não se enquadra de forma nenhuma nos cânones. Assim, os testemunhos mais interessantes sobre a dança religiosa na Idade Média são, antes de mais nada, os interditos que não cessaram de atingi-la. (BOUCIER, 2001, p. 46)

O protestantismo que veio para o Brasil tem influências norte-americanas, o que resultou no desenvolvimento da liturgia sem a presença da Dança, diferente da Música que se manteve na estrutura do culto evangélico. Todavia, a partir de 1960 inicia-se um movimento de renovação onde são inseridos novos instrumentos musicais e novos ritmos, incluindo os brasileiros, mas a Dança ainda não aparece nesse cenário de transformação da igreja. Para Carolina Gualberto¹⁴ (2007) isso pode estar associado à ideia de que os cristãos encontram dificuldade com a valorização do corpo e sendo assim reverbera ainda na busca por uma Dança sem corpo:

O que sinto na igreja é ainda uma busca por uma dança sem corpo. Impossível? Certamente, mas a maioria de nós ainda não crê nisso de fato. Só para variar, – os conceitos de uma dança ligada ao corpóreo existem em algumas poucas mentes, mas ainda não atingiram o corpo, Mais uma vez, a teoria separada da ação; o pensamento desligado do corpo; no fim, uma dança apenas de ideias. (GUALBERTO, 2007, p. 61)

¹⁴ Coreógrafa da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela escreveu um livro sobre dança na igreja intitulado “Dança - o que estamos dançando?”, que fala sobre a Dança na igreja e se propõe a mostrar reflexões sobre esta Dança e sobre a criação nesse espaço.

A própria igreja evangélica passou por transformações e reformulações ao longo dos anos. As formas de cultuar, a permissão para certos instrumentos musicais, uma maior liberdade nas vestimentas, o papel da mulher, entre outras. Essas mudanças atravessam o modo de ser cristão e conseqüentemente as formas de se relacionar com o corpo. Mais que um crescimento expressivo em termos numéricos,

[...] pesquisas sociológicas e antropológicas têm evidenciado, é que tal crescimento vem ocorrendo concomitantemente com uma ampla transformação na conduta e no modo de ser dos evangélicos. Mudança que se estende à forma desses religiosos se relacionarem com a sociedade e a cultura envolvente, o que é tanto causa como consequência dessa expansão numérica. Em suma, o tradicional rigorismo puritano e o notório sectarismo de parte considerável desse grupo religioso vêm sendo paulatinamente minimizados nos últimos anos. (JUNGBLUT, 2007, p. 144)

Nesse cenário de mudanças, adaptações e transformações, a Dança retorna ao ambiente cristão evangélico brasileiro por volta aproximadamente dos anos 1990, embora haja indícios de movimentações associadas à Música e à expressão corporal desde anos anteriores.

As transformações na própria música evangélica com a permissão de instrumentos musicais – como, por exemplo, a bateria – e ritmos como o *rock* nos cultos visavam principalmente atrair o público jovem. Estevam Hernandes e Sônia Hernandes, fundadores da Igreja Evangélica Renascer em Cristo em 1986, em São Paulo, foram influências nesse processo de mudanças na forma de cultuar; eles instauraram um espaço que possibilitava aos fiéis, liberdade, inclusive para dançar:

Após receberem a doação do cinema Riviera de um empresário, membro da igreja, o espaço interno foi preparado para acolher e chamar a atenção do público jovem, dando espaço para a "liberdade no Espírito" permitindo livremente as manifestações artísticas da música **e dança** durante os cultos [...] Jogos de luzes foram colocados e as cadeiras foram retiradas, deixando o espaço livre para se sentar no chão e também para dançar durante as apresentações das bandas de *rock* como o *Katsbarnéa* e a banda Resgate, a banda Actos 2 (que depois por motivos jurídicos passou a se chamar de Banda *Kadoshi*) de *Black Music*, e a banda *Trôad* de pop/jazz. (SILVA, 2019, p. 57, grifo nosso)

Esse movimento foi muito influenciado pela igreja protestante norte-americana e aos poucos foi se espalhando pelo país; mais igrejas começaram a se reestruturar

e permitir a entrada desses novos jeitos de cultuar. É importante destacar que o contexto evangélico é muito heterogêneo e que, portanto, o fato de se espalhar para outras igrejas não quer dizer que virou uma característica de todo segmento evangélico. Algumas denominações até hoje não batem palmas, por exemplo, nos momentos de celebração.

Cabe destacar que nesse período de finais do século XX, a igreja evangélica e seus líderes cada vez mais apareciam em esferas diversas da sociedade. Há um aumento na exposição dos religiosos, especialmente na esfera política e os meios de comunicação. Machado e Nacif (2017) apontam que

Com o crescimento do número de evangélicos, a participação desse segmento religioso no cenário político brasileiro se tornou expressiva. No final do século XX, vários evangélicos foram eleitos para diferentes níveis de governo. Essa visibilidade na esfera pública dos evangélicos ocorreu em finais da década de 1990, impulsionada, principalmente, pelo segmento pentecostal, que modernizou a forma de comunicação e passou a expressar sua mensagem religiosa utilizando, progressivamente, os meios de comunicação; inicialmente, o rádio e a televisão, e posteriormente, as mídias eletrônicas. (p. 570)

Programas de televisão, rádios evangélicas e, nos dias atuais, *sites* e redes sociais influenciaram e fomentaram o aumento do número de adeptos ao evangelho, posto que há uma expansão na divulgação e exposição da fé cristã. Enquanto a igreja evangélica brasileira se reconfigurava, por meio de mudanças nas suas estruturas, na abertura ainda que pequena para formas diversas de prestar cultos, a Dança começa a aparecer novamente neste cenário. Torres (2007) apresenta alguns marcos históricos mapeados por ela, que apontam um panorama da história da Dança no culto cristão brasileiro:

Em 1982, a Embaixada Cristã de Jerusalém realiza a primeira festa dos tabernáculos liderada por cristãos. Nesta nova Festa dos Tabernáculos começaram a participar músicos, cantores e bailarinos cristãos profissionais de todo o mundo, que ministravam com música e dança. Em 1994, a bailarina brasileira profissional Sarene Lima de Manaus, hoje pastora evangélica, foi convidada a fazer parte deste grupo, tendo retornado a Jerusalém todos os anos desde então. Sua experiência pessoal do encontro da cultura hebraica com o cristianismo trouxe para o Brasil a visão de como se poderia dançar no culto a Deus. Sua técnica tinha por base a dança clássica. (TORRES, 2007, p. 85)

Cabe destacar que a festa dos Tabernáculos é uma importante festa no calendário Judaico-cristão. Além disso, Israel é um lugar simbólico e sagrado para os mesmos, pois segundo os Evangelhos, lá nasceu, viveu, morreu e ressuscitou Jesus Cristo. Continuando com Torres (2007):

Em 1995, a Companhia Rhema, de Goiânia, que já trabalhava com dança como forma de evangelismo, começa a trabalhar com dança como forma de louvor e adoração a Deus. Dirigida pela pastora e bailarina Adriana Pinheiro Diogo, o grupo se apropria da dança no culto de uma forma abrangendo, além do ballet clássico, os demais estilos de dança e priorizando a espontaneidade dos movimentos. O grupo inicia um evento nacional denominado “Evangelizando com arte”, que atrai grupos de todo o Brasil, interessados em se desenvolver nesta atividade. É o início de um forte movimento que surgiria no país. (p. 86)

A companhia Rhema tem como diretoras as pastoras Adriana Pinheiro Diogo e Luciana Pinheiro Torres, que são pastoras na igreja Ministério Luz para os Povos em Goiânia, Goiás. A companhia possui uma escola de formação, Cenarte, onde alguns dos integrantes da equipe trabalham como professores. Em 1996, surge o Festival Rhema - Evangelizando com Arte. Tratava-se, como é possível observar no vídeo para a chamada para o Festival de 2008, de uma proposta de aprimoramento técnico em Dança e Teatro e intercâmbio cultural. A página eletrônica do Festival¹⁵ também disponibiliza informações, bem como a programação do evento, que é composta por aulas, ministradas por professores, artistas da companhia e convidados, momentos de ensinamentos bíblicos e discipulado¹⁶.

Na figura abaixo, consta a programação do evento, disponibilizada pela companhia, no *site* de organização e divulgação do festival, que aconteceu no ano de 2019, entre os dias 7 a 12 de janeiro, em Goiânia.

¹⁵ <https://www.festivalrhema.com.br>.

¹⁶ Prática pedagógica entre os cristãos de transmitir e trocar conhecimentos da Bíblia e temáticas do cotidiano baseado nos princípios cristãos, na intenção de formar discípulos, seguindo o modelo dos doze discípulos que seguiam Jesus em sua passagem na terra.

Figura 4 - Programação do Festival Rhema - Evangelizando com Artes - 2019

<p style="text-align: center;">PROGRAMAÇÃO TERÇA - Dia 07</p> <p>14:00 as 18:00: Credenciamento/Check In - Local: Chácara / Goiânia 12:00 as 14:00: Almoço 18:00 as 19:00: /Jantar 19:30 as 22:00: Boas Vindas e Orientações Gerais, Louvor, Palavra 22:00: Encerramento</p> <p style="text-align: center;">QUARTA E QUINTA - Dia 08 e 09</p> <p>07:30 as 08:30: Café da Manhã 08:30 as 12:30: Discipularte e Palavras. 12:30 as 13:30: Almoço 14:15 as 15:15: Aulas Bloco 1 15:20 as 16:20: Aulas Bloco 2 16:30 as 17:30: Aulas Bloco 3 18:00 as 19:00: Jantar 19:00 as 22:00: Louvor, Palavra, Mostra Menorah 22:00: Encerramento</p> <p style="text-align: center;">SEXTA - Dia 10</p> <p>07:30 as 08:30: Café da Manhã 08:30 as 12:00: Discipularte e Palavras.</p>	<p>12:00 as 13:00: Almoço 14:00 - Saída para Teatro Oscar Niemayer 18:00 as 19:00: /Jantar 19:00 as 22:00: Festa em Israel 22:00: Encerramento</p> <p style="text-align: center;">SÁBADO - Dia 11</p> <p>07:30 as 08:30: Café da Manhã 08:30 as 12:00: Palavras e Fóruns de Liderança 12:00 as 13:00: Almoço 14:00 - Saída para Teatro Oscar Niemayer 15:00 as 18:00: Mostra e Palestras. 18:00 as 19:00: Intervalo 19:00 as 19:30: Louvor 19:30 as 21:30: Palavra e Mostra de Artes Menorah 22:00: Jantar de Encerramento</p> <p style="text-align: center;">DOMINGO - Dia 12</p> <p>07:30 as 08:30: Café da Manhã 12:00: Prazo máximo para deixar o Acampamento</p>
---	--

Fonte: Rhema, 2019.

Diante desse exemplo é possível perceber o quanto que a Dança aparece a serviço da igreja e de reforço dos princípios postos pela mesma. Em todos os momentos da programação do encontro que é destinado à Dança, há o atravessamento de estudos com princípios cristãos e bíblicos intitulados de “discipularte” e “palavra”. Por ter repercussão no país inteiro e no âmbito internacional, a Cia. Rhema (que já realizou turnês em diversos países como Portugal, Angola, entre outros) vem se tornando ao longo dos anos uma referência para grupos de Dança nas igrejas evangélicas.

No ano de 1997 outro grupo surge de modo expressivo entre os cristãos, segundo Torres (2007):

Em 1997, a bailarina Isabel Coimbra inicia, em Belo Horizonte, um trabalho de dança com o Grupo Mudança, na ocasião do processo de produção e ensaios para gravação do primeiro CD do Ministério Diante do Trono. Isabel Coimbra, que é professora de dança experimental e composição coreográfica da Universidade Federal de Minas Gerais, se apropria da dança experimental para sua adoração, utilizando-se de tecidos, enfatizando a dança espontânea como possibilidade de

fluência na adoração. O sucesso e o reconhecimento que o ministério alcança em todo o Brasil, frente às igrejas evangélicas de diferentes denominações, faz com que aumente a aceitação da dança em denominações até então fechadas para esta linguagem artística. (p. 86)

O Diante do Trono é um grupo de música vinculado à Igreja Batista da Alagoinha, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais e liderado pela pastora Ana Paula Valadão. Em 1998, o grupo lançou seu primeiro álbum, “Diante do trono”, e a partir desse ano até os dias atuais o grupo aparece como um exemplo para as igrejas cristãs brasileiras, já que suas músicas são conhecidas e cantadas em muitos templos. Na ocasião da gravação do CD e registro em vídeo, no templo da igreja em Minas Gerais houve uma participação com Dança¹⁷. No ano de 1999 na gravação do CD e DVD “Exaltado”, também houve a participação do grupo de Dança Mudança e de Isabel Coimbra. Esse modelo de Dança junto com as músicas tocadas, se repetiu em quase todos os CD’s e DVD’s do grupo até os mais recentes, no ano de 2019.

Uma vez que a Dança na igreja como forma de adoração a Deus juntamente com o grupo de Música é algo recente, o grupo Mudança serviu de inspiração principalmente para jovens que tinham vontade de dançar na igreja, mas não sabiam como fazer. Além disso, Isabel Coimbra escreveu o livro “Louvai a Deus com Danças”, publicado no ano de 2003, com a temática de Dança cristã e participou de eventos e congressos em todo o país, dando palestras sobre Dança na adoração – um dos modos como a Dança se apresenta entre os evangélicos. Há uma influência deste grupo principalmente pela comercialização de livros, palestras, *workshops*, e ministrações em igrejas. Cabe ressaltar que neste momento, no início dos anos 2000, a internet e todo o mundo de informações que ela carrega, ainda não tinham tanta potência como hoje.

Desde então outros grupos vem surgindo, e é possível perceber certa proliferação. A partir dos anos 2000 o dançar como adoração na igreja cristã evangélica começou a se espalhar de forma expressiva:

A partir de 2000 surgem vários outros registros de nomes que começaram a se destacar no trabalho de dança como adoração, influenciando grupos em todo o Brasil, como Gisela Morandi do

¹⁷ Diante do Trono Oficial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bfJXu0Cm6Og&list=PLXCHu1w8aX5rEyU7sLHRETgvUG0Qulq8M&index=11>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ministério Dança pelas Nações em Belo Horizonte, Gláucia Freire do movimento Companhia de dança, do Rio de Janeiro, Eliane Moura da Cia. Josac de Brasília, Alcina Villar do Rio de Janeiro com a Cia. Mudança, além de muitos outros nomes que têm se destacado neste processo de redescoberta da dança no culto evangélico. (TORRES, 2007, p. 87)

Alguns dos nomes de pessoas e companhias aqui mencionados se destacam não só pelo reconhecimento por parte dos cristãos, mas também por ser referência para grupos evangélicos em todo o país, a exemplo de Isabel Coimbra, Luciana Torres, Vivian Lazzerini, Cia. Rhema, Praise Cia. de dança, entre outros.

Figura 5 - Material de divulgação da Cia. Rhema, com fotos das pastoras Adriana e Luciana Pinheiro



Fonte: BERNASSI, 2010.

Figura 6 - Rute, o *ballet*: Moças de Boaz, Goiânia, 2011



Fonte: Rhema, 2011.

Figura 7 - Espetáculo “Rei Davi”, São Paulo, 2010



Fonte: Praise Cia. de Dança, 2020.

Como já mencionado, nos anos 2000 a Dança ganhou expressão nas igrejas evangélicas brasileiras, havendo um deslocamento da ideia de Dança ilustrativa para Dança enquanto parte da liturgia do louvor e adoração a Deus. A Dança não é mais vista com um mero acessório e nem preterida em relação a outras linguagens como a Música. Esse protagonismo, que também passou a ser do próprio corpo, abre espaços para a construção de subjetividades pela corporeidade e assim questionamentos e inquietações sobre o papel do fazer artístico nesse contexto.

A partir da participação brasileira na Festa dos Tabernáculos em Israel, a bailarina Sarene Lima, citada anteriormente, trouxe para o Brasil uma possibilidade de como se poderia dançar no culto (partindo de sua própria experiência pessoal

enquanto bailarina e afetada pela cultura hebraica cristã). Assim, é possível supor que esse evento disparador importa um modelo de fora do país, que foi adotado aqui e vem se adaptando aos contextos culturais e mercadológicos.

É possível ainda a reivindicação da Dança dentro de um novo entendimento no culto evangélico, onde a experiência individual é tão potente quanto a coletiva. Não só o pastor, ou quem está na direção do culto pode conduzir a adoração, através de palavras e textos, o dançarino pode também gerar um ambiente próprio para adoração. O corpo pode adorar a Deus com movimentos e não apenas com a voz como se instaurou historicamente na igreja. É possível perceber uma legitimação desse fazer justificada pela herança da cultura hebraica (berço do cristianismo, e onde a Dança tem forte presença) e a valorização do corpo na atualidade.

Embora a dança fosse operacionalizada para estratégias de evangelismo anos antes, ela ainda não alcançava o espaço dos cultos. Portanto, os dados obtidos em campo permitem a indicação de que o movimento gospel foi um facilitador para a dança se agregar na composição de um novo padrão de adoração ao apresentar-se junto aos cânticos. (RICCO, 2015, p. 51)

Assim, corpo, Dança e ritual litúrgico (religião) se (co)afetam, se constituem e nos remetem a um olhar para a Dança como prática legítima de cultuar, já que é no corpo que se dão as experiências com o sagrado.

Vale explicitar que no contexto inicial as danças eram limitadas, tanto em número de apresentações quanto em relação aos movimentos e ao figurino. Eram movimentações contidas, muitas vezes apenas gestuais. Ainda assim, já indicavam uma conquista de espaço, uma vez que já era o corpo em cena. Ricco (2015) aponta ainda que

[...] é fundamental a compreensão de que estava atrelada a uma prática mímica, trabalhavam próximo do gestual, apegavam-se às palavras da música e sua representação era literal. [...] existia a composição de um figurino improvisado pelas jovens adolescentes, de modo que não atraísse a atenção dos olhares para seus corpos. Vestiam togas antigas dos corais ou roupas largas, apenas dando visibilidade a mãos e rostos. (p. 52)

Geralmente essas apresentações eram realizadas em festividades ou em datas comemorativas, mas também havia apresentações nos cultos cotidianos. Nos eventos evangélicos, ou seja, fora dos templos, as coreografias agregavam mais elementos

e outras possibilidades de vestimentas; contudo, a ideia de não mostrar o corpo permanecia.

Ainda com relação a esses figurinos, embora eles sejam mais elaborados, ganhando brilhos, cores e adereços, é possível notar permanências nos modelos e combinações de cores por exemplo. Atualmente é possível encontrar confecções especializadas nesse tipo de roupa, o que movimenta uma outra camada. Cria-se um nicho mercadológico para vender e comprar produtos vinculados a essa prática. Um campo especializado que movimenta financeiramente o ambiente de fé.

Figura 8 - Modelo de roupa de dança com muito tecido



Fonte: VESTE DE ADORAÇÃO, 2012.

Figura 9 - Figurino do grupo de Dança Igreja Metodista de Cavalcante, Rio de Janeiro. Cantata de Natal, 2005



Fonte: acervo pessoal.

Congressos e eventos também passaram a fazer parte da agenda cristã. Pessoas importantes para a Dança na igreja eram convidadas a falar sobre a temática; surgiram festivais, mostras e escolas de dança.

A expansão desse fazer no cenário religioso pode ser percebida também pela busca por qualificação por parte dos integrantes, seja em cursos livres ou de graduação nas universidades. Há ainda festivais, congressos e eventos específicos voltados para este público, onde são oferecidas oficinas, ministrações com palavras bíblicas e apresentação de coreografias.

A relação entre a dança gospel e as universidades merece ser destacada, posto que muitos artistas cristãos têm buscado o ambiente universitário para se capacitar. Um exemplo importante é a própria Isabel Coimbra que, além de ser umas das pioneiras no campo da Dança cristã, é professora vinculada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, universidade na qual também leciona disciplinas na graduação em Dança, além de desenvolver pesquisa na área de Dança experimental.

Outro exemplo é o I Seminário de Dança Ministerial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que aconteceu nos dias 09, 10 e 11 de outubro de 2019. Este evento foi produzido por estudantes dos cursos de graduação em dança e destinado a todos os interessados na temática. Já na cidade de Salvador nos dias 04 e 05 de outubro de 2019, durante o I Seminário de dança da Igreja Lagoinha em

Salvador (BA), aconteceu uma mesa intitulada “Dança e suas influências” que contou com a presença da Prof^a. Dr^a. Isabel Coimbra e discutiu a relação universidade e dança evangélica. Houve mesas de debate com as temáticas que envolvem a universidade e o ambiente religioso, além de oficinas com profissionais de dança de técnicas variadas. Aconteceram também apresentações de espetáculos de companhias cristãs de Dança.

É possível observar uma contaminação entre os ambientes das universidades e das igrejas evangélicas, sob uma perspectiva de chancela e de legitimação, por parte dos sujeitos para sua atuação. Há a tentativa de uma construção do fluxo igreja – universidades trazendo a temática da dança para o debate, já que

[...] a busca pela legitimidade do conhecimento fornecido pela instituição educacional é importante para esse público. Visto que o campo da dança permite muita interferência, os diplomas escolares afirmam as práticas desse recém-formado. O aluno considera a religião como um campo de relações institucionais e simbólicas articulado às demais instâncias sociais, como uma estrutura de relações ao mesmo tempo estruturada por todas as instâncias sociais em interação e estruturante das práticas e representações religiosas. (RICCO, 2012, p. 11)

Cabe ainda destacar que os eventos mencionados podem refletir que, para os grupos de Dança envolvidos e para as igrejas que apoiam os mesmos, a Dança faz parte da pauta da própria comunidade religiosa, estando ela incluída na própria organização e no modo como a igreja opera. Esse fator justificaria a busca por qualificação dos bailarinos.

No entanto, embora se perceba que a relação de produção com a temática evangélica nas universidades, pelos próprios evangélicos, venha aparecendo e já existam textos, artigos e livros com a temática da Dança na igreja (COIMBRA, 2003; TORRES, 2007; SALLES, 2014), esse material ainda é pouco diante do crescimento e expansão deste fenômeno razoavelmente recente, que é a inserção da Dança no ambiente evangélico.

Ademais é importante mencionar que esse processo não é homogêneo. Algumas igrejas como, por exemplo a Renascer em Cristo, se destacam como potência artística no cenário evangélico, por ter uma companhia com rigor técnico, visibilidade no meio cristão e que de algum modo serve de referência para outros

grupos nos modos de dançar, vestir e adorar. Outras, no entanto, ainda associam a Dança ao lugar de pecado, e portanto, a rejeitam. Ricco (2015) aponta ainda que a

[...] nova relação entre Dança e igreja evangélica é um fator de desencadeamento de muitas polêmicas entre os cristãos principalmente em torno da forma de se relacionar com o corpo dentro do templo. (p. 33)

Assim não há consenso sobre o que seria essa *Dança gospel* e suas demais nomenclaturas. Afinal, para cada contexto há uma referência de pastor, de estilos de Dança, de permissões, acordos e de práticas.

Esta questão se relaciona diretamente com a própria complexidade do contexto evangélico, composto por diversas denominações, doutrinações e modos de existência, onde é possível notar a coexistência destes. Apesar de uma certa hierarquia de referências dentro deste cenário artístico da Dança evangélica, há um pluralismo estético para servir tanto à igreja quanto ao mercado. Uma espécie de “diversidade homogênea”, onde embora com roupagens diferentes se mantenham a mesma essência e lógica.

O termo *Dança gospel* e seus semelhantes nomeiam a prática de Dança nesses espaços. Não há, entretanto, uma definição única e específica para o termo, como já citado anteriormente. Vivian Lazzerini (2014) traz uma definição que abarca, ao meu ver, as demais. Para ela

os evangélicos têm usado a dança nos cultos, eventos cristãos e evangelismos como forma de adoração, louvor e mensageiros das boas novas (Bíblia). Esta dança evangélica é usada de forma peculiar, e direcionada ao público em Geral com mensagens de amor, fé, perseverança, gratidão, adoração, família, paz, amor, dentre outros sentimentos voltado a palavra de Deus. Não usamos movimentos com sensualidade, são movimentos com estilo, técnica e expressão e envolvidos pela música, e ministramos, (como dizemos) literalmente em sua mensagem. O importante nesta dança evangélica é a presença do Espírito Santo que chamamos de Unção, pois dançamos a Deus e não aos homens. Costumamos orar antes de ministrar e nosso figurino é totalmente discreto, cobrindo nosso corpo para que não seja visto como forma de atrativo e sedução, pois como diz a bíblia, o nosso corpo pertence a Deus. A Música usada é evangélica, pois temos grandes cantores e compositores que possuem este tipo de canção. (s/p)

Diante disso cabe o questionamento sobre quem pode dançar, uma vez que os evangélicos constituem um grupo que demarca a separação entre sagrado e profano, santo e impuro. Se a Dança é entendida nesse contexto como uma expressão de adoração, para ser aceita pelo divino, a pessoa “[...] que a realiza deve ser alguém consagrada ao Sagrado, se mantendo firme dentro dos padrões de Caráter e santidade do protestantismo” (TORRES, 2007, p. 76). Os bailarinos envolvidos precisam ter passado pelo processo de conversão ao cristianismo e estar alinhados com os princípios ditados pela igreja.

Esse processo de conversão é caracterizado pela aceitação da proposta da mensagem cristã, que diz respeito à salvação da alma. Além disso, Gomes (2011) aponta que “esse termo comporta uma ideia de transformação, tanto no nível das crenças como no nível das práticas [...] A conversão evoca ‘mudança de coração’, ‘um processo de mudança do senso de realidade’ [...]” (p. 157). Assim o cristão convertido apresenta mudanças em seu comportamento dentro e fora do espaço religioso. Se estabelece, portanto, distinções entre quem pode ou não dançar nesses rituais, reforçando a ideia de separação pautada na percepção de santidade¹⁸, um dos princípios de uma vida cristã.

Ainda sobre quem pode dançar ou não, cabe a discussão, embora limitada e insuficiente neste trabalho, sobre as questões de gênero. Se para as meninas há uma vigilância quanto à sensualidade ao dançar, para os meninos há uma vigilância quanto à sexualidade. Cabe ressaltar que

[...] a dança pode ser analisada como uma dentre as muitas práticas socialmente instituídas através das quais os corpos dos indivíduos são “marcados” por gênero, ou seja, os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos. (ANDREOLLI, 2010, p. 111)

Além disso os papéis são bem definidos na ação artística e litúrgica, assim como as regras e determinações específicas, sobre como proceder na Dança. Para as mulheres se faz necessário um rigoroso cuidado quanto às movimentações e figurino para que não seja “vulgar” ou sensual. Já para os homens a cautela está

¹⁸ Ser “separado” segundo a tradição cristã evangélica significa não se misturar com as coisas do “mundo”. Esta expressão faz referência a uma passagem bíblica no livro de Levíticos.

relacionada à masculinidade e aos padrões heteronormativos, já que a homossexualidade¹⁹ ainda é uma questão complexa para os evangélicos e historicamente ainda se associa o homem na Dança com a homossexualidade. Ricco (2015) em sua pesquisa de mestrado sobre ministérios de dança, aponta que

[...] a validação da dança como um ofício feminino ainda é extremamente atual nas congregações evangélicas, mesmo permitindo que rapazes ministrem de forma "espontânea", fator que justifica a constante reafirmação do intérprete homem quanto a sua opção sexual, em conformidade com as expectativas e normas da igreja; [...] além disso, os ministérios de dança acreditam ser eficaz uma composição padrão para movimentação masculina na adoração [...] assim, ressalto como questão predominante a sexualidade conforme a moral cristã isso para ambos os gêneros, sendo o controle presente tanto para homens quanto para mulheres, ainda que de forma diferente [...]. (p. 48)

Nesse sentido esse debate é contínuo visto que muitos grupos e companhias são compostos por homens e mulheres. Ainda existem as próprias variações regionais quanto à figura masculina na Dança de um modo geral, o que se reflete dentro das igrejas.

Por fim, é possível supor que a expansão da Dança no meio evangélico também está atrelada ao *boom* de propaganda e divulgação em redes sociais, por meio de difusão de vídeos no *YouTube*. Cada vez mais é possível encontrar vídeos de divulgação e de coreografias de grupos de dança cristãos, ampliando o circuito de circulação das companhias e dos grupos que dançam apenas na igreja. Esse circuito é composto por apresentações nas igrejas, em encontros específicos de dança cristã, em seminários, oficinas, congressos, festivais e instituições de ensino.

A partir desta expansão é possível pensar também que novas concepções de corpo vêm sendo tecidas no ambiente cristão, diretamente ligadas à maneira como se organiza a relação deste corpo com a religião e com a própria sociedade. Essas transformações propiciam o surgimento de novas possibilidades de cultura, mantendo os princípios postos pelo cristianismo, seus discursos e sua visão. Salles (2014)

¹⁹ Para fins desse estudo não se pretende aprofundar a discussão em torno da homossexualidade, uma vez que é um assunto polêmico e divide opiniões dentro do próprio segmento evangélico. Essa questão está alocada, ainda que transitoriamente, em um espaço de constante embate fundamentado principalmente nas interpretações de passagens bíblicas. Contudo atualmente já se tem denominações evangélicas inclusivas, que possuem até pastores homossexuais.

aponta ainda que a Dança contribui e potencializa a formação de uma nova imagem do cristão protestante,

[...] permitindo que outros mapeamentos mentais possam gerar novos padrões corporais e, conseqüentemente, novas imagens. Mais do que isso, pois ela afirma com maior ênfase a necessidade da – presença e – visibilidade do corpo nas igrejas evangélicas e torna-se extremamente essencial para garantir a permanência do discurso puritano. (p. 111)

Essa nova imagem de corpo do cristão conseqüentemente carrega e expressa sentidos e informações. Nesse sentido o corpo se configura como relacional com a sociedade e mais aberto, para algumas igrejas. Contudo, as formas pelas quais as denominações vão se relacionar com esse binômio dança-corpo são complexas e heterogêneas.

Há, portanto, um convite ao corpo, ajustado às imposições do capitalismo e mantendo o discurso puritano, além de uma profusão de ofertas da mercadoria dança no contexto religioso. É possível notar assim que diversas concepções desse corpo coexistem nesse contexto, e, portanto, buscam-se diálogos possíveis para entender, refletir, criticar, qualificar e enriquecer a prática de Dança neste contexto.

2.2 Adoração, ritual litúrgico e dança no espírito

As apresentações durante os cultos são a forma mais recorrente de se observar a Dança na igreja. Neste segmento religioso, esse ritual acontece semanalmente, em dias alternados, sendo o domingo o dia principal. Tem duração de aproximadamente 2 a 3 horas e é frequentado por membros da igreja, ou seja, fiéis que fazem parte daquela comunidade de fé, e também por pessoas visitantes. Em algumas igrejas a ordem dos acontecimentos no culto é fixa e se repete em todos os encontros alterando apenas o conteúdo como músicas e mensagens bíblicas expostas. Para outras igrejas²⁰, embora exista um respeito a esse cronograma, ele é mais flexível, no sentido de poder alterar a ordem em que cada coisa acontece.

De um modo geral, inicia-se o culto com uma palavra de saudação às pessoas presentes, dando boas vindas e ofertando a paz²¹, seguido de uma oração para se comunicar com Deus. É feita então a leitura de algum texto bíblico acompanhado de

²⁰ Como por exemplo a Igreja Metodista.

²¹ É comum o uso da expressão “A paz do Senhor!” ou “Graça e paz!”.

uma breve explicação sobre o mesmo. Logo após, vem o momento de louvor, onde são cantadas letras de músicas por um grupo, ou uma pessoa, acompanhada por sons de instrumentos musicais²². Nessa ocasião todos os presentes são convidados por quem está conduzindo o momento, a participar ativamente cantando, batendo palmas e se movimentando dependendo da música tocada.

Quanto aos ritmos, estes são muito variados, umas músicas são mais agitadas, com a finalidade de celebração à Deus e gratidão pelas bênçãos alcançadas. Outras são mais lentas, mais voltadas para a adoração com letras que trazem a exaltação à Jesus Cristo.

Em seguida tem o momento dedicado ao ofertório, onde os presentes podem doar voluntariamente uma quantia para a manutenção dos templos e das obras sociais da igreja. Essa ação também é acompanhada por uma música, onde as pessoas, de um modo geral, vão até o altar (localizado na parte da frente do templo) e fazem sua contribuição. Por fim há a pregação da palavra, conduzida geralmente por um pastor ou pastora da igreja, ou alguém designado por eles. Nesse momento é feita a leitura de um texto contido na Bíblia e a explicação deste. Por fim há mais uma oração e é pronunciada a bênção apostólica²³, encerrando o culto. Cabe ressaltar que esse cronograma pode variar em cada igreja.

A Dança aparece nessa liturgia nos momentos de louvor, onde os bailarinos dançam juntamente com os músicos e em outros espaços dentro desse cronograma, variando de culto para culto. Não há um momento fixo, destinado à Dança, as apresentações podem ocorrer antes ou depois do louvor, antes da palavra ou ainda para finalizar o culto. A Dança, portanto, teria por finalidade a adoração a Deus, a partir da ideia de uma coreografia previamente ensaiada ou a "Dança no espírito". Em alguns cultos, acontecem os dois modos, em outros apenas um: depende da finalidade do culto.

A "Dança no espírito" está relacionada à uma prática de improvisação em tempo real. Durante a cerimônia, o dançarino improvisa sua dança ao som de uma música com letra ou só instrumental, podendo ser também impulsionada por

²² Violão, bateria, guitarra, pandeiro, teclado, entre outros. A utilização desses instrumentos vai variar de acordo com cada igreja, com as doutrinas e normas que ela segue, com a condição financeira para aquisição do material e disponibilidade de pessoas capacitadas para tocar.

²³ A bênção apostólica faz parte da liturgia do culto evangélico e está registrada na Bíblia no livro de 2 Coríntios, capítulo 13, versículo 14: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós!".

expressões de adoração e frases que falem sobre a devoção e o amor à Deus. Trata-se de um momento de comunhão entre criador e criatura, entre o homem e Deus. De acordo com Torres (2007),

[...] o alvo é exclusivamente o Sagrado. Cada bailarino procura expressar individualmente sua adoração ao Sagrado, expressando profundo amor e devoção ao proclamar sua grandiosidade. A crença que o acesso de cada indivíduo à presença de Deus foi conquistado em Cristo faz com que este seja um íntimo momento de comunhão da criatura com o criador. (p. 80)

Esse processo de improvisação é chamado também pelos evangélicos de dança profética ou dança espontânea. O bailarino tem liberdade de lançar mão de seu repertório corporal e desenvolver sua dança, à medida que as canções são cantadas ou os instrumentos são tocados. Acredita-se que essas movimentações são inspiradas em Deus, e assim, estimulados pelo ambiente, pelas palavras bíblicas proferidas e pela própria música, os bailarinos decidem instantaneamente qual movimentação fazer. Desse modo, entende-se esse dançar enquanto

[...] uma performance improvisada que depende, e foca, nas vivências corporais do intérprete. É necessário compreender que nesta dança o indivíduo está, por completo, envolvido na atmosfera do ritual religioso em um espaço liminar que visa conduzir ao êxtase. (RICCO, 2015, p. 61)

Esse êxtase acontece com os dançarinos em cena, mas também com as pessoas que estão na plateia e se permitem envolver com o que está acontecendo. O corpo nesse instante, horas em pé, horas prostrado, em muitos momentos com os olhos fechados, está em uma conexão direta com Deus. Há a ainda, de modo simultâneo à Dança, a declaração de palavras de adoração e exaltação como por exemplo as expressões: “Glórias a Deus”, “Aleluia”, “Santo é o Senhor!”²⁴.

Entretanto, esse êxtase não significa um transe. Embora sinta a presença do Espírito Santo e seja “tomado” por ela, o bailarino tem o controle de sua ação,

[...] a manifestação do Espírito Santo não deixa a pessoa fora de si, mas consciente e tendo controle do momento em questão. A pessoa se deixa conduzir, como em uma dança. (TORRES, 2007, p. 84)

²⁴ Ver DANÇA CRISTÃ, 2019. A partir de 6:45’.

Nesse contexto encontra-se um paradoxo onde o corpo é recipiente, já que “recebe” a manifestação do Espírito Santo, mas ao mesmo tempo é autônomo e propositor, tem o controle.

É possível perceber então, um processo de negociação constante entre corpo e manifestação religiosa, caracterizando uma multiplicidade de ocorrências no corpo em um fluxo contínuo de diálogos e acordos que processam informação pelo ambiente. Assim o corpo, não é algo estático, ele

[...] é sempre um estado provisório da coleção de informações que o constitui como corpo. Este estado vincula-se aos acordos que vão sendo estabelecidos com os ambientes em que vive. (KATZ, 2011, p. 22)

As chamadas coreografias, previamente ensaiadas, geralmente são apresentadas em momentos separados no culto destinados à elas. Elas acontecem também em alguma data comemorativa (aniversário da igreja, culto de páscoa onde se comemora a ressurreição de Jesus Cristo, culto de natal, entre outros) ou ainda com a finalidade de ilustrar alguma mensagem pregada, um texto ou uma ministração específica como de cura²⁵, por exemplo.

Nessas coreografias há movimentações específicas de alguns estilos de Dança como os movimentos do balé, ou da dança moderna mas não se restringe a estas, agrega também modalidades como o *hip-hop*, *jazz* e outros. Essas movimentações são estabelecidas pela coreógrafa do grupo que escolhe o que, e como fazer em conformidade com a intenção da mensagem que se quer passar. De um modo geral essa pessoa responsável é a própria líder. De acordo com Torres (2007),

a caracterização dos tipos de dança que se realizam no culto cristão protestante é, então, definida mais pela intenção do que pela forma a qual é realizada. Os tipos de dança se assemelham aos tipos de oração que normalmente se realizam no meio protestante. Se o momento pede uma oração de interseção²⁶, o movimento é de prostração e súplica. Se o momento pede celebração, a dança é cheia de saltos e rodopios. Se o momento pede uma oração de arrependimento, a dança é cheia de movimentos de contrações e prostração. (p. 78)

²⁵ No cristianismo acredita-se em milagres e que Deus tem poder para curar, por isso nos cultos é comum que sejam feitas orações e proferidas palavras que afirmam essa ação.

²⁶ É o momento do culto onde todo mundo faz uma oração, junto por um pedido específico e comum a todos, como por exemplo orar pelo Brasil.

A figura 10 exemplifica um dos tipos de Dança que ocorrem durante o culto. Trata-se no caso de uma cena em que as dançarinas não só se movimentam mas fazem um momento de súplica a Deus por alguém ou algum pedido específico, chamado também de dança de intercessão. O corpo nesse sentido seria um suporte, um elo de ligação entre outros corpos e o sagrado.

Figura 10 - Dança de intercessão, prostração. Igreja Metodista de Pilares, 2012



Fotografia: Helber Avelino. Fonte: acervo pessoal.

Nesse sentido é possível notar combinações e arranjos com as movimentações e técnicas dos mais variados estilos de Dança, abrindo espaços e possibilidades nesse fazer.

O processo de criação nos grupos de dança evangélicos também varia de acordo com cada igreja. Em algumas denominações há aulas para os integrantes nos templos, e, portanto, além da coreógrafa criar as danças, existe abertura para processos compartilhados de criação após as aulas. Em outras igrejas também há essa criação conjunta, mas não necessariamente em um momento de aula; geralmente há uma líder que conduz os ensaios e nesse momento destinado para a preparação das apresentações, há a criação. Outra forma de criação é quando a própria líder ou alguma integrante que estuda Dança cria as coreografias e repassa para os demais.

O tempo das coreografias apresentadas nos cultos tem duração que geralmente varia entre 3 a 5 minutos (ainda que possam durar mais), já que em sua maioria são associadas às letras das músicas escolhidas. Estas expressam mensagens contidas no cristianismo diretamente relacionadas à Bíblia e à ideia de exaltação a Deus. Seguem abaixo dois exemplos dessas canções:

[...] Queremos o Teu nome engrandecer, e agradecer-Te, por tua obra em nossas vidas. Confiamos em Teu Infinito amor, pois só Tu és o Deus eterno, sobre toda terra e céus. (CAMPOS, 1995)

Jó, como pode ainda adorar se não tem motivos pra cantar? Abandona esse Deus e morre [...] Jó, você não tem motivos perdeu os seus bens, seus filhos, os seus amigos. O que você vai fazer? Eu vou adorar, simplesmente adorar, eu vou adorar. (LIMA, 2017)

São letras na língua portuguesa, mas em alguns momentos pode-se encontrar em outros idiomas, como o inglês e principalmente o espanhol. Ademais essas músicas podem ser tocadas ao vivo pelo grupo de música da igreja, ou por reprodução (de CD, ou de arquivos baixados da internet). Dessa forma,

Os bailarinos muitas vezes seguem o ritmo e estilo musical que está sendo tocado pelo grupo de música, mas não quer dizer que possam expressar algo que seja diferente do sonoro. Muitas vezes utilizam de elementos do teatro para expressar passagens bíblicas ou mesmo levar algum ensinamento para a comunidade. Percebemos que a arte dentro das igrejas protestantes está cheia de diversidade, são diferentes linguagens interligadas, mas nenhuma delas perdendo seu valor. (RODRIGUES, 2014, p. 101)

É possível observar, portanto, um diálogo de diversas linguagens artísticas, para além da Música e da Dança, constituindo a cena no culto, seja por meio da encenação mais teatral, ou até mesmo utilização de objetos como as fitas e os bambolês, muito utilizados na Ginástica Rítmica. Os integrantes e os grupos se abrem para esse diálogo, na perspectiva de uma melhor comunicação e visualização nas apresentações, tanto para quem está dançando quanto para quem está assistindo. Cabe destacar ainda, que

Estas coreografias também são abertas à criatividade dos integrantes, valendo incluir artifícios teatrais, elementos de cenografia, utilização

de recursos circenses [...] Embora os ministérios²⁷ não façam a indicação direta da adaptação do uso de alguns objetos, tornou-se popular a apropriação dos adereços de outras linguagens artísticas, em suas performances como a utilização de bolas, fitas e bambolês da ginástica artística, ou véu, leques com tecidos (*Fan veils*) e asas (véu *wings*) da dança do ventre. Parece que o importante para eles é comunicar uma mensagem proselitista através da dança, de modo a causar um impacto positivo e atraente para o público a ser evangelizado. (RICCO, 2015, p. 61)

A figura 11 ilustra a utilização desses objetos nas apresentações. Nesse sentido é possível notar uma preocupação com a figurino, cenário, iluminação, tons de cores e objetos, assumindo um caráter de espetáculo, ainda que em primeiro momento esta relação seja negada.

Figura 11 - Dança com fita, Ministério PiB, 2012



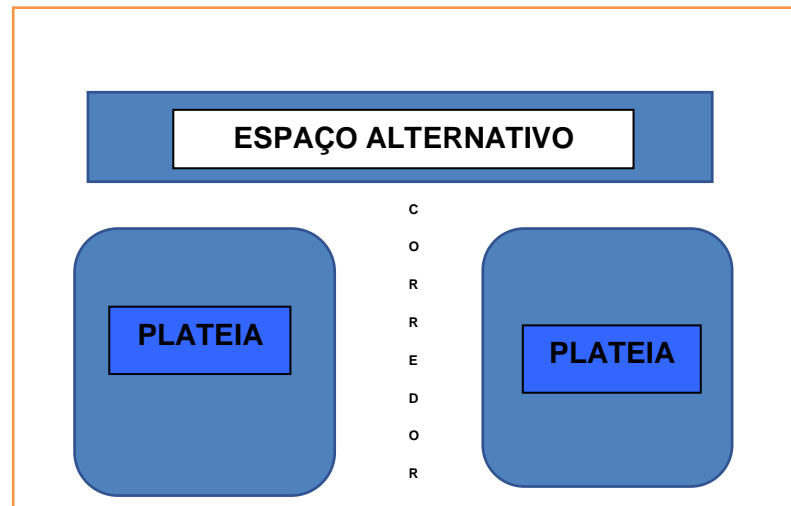
Fonte: MOVER PARA DEUS, 2018.

Cabe ainda mencionar que do ponto de vista do espaço, a dança no culto acontece, na maioria das vezes, na parte da frente chamada de altar ou púlpito. Algumas igrejas possuem ainda um espaço reservado para apresentações (descrito na figura 12 como “espaço alternativo”). Muitas vezes esse espaço é dividido com os instrumentos musicais e músicos já que os mesmos também ficam na parte da frente

²⁷ Denominação dada na igreja evangélica e se refere a um determinado segmento ou grupo de trabalho. Por exemplo: o ministério de música corresponde ao grupo responsável pela música, o ministério de oração corresponde ao conjunto de pessoas grupo responsável pela oração.

dos templos. Não há um tamanho padrão desse espaço, posto que cada templo possui dimensões diferenciadas. Em algumas igrejas menores o corredor pode ser o espaço para que a dança aconteça. Em todos os casos, contudo, o espectador fica de frente para o que está acontecendo. A figura 12 e a figura 13 ilustram essa organização espacial:

Figura 12 - Desenho ilustrativo para visualização das divisões espaciais dos templos



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 13 - Templo de uma Igreja evangélica em Porto Velho



Fonte: HOLANDA, 2019.

Dada a organização espacial, a relação com o espectador é imediata e intensa pois para além de apenas assistir o que está acontecendo, o público é convidado a participar desse momento de adoração.

Torres (2007) diz que "mesmo não participando ativamente da dança, o espectador pode ter um sentimento profundo de comunhão com Deus simplesmente ao assistir um bailarino adorando a Deus com danças" (p. 84). Nos momentos de improvisação em Dança que ocorrem juntamente com o momento de louvor, as chamadas danças espontâneas, de um certo modo as pessoas "assistem" e participam em pé. Já nas apresentações de coreografias previamente ensaiadas, a igreja fica sentada, cumprindo o papel de espectador, público que consome.

Ademais há uma singularidade quanto à própria reação da plateia. Geralmente no fim de cada apresentação há aplausos, contudo estes não são destinados aos bailarinos, e sim à Deus. Há um convite a aplaudir ao Senhor pois toda honra deve ser dada somente a Ele. Também não aparece o nome dos bailarinos em um lugar específico e nem há creditação quanto a quem criou a coreografia e quem dançou, dado a mesma lógica de exaltação somente a Deus²⁸.

Quanto à iluminação, dependendo da proposta da dança a ser feita pode se apagar todas as luzes do salão deixando apenas o foco de luz sobre os bailarinos, ou em outras situações ficam todas as luzes acesas. No caso de grupos mais solidificados e estruturados há a construção de uma iluminação própria com jogo de luzes e material apropriado.

Há também um cuidado especial quanto ao figurino a ser utilizado. Se antes a ideia era a simplicidade, com roupas que tampavam todo o corpo, na contemporaneidade é possível notar a flexibilização nas cores e nos próprios modelos de vestimenta. Atualmente já se encontram, inclusive, confecções especializadas em criar e costurar roupas para grupos de dança evangélicos, seguindo de um modo geral um padrão com tecidos e modelos muito parecidos²⁹. Em *sites* e páginas de redes sociais disponíveis na internet também é possível encontrar diversas confecções especializadas nesse tipo de figurino, próprio para ser usado na igreja, a exemplo de lojas virtuais como "Vestes de Adoração", disponível na página do *Facebook* e "Central Figurino Brasil"³⁰.

²⁸ Existem diversos versículos que respaldam essa prática comum de devolver todo mérito, toda honra a Deus. Dentre eles João 3:30: "É necessário que ele cresça e que eu diminua" (Bíblia Sagrada).

²⁹ Cabe destacar que a dinâmica das apresentações em festivais é um pouco diferente. Trataremos delas mais adiante.

³⁰ Ver mais em: VESTE DE ADORAÇÃO. **Loja virtual de roupas para dança evangélica**. Página do *Facebook*. 2012. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/category/Religious-Organization/Vestes-de-Adora%C3%A7%C3%A3o-CONFEC%C3%87%C3%95ES-DE-ROUPAS-MINIST%C3%89RIO-DE-DAN%C3%87A-155145847936765/>>. Acesso em: 20 ago. 2019 e CENTRAL DE FIGURINO. **Loja Central Figurino Brasil**. Disponível em:

Ainda com respeito aos figurinos, existem algumas normas, que mesmo de forma não declarada, pairam sobre os grupos evangélicos de Dança em geral. A Pastora Vivian Lazzerini, 55 anos, bailarina, coreógrafa, professora de Dança e responsável pela Cia. Apóstolos, na cidade de Piracicaba, em São Paulo, é uma referência nesse contexto. Ela tem uma atuação forte, principalmente no que diz respeito à ministrações de oficinas, *workshops* e cursos voltados para a formação na área de Dança *gospel*. Em seu *site*³¹ existem cursos de formação na modalidade de ensino a distância, além de orientações diversas sobre esse fazer na igreja. Dentre as orientações ela discorre sobre os figurinos adequados a serem utilizados. O texto abaixo ilustra as regras e orientações sobre esses figurinos:

Existem alguns pontos que precisamos analisar em relação aos Figurinos quando vamos para o altar ou plataforma, ou até mesmo quando vamos para algum workshop ou evento que envolva nosso chamado: **a Dança. 1º Collant** [...] O motivo de usarmos collant quando vamos ministrar uma dança é simplesmente pelo fato de não deixarmos nosso corpo a mostra, pois como vemos mais acima, falamos sobre o fato que nosso corpo é Templo do Espírito Santo, e não queremos que ao levantarmos as mãos a igreja veja nossa barriga, nosso umbigo, além disso usando collant você ficará mais a vontade para expressar a sua dança sem ter que ficar arrumando a roupa, com a preocupação que a mesma irá subir. **2º Legging ou Calças Saruel por baixo das Saias e Vestidos.** Dependendo do movimento sabemos que a saia ou vestido pode subir e não estarmos com uma calça por baixo poderá levar a uma catástrofe dentro da igreja ou o local que você está ministrando. Já imaginou como seria a reação de todos se porventura em algum passo de dança a saia enrosca e cai e você não está com algo por baixo? Sim, melhor nem pensar. **3º Roupas Transparentes.** Quantas vezes vemos roupas transparentes no altar, nem preciso falar que isso é um escândalo né? Com certeza não gostaríamos que nosso Deus nos visse assim [...]. Não podemos simplesmente colocar qualquer roupa, temos que colocar a melhor, e se caso a sua vestimenta for transparente coloque o collant a calça Saruel por baixo e ministre ao Senhor tranquilamente, assim você não estará com seu precioso corpo à mostra. **4º Acessórios (Brincos, pulseiras, relógios, anéis).** Tome cuidado com esses acessórios, brincos muito grandes poderão atrapalhar na hora da ministração [...] na hora da ministração tire-os e assim que ministrar coloque novamente. **5º Sapatilhas.** Porque usar sapatilhas para ministrar a dança? 1º A sapatilha faz parte do figurino, é um acessório que compõe o figurino em qualquer dança, a não ser que o estilo peça para dançar descalço. 2º Facilita os movimentos: como Piruetas (giros). **6º Figurino sem costura.** Não é errado usar figurinos sem costura, até porque tem diversas formas de fazer um figurino sem

<<http://www.centralfigurinobrasil.com.br/loja/index.php?route=common/home>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

³¹ www.vivianlazzerini.com.br

precisar costurá-lo, o único problema é SEMPRE que for ministrar utilizar esse figurino sem costura. [...] Lembramos sempre que para nosso Deus nunca podemos fazer de qualquer jeito, tudo que vamos fazer temos que fazer perfeito e com excelência para Ele. (I Colossenses 3, 23) (LAZZERINI, 2014)

É possível perceber assim, que há um olhar criterioso e regulador quanto a mostrar o corpo ou não, e modelos de roupas a serem utilizados. Há um controle do corpo por meio da vestimenta a ser utilizada. Entretanto, cabe destacar que esse figurino varia de igreja para igreja e de acordo com o tipo de apresentação. As fotografias abaixo ilustram esses modelos utilizados tanto em apresentações internas, nos momentos de culto (figuras 14 e 15), quanto em apresentações externas, no espaço urbano (figura 16).

Figura 14 - Figurinos disponíveis para venda na loja Veste de Adoração



Fonte: VESTE DE ADORAÇÃO, 2012.

Figura 15 - Figurino “Fé” disponível para venda



Fonte: CENTRAL DE FIGURINO, 2019.

Figura 16 - Grupo Renovart em evangelismo no Farol da Barra, Salvador/BA, 2015



Fonte: acervo pessoal.

Se a dança for mais voltada para o estilo das danças urbanas, muito utilizada, por exemplo, em eventos evangelísticos – dos quais trataremos mais adiante –, cabe um certo tipo de roupa, com menos tecido e geralmente calça comprida ou bermudas abaixo do joelho. Já nas danças que ocorrem dentro do templo, cabe outra vestimenta, com mais tecidos, vestidos, saias e mais detalhes nos adereços. Contudo, as regras e orientações quanto ao cuidado em mostrar ou não o corpo, são semelhantes.

2.3 Evangelização: propagação de uma crença

A Dança também pode ser entendida como estratégia de evangelização em ambientes externos à igreja. Assim, aparece como instrumento de propagação das mensagens contidas nos textos bíblicos e princípios que constituem o próprio cristianismo evangélico. Para Paula Salles (2014)³²:

A cultura gospel que coloca o corpo do protestante em circulação justifica a atuação do artista evangélico, como “a serviço de Deus”, deste modo a sua arte é um meio de também propagar o discurso evangélico. (p. 120)

Desse modo os grupos de dança atuam fortemente nas ruas das cidades, em praças, ou espaços que estejam disponíveis para se dançar.

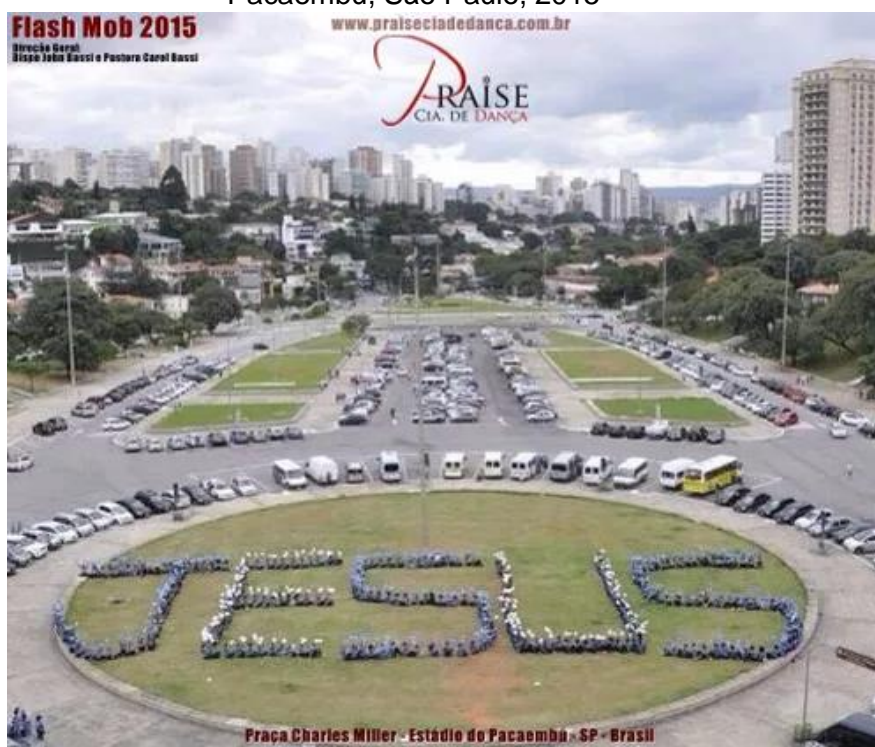
Essas apresentações podem ser realizadas com a finalidade de chamar a atenção das pessoas para o trabalho realizado, que pode ser um culto, uma ação social promovida pela igreja, ou ainda ilustrar a própria mensagem falada. Nesse sentido para além da relação com Deus, a dança tem

[...] o caráter de apresentação, onde o alvo é o público que o assiste. Podem ser realizadas fora ou dentro do ambiente do culto, em ocasiões onde possíveis novos adeptos estejam presentes. (TORRES, 2007, p. 80)

Seja por via de *flashmobs* (figura 17), danças em praças e em ambientes fora do espaço dos templos (figura 18), durante eventos de grande porte nas cidades ou dentro de bairros de amplitude menor e em comunidades, as igrejas têm na Dança uma potência para a propagação da mensagem cristã. A Dança acessa outros lugares de comunicação, atraindo principalmente o público mais jovem.

³² Mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professora da Faculdade Paulista de Artes.

Figura 17 - *Flashmob* Praise Cia. de Dança. Praça Charles Miller, estádio do Pacaembu, São Paulo, 2015



Fonte: Praise Cia. de Dança, 2020.

Figura 18 - Dança em ação de evangelismo durante as olimpíadas, Rio de Janeiro, 2016



Fonte: GOSPEL PRIME, 2016.

Diante do exposto até aqui, cabe pensar sobre a ideia de uma Dança exclusivamente cristã, para a qual são estabelecidos padrões, disciplina do corpo e controle moral. Ressalta-se que não se trata de uma generalização, já que como

citado anteriormente o contexto evangélico é heterogêneo, contudo, de um modo geral caminha-se por esta perspectiva. A dimensão do sagrado é aqui entendida enquanto

[...] fonte de nossa experiência do valor permanente da sociedade; ao cultuar os deuses e as forças, o homem está admitindo e confirmando em si e para os outros a experiência dos poderes protetores que formam a sociedade: os deuses, como a cultura, impõe determinadas regras de comportamento e estão prontos para punir ou perdoar os transgressores. (RODRIGUES, 1980, p. 27)

Desse modo, a Dança pode fazer parte do contexto religioso dentro de normas e padrões preestabelecidos. Essa Dança embora apresente traços de diversas técnicas e modos de dançar, traz o diferencial no corpo do artista cristão. O corpo que antes foi retirado da cena, agora retorna como partícipe do processo e protagonista na adoração.

2.4 Práticas de ensino, dentro e fora

Se antes as pessoas que queriam dançar na igreja buscavam aulas de técnicas diversas em academias e escolas de Dança, no cenário artístico evangélico atual, essas aulas já podem ser encontradas nas igrejas ou instituições filiadas a ela. Alguns exemplos são a Escola Praise de Dança, vinculado a Praise Cia. de Dança, em São Paulo, e a Escola de Dança Estúdio do Corpo no Rio Grande do Sul, entre outras. Além da formação técnica há também um cuidado com o ensino dos princípios cristãos para se dançar.

Dentre essas Escolas de Artes que são vinculadas a ministérios e companhias com reconhecimento no meio evangélico, cabe o exemplo da Fábrica de Artes (Igreja Batista da Lagoinha - Belo Horizonte, Minas Gerais). Ela oferece cursos nas áreas de Música (canto e instrumento), Teatro e Dança. De acordo com as informações disponibilizada pelo site da escola, a instituição tem como missão, visão e valores:

Missão: Uma fábrica de conhecimento e cultura, apresentando a arte como agente de transformação pessoal e social, para todas as classes econômicas, possibilitando-a como entretenimento e profissão. **Visão:** Ser um centro de formação de referência no meio artístico nacional e internacional, reconhecido por suas diversas expressões artísticas e pelos conceitos éticos cristãos. **Valores:** Compromisso | Excelência Técnica | Honra a liderança e autoridades | Amor a Deus e a pessoas | Diversidade Artística. (FÁBRICA DE ARTES, 2018)³³

³³ Ver mais em: <https://www.fabricadeartes.org.br/?lightbox=datattem-jjt1w2581>.

Lá são oferecidos cursos diversos tais como *Baby Class*, Balé clássico, Dança contemporânea (básico e intermediário), Dança criativa (básico e intermediário), Dança no louvor,³⁴ Dança infanto-juvenil, *Jazz dance*, Danças urbanas, Coreografia. Todas as modalidades custam R\$ 80,00. As aulas são abertas para o público em geral, não necessariamente precisa ser membro da igreja. Embora haja uma separação explícita entre sagrado e profano, entre os religiosos evangélicos, nota-se uma dessacralização nesses espaços.

———Há indícios de que essa busca por qualificação vem movimentando a oferta dessas aulas, uma vez que até academias não cristãs promovem esses cursos. A academia de dança Tereza Petsold, localizada na cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, é uma dessas escolas que oferta o curso de “dança ministerial” que compõe inclusive a grade do curso preparatório para profissionalização³⁵.

Outro modo de formação desses sujeitos são os eventos que acontecem em todo o país como as oficinas, os festivais, os cultos e congressos de Dança, onde são oferecidas oficinas, ministrações³⁶ com palavras bíblicas e apresentações de coreografias. Como exemplos desses encontros que acontecem anualmente temos: Congresso Nacional de Dança Cristã e Conferência Praise Internacional de Dança cristã organizado pela Praise Cia. de Dança em São Paulo; Festival Evangelizando com Arte organizado pela Cia. Rhema, em Goiás; Escola Profetas da Dança, organizado pelo ministério Dança pelas nações, em Minas Gerais, entre outros.

Em sua maioria, esses espaços de formação são conduzidos por líderes de companhias importantes dentro do circuito cristão, ou pessoas que se aperfeiçoam inclusive fora do ambiente da igreja. Esses encontros (oficinas e seminários), em grande parte com duração de um dia, acontecem de forma itinerante nas igrejas e se organizam entre aulas práticas de Dança, palestra sobre Dança, adoração ou assuntos relacionados, e por vezes apresentações artísticas. O grupo de Dança da igreja convida a companhia ou dançarinos e coreógrafos influentes, mediante o

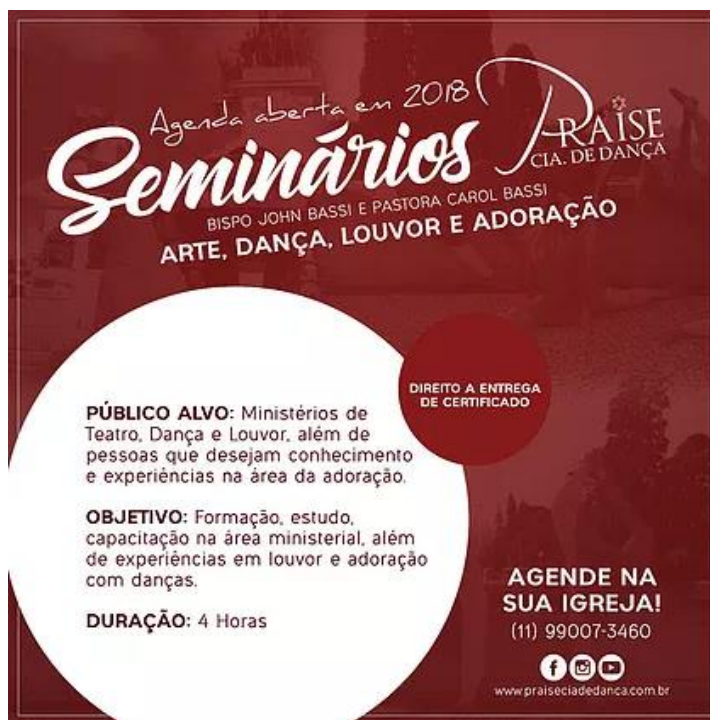
³⁴ A dança no louvor é aquela vinculada a adoração e ao improviso enquanto é cantada uma música, pelo grupo responsável na igreja.

³⁵ O Curso Preparatório tem por objetivo preparar o aluno para ser um profissional da Dança, sendo ofertadas 5 obrigatórias (2 de *Ballet* Clássico, 2 de *Jazz* e 1 Teórica *On-line*) e as outras 6 de livre escolha. Completando os 4 anos mínimos, o aluno será indicado a realizar uma última prova no Sindicato dos profissionais de Dança para obter seu registro definitivo.

³⁶ São as apresentações que tem por finalidade ministrar, declarar, liberar algo sobre a vida de alguém. Pode ser uma cura, uma libertação, uma restauração.

pagamento de um determinado valor, e esta realiza essas atividades no local destinado.

Figura 19 - Agenda dos Seminários



Fonte: Praise Cia. de Dança, 2020.

Os congressos e conferências contam com a presença de diversos dançarinos, pastores e pastoras, e também são importantes para a construção dessa rede de aperfeiçoamento em Dança. Nestes espaços são discutidos temas relacionados à forma como essa Dança se dá na igreja, como deve ser o dançarino³⁷. Além de ministrações associadas aos princípios e ensinamentos cristãos.

Além de um espaço de troca de conhecimento tanto de Dança quanto dos ensinamentos bíblicos, esses eventos podem possibilitar a formação dos fiéis, no sentido de legitimação do seu próprio fazer na igreja. Desse modo é possível observar que

[...] é crescente, por parte dos intérpretes que atuam nos ministérios de dança, a busca por estratégias de aprimoramento técnico, mas principalmente espiritual, em congressos e seminários, divulgados pelos grupos na internet [...] Os eventos nacionais e internacionais,

³⁷ Ver mais em: VÍDEO CHAMADA para o 1º congresso de dança ministrando e libertando vidas. (2 min. e 55 segs.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kq-FQ0FB6Yo>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

dispondo de espaços para rituais de consagração e legitimação da prática. Compartilham as diferentes visões sobre o aprendizado das modalidades de dança e proporcionam debates para a resolução de dilemas, quanto à identidade e ao propósito dos grupos. (RICCO, 2015, p. 65)

Dentro dos próprios grupos de Dança, durante os ensaios e preparação para as apresentações, também pode se perceber essas relações de ensino-aprendizagem. De um modo geral a líder ou algum integrante do grupo cria as coreografias e repassa para os outros componentes. Há também processos de criação em que há participação dos integrantes, às vezes partindo de alguma dinâmica que estimula a criação ou dividindo a música em partes para que cada integrante possa construir um pedaço e depois juntar ao todo.

Contudo, dada a diversidade e multiplicidade dos grupos de Dança, não é possível estabelecer um único modo de se criar as coreografias, embora muitas delas sejam semelhantes no que diz respeito a escolha das músicas, das vestimentas e dos acessórios utilizados, e do próprio processo.

É possível identificar ainda um aumento de aulas específicas de formação em Dança cristã, oferecidas por meio de educação a distância. Como exemplo temos a plataforma de aulas oferecidas pela pastora Vivian Lazzerini³⁸ que, além de cursos pagos, disponibiliza material (vídeos e *e-books*) com conteúdo tanto mais práticos, dicas de alongamento, posturas, quanto teórico, como por exemplo o *e-book* "Postura de bailarinos e ministros no altar". Existem outras e diversas plataformas que disponibilizam esses cursos de forma gratuita ou pagas. As figuras 20 e 21 trazem a imagem de uma propaganda de oferta desses cursos.

³⁸ <http://www.eadvivianlazzzerini.com.br/>

Figura 20 - Curso de dança cristã a distância oferecido pela Escola de Dança Cristã



Fonte: Escola de Dança Cristã, 2019.

Figura 21 - Curso de dança cristã oferecido pela pastora Vivian Lazzerini



Fonte: Lazzerini, 2014.

Outro curso relevante é oferecido pela Praise Cia. de Dança. Trata-se de um curso *on-line* de Formação em Dança Cristã, com aulas ministradas pelos líderes do ministério Bispo John Bassi e pela pastora Carol Bassi, da Igreja Renascer Praise. Ele é dividido em módulos que ficam disponíveis por 12 meses. O curso é destinado à líderes e ministros de Dança cristã iniciantes ou com experiência e o valor é de R\$ 347,00. Há também a formação em “ZOE Dance”, que possui uma dinâmica muito parecida com a marca *Fitdance*³⁹. Zoe quer dizer vida, e a ideia é promover a vida abundante em Jesus através da Dança. O “ZOE Dance” foi patenteado pelos já citados líderes da Praise cia. de Dança e segundo definição encontrada no site da empresa,

O ZOE Dance® é uma nova aula de Dança do Brasil com o melhor das músicas gospel nacionais e internacionais que traz excelentes benefícios para quem prática e tem movimentado as academias,

³⁹ É um programa de aulas de Dança que trabalha com movimentos coreográficos pensados de forma didática, contemplando todos os estilos musicais. É pautado principalmente na relação entre instrutores, alunos e fãs.

escolas de dança e eventos em todo território nacional. (ZOE DANCE, 2019)

Figura 22 - Chamada para professores de ZOE Dance

Renovação Semestral Professor Licenciado



Fonte: ZOE Dance, 2019.

Figura 23 - Material didático para instrutores de ZOE Dance



Fonte: ZOE Dance.

Figura 24 - Vídeo aula música “Se joga”



Fonte: ZOE Dance, 2019.

Nas aulas são propostos movimentos próximos aos da Zumba, com músicas que trazem letras evangélicas. Há ainda um discurso relacionado à saúde e cuidados com o corpo.

Cabe mencionar que de um modo geral, as chamadas para os cursos e eventos vêm sempre com os adjetivos “gospel”, “cristã”, “ministerial”. Acredito que estas nomenclaturas apareçam como forma de legitimação desses cursos, e afirmação desse fazer. Não há uma diferença explícita entre os termos, eles são equivalente e descrevem o mesmo objeto. A utilização de um ou outro vai depender da igreja, da companhia, ou da própria intenção do curso em um sentido de propaganda e promoção de adesão a novos alunos. Nesse sentido os cristãos não apenas estariam inseridos em práticas de ensino, mas movimentando um mercado específico que propicia aos membros acesso e pertencimento nesses grupos. Expressam, portanto, um modo de vida, um modo de ser cristão nos dias de hoje.

Mercado e religião estariam interligados, numa perspectiva de viver a fé, ser parte da sociedade sob a ótica da lógica de consumo posta pelo capitalismo e manutenção dos costumes e doutrinas da igreja evangélica. Os artistas e aqueles que exercem algum tipo de função pedagógica no âmbito da dança cristã teriam também uma reserva de mercado para atuação. A expansão e divulgação desse fazer favorece também um projeto de sociabilidade, ou seja, os membros não precisam sair dos templos e se “contaminar” com as coisas do mundo⁴⁰.

Cabe destacar que esse projeto é também de mercado, de consumo e de lucratividade. Esse critério permissivo, poder dançar, poder se manifestar corporalmente no culto e em outros espaços, justifica a criação de patentes, oferta de aulas e a manutenção dessa bolha, para que seus adeptos não precisem sair da igreja, ir para além dos templos, no sentido da própria religião.

Ademais se percebe que o dançar para Deus tem se afirmado nas igrejas evangélicas na contemporaneidade. Essa evolução da Dança no meio evangélico, observada no ensino, no fazer artístico e na difusão de conteúdo, tem proposições correlatas aos ensinamentos e princípios cristãos, refletindo as ideias presentes nas igrejas. Vimos que a Dança nesse contexto tem estado a serviço da instituição no

⁴⁰ Referência à separação feita entre sagrado e profano, entre o que é de Deus e o que é “mundano”, ou seja, associado à lógica do pecado.

sentido de afirmação, ampliação e difusão de uma ideologia religiosa, mas também a serviço do mercado.

Em vista disso, para além de se falar nesses modos de ocorrência cabe refletir sobre o papel Dança cumpre nesse contexto. Onde está Deus em meio a essa lógica de *fast food* evangélico? Como a Dança pode existir nesse contexto religioso cultural sem ser capturada pelo mercado? É possível?

CAPÍTULO III

A Dança Gospel e o retorno ao “Éden”

Dança *gospel* é o termo adotado neste trabalho para designar os modos de ocorrências da Dança no contexto religioso evangélico aqui encontrados. Será que a Dança no contexto evangélico também é capturada pela dimensão mercadológica, tão presente na sociedade contemporânea ou essa dimensão mercadológica é capturada pela Dança? Sendo assim, é possível perceber uma Dança que cumpre um papel litúrgico e ritualístico na relação com o sagrado, mas também uma função comercial, um produto a ser vendido, que gera rentabilidade. As ações regulativas da igreja evangélica, sobre os fiéis, associada às interpelações mercadológicas, demonstram muitas vezes o ajustamento da religião às demandas postas pelo sistema capitalista.

3.1 Mercantilização da fé

A Dança no contexto religioso evangélico é um fenômeno em expansão. Diante deste cenário cabe discutir criticamente sobre as questões que estão postas nessa prática. A Arte já faz parte da engrenagem mercantil do capitalismo onde tudo vira mercadoria a ser consumida. Mas não só, a própria religião é capturada historicamente por esse modo de produção e por consequência é possível perceber uma mercantilização da própria fé.

O capitalismo é um sistema econômico e social que interfere não só na economia das sociedades, mas também na própria organização das relações e interações dos sujeitos. Seja na esfera pública, coletiva ou na esfera privada e individual, o sistema capitalista dita modos ser e se relacionar. Diversas áreas do conhecimento trazem definições, discussões, análises e críticas a este modelo. O capitalismo pode ser compreendido como um

Sistema econômico e social predominante na maioria dos países industrializados ou em fase de industrialização. Neles, a economia baseia-se na separação entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, os quais são proprietários dos meios de produção e contratam os trabalhadores para produzir mercadorias (bens dirigidos para o mercado) visando à obtenção de lucro. [...] Para Karl Marx, o que define o capitalismo é a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas. O valor do salário pago corresponderia apenas a uma parcela mínima do valor do trabalho executado. A diferença,

denominada mais-valia, seria apropriada pelos proprietários dos meios de produção sob a forma de lucro. (CAPITALISMO, 1999)

Ao longo do tempo esse sistema passou por diversas transformações e adaptações para que pudesse se manter, enquanto modo de produção vigente por séculos até os dias atuais, Netto e Braz (2006) afirmam que,

O modo de produção capitalista (que, para simplificar, designaremos a partir de agora pela sigla MPC), que sucedeu, no ocidente, ao modo de produção feudal, é hoje dominante em escala mundial. Desde a sua consolidação, na passagem do século XVIII al XIX, ele experimentou uma complexa evolução [...]na entrada do século XXI, o MPC é dominante em todos os quadrantes do mundo, configurando-se como um *sistema planetário*. (p. 95)

Assim, diversas sociedades foram se transformando e se adaptando a esse modelo de organização da vida ou sendo “engolido” por ele, por uma questão de sobrevivência e de manutenção da estrutura já construída e modificada.

Essas transformações e adequações podem ser percebidas tanto no ambiente quanto nos corpos que operam de modo coafetados. Britto (2011) aponta que na relação entre corpo e ambiente ambos são afetados de modo recíproco e “[...] produzem sínteses que traduzem comportamentos adotados, conforme a eficiência adaptativa que demonstrem nas situações em que operam” (p. 5). Nesse sentido, corpo e ambiente evoluem e sustentam esse modo de operar na contemporaneidade.

Os sujeitos no capitalismo assumem papéis sociais e constroem suas identidades, múltiplas, na relação de interação com outros sujeitos mas também na relação com o ambiente em que estão inseridos. Mais do que afetados diretamente pelas transformações do próprio sistema estão coimplicados nestas relações, o que repercute de forma latente nos modos de ser e estar no mundo.

Ademais cabe destacar que no sistema capitalista os indivíduos são também força produtiva que gera riqueza mas não necessariamente se apropriam e acumulam as mesmas. Desse modo, Colao (2006) aponta um entendimento de que

[...] o indivíduo tem valor, entretanto pode vender sua força de trabalho. O capitalista se apropria do resultado do trabalho do assalariado, o que constitui a mais valia. Isto permite ao capitalista ampliar seu capital. O modo de produção capitalista passou da livre concorrência no mercado livre de mercadorias (muitos produtores independentes oferecendo seus produtos no mercado), a sua fase monopolista nacional (concentração em poucas mãos, oligopólios) e

em seguida, ao comércio mundial, através de empresas multinacionais e transnacionais que, cada vez, são em menor número, aumentando em grande medida a riqueza mundial e colocando-a em poder cada vez de menos pessoas. Uma etapa importante que está vivendo o capitalismo é a do desenvolvimento do capital financeiro, em prejuízo do capital produtivo. O caráter fundamental do modo de produção capitalista reside no fato de ser proprietário dos meios de produção. Essa propriedade privada dos meios de produção contrasta com o processo de produção que é de natureza social. (p. 161)

É possível notar no capitalismo uma organização da sociedade fundada na desigualdade onde há a acumulação de riquezas concentradas nas mãos de poucos. Contudo uma grande parte da população que produz essa riqueza, não tem acesso a mesma. Essas dimensões refletem na regulação da vida social que se dá a partir do mercado e do dinheiro produzido e movimentado nesta engrenagem.

A política neoliberal é vinculada ao capitalismo e defende menor interferência estatal na economia e conseqüente privatização de empresas estatais, a livre circulação de capitais internacionais e ênfase na globalização a abertura da economia para a entrada de multinacionais. Defende ainda o individualismo e sobreposição do indivíduo perante o estado. Desse modo ela produz corporeidade dos sujeitos. De acordo com Safatle (2016),

O neoliberalismo não é apenas um modo de regulação dos sistemas de troca econômicas baseado na maximização da concorrência e do dito livre-comércio. Ele é um regime de gestão social e produção de formas de vida que traz uma corporeidade é específica uma corporeidade neoliberal [...] “a economia é o método. O objeto é modificar o coração e a alma.” (p. 137)

Esta política regula os mercados, as formas de consumo e está coimplicada na produção de subjetividade dos sujeitos. Há a produção da corporeidade como empreendedorismo de si. O corpo é, portanto, protagonista neste sistema, não só como força produtiva, como já apontado anteriormente, mas também como propagador, produtor e consumidor de desejos, fetiches e prazeres, que logo se tornam mercadorias. Nesse sentido,

O objetivo é a conformação final do corpo a uma consciência empreendedora que vê a corporeidade como propriedade a ser cuidada a partir da lógica dos investimentos e das rentabilizações, como expressão básica de um individualismo possessivo. (SAFATLE, 2016, p. 149)

Essa dimensão associada ao *marketing*, traz ao corpo uma carga de exposição midiática e protagonismo, entretanto, é enlaçada pelo mercado e há um estímulo a essa corporificação de dualidades, ou seja, eu produzo e sou produto, sou consumidor e sou consumido.

Tudo é capturado pelo mercado, essa atual dimensão do capitalismo em que vivemos norteia as nossas condutas, Agamben (2012) aponta que o capitalismo se tornou o deus do nosso tempo, uma religião. Segundo ele,

[...] é preciso tomar ao pé da letra a ideia de Walter Benjamin, segundo o qual o capitalismo é realmente uma religião, e a mais feroz, implacável irracional religião que jamais existiu, porque não conhece nem redenção nem trégua. Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro. Deus não morreu, ele se tornou dinheiro. (s/p)

Tanto a dimensão material da produção, quanto os desejos, relações e partículas sensíveis antes não consideradas, tornam-se potenciais para a movimentação do mercado. Há um protagonismo da mercadoria produzida e seu valor agregado.

É possível observar uma preocupação e atenção com os produtos nesse sistema, visando atender não somente as necessidades materiais, mas também as necessidades imateriais como as dimensões do prazer, da felicidade e conseqüentemente gerando ansiedade por essas satisfações. Desse modo, a produção é pensada desde o início para além da utilidade e funcionalidade, mas relacionada a ideia de um consumo da estética da mercadoria. Portanto, cabe destacar que,

O produto é pensado desde o início como agregado imaterial, signo que gerará ansiedade e felicidade, entrando na disputa para se tornar o representante social de seu portador, a marca a mais de um gozo ímpar de quem o possuirá não para usá-lo, mas para separar-se dos demais consumidores, em blocos de pertença segmentados, para traçar o solo social de sua pertinência. *Ter o objeto ímpar significa estar separado dos outros grupos menos afortunados, significa ser esse ímpar que pode ter e fazer o que os portadores desse objeto fazem fazer, para ascender ao mais-gozar, para poder viver bem numa sociedade de risco elevado.* (PRADO, 2013, p. 80)

Há um investimento em tecnologia, *design* e propaganda para a ampliação e massificação da venda de uma ideia ou produto. Esse fenômeno pode ser percebido

na sociedade como um todo – há uma divisão em nichos de identidades e pertencimento – essa característica diz respeito a própria organização da vida humana.

Homens e mulheres se agrupam por afinidades, gostos, desgostos, contradições, entre outros, no sentido até mesmo de sobrevivência. Para pertencer, nós humanos praticamos ações e tomamos decisões que nem sempre concordamos, mas que garante um poder e um status social nas mais diversas esferas da vida. Essas ações por vezes são influenciadas por padrões que são disseminados socialmente e reforçados por meio do investimento em propaganda e consumo.

Na dimensão religiosa não é diferente, o pertencimento a uma determinada religião também pode proporcionar esse status e um sentimento de poder. Contudo, a igreja precisa investir na manutenção e no cuidado dos princípios e valores religiosos para que a ideologia presente nesse nicho se solidifique, legitime e perpetue. Pode ser visto um apelo para a conversão, justificado pela noção de felicidade, mudança de vida e solução de problemas. Há, portanto, a propaganda para adesão de uma ideia focada em grupos específicos. Como no exemplo citado anteriormente, em uma igreja inclusiva voltada para o público homossexual⁴¹, há um reforço da ideia de uma igreja aberta sem preconceitos, por meio de divulgação em redes sociais, convites e cartazes.

No capitalismo contemporâneo a mercadoria, seja ela qual for, ocupa com força a dimensão da vida social. Somos ao mesmo tempo consumidores e objeto de consumo. Vendemos nossa força de trabalho, nossas ideias, por exemplo, e consumimos o produto das mesmas. Nesse sentido este processo pode ser entendido como uma teia já constituída por relações sociais e mercadológicas próprias do capitalismo. Todavia outros elementos vão se emaranhando historicamente nesse contexto como é o caso da Dança e da religião.

As Artes, como por exemplo a Música e as Artes Plásticas, sempre estiveram presente na cena religiosa evangélica, ao contrário da Dança, que por muito tempo foi negada, como já visto anteriormente. Acredito que isso tenha estreita relação com a própria aceitação do corpo, já que na igreja evangélica há uma associação do corpo e da “carne” com o pecado, embora o mesmo seja morada de Deus. Assim, no dançar

⁴¹ igreja cristã contemporânea.

o corpo é protagonista, ele é movente e se torna o centro das atenções, e talvez por isso a Dança tenha ficado tanto tempo distante da liturgia dos cultos.

Contudo as transformações do próprio modo de como a sociedade vem se relacionado com o corpo, reflete na igreja, gerando possibilidades de espaço para práticas de Dança. A Dança pode ser uma estratégia de sobrevivência da igreja nesse contexto, no sentido de atrair e manter os fiéis.

Por exemplo, com a explosão do *funk* nas comunidades do Rio de Janeiro, local onde há a presença marcante das igrejas evangélicas, a Dança principalmente entre os jovens é uma marca. Os grupos, os passos marcados e também a corporeidade que é produzida a partir dessa coafetação entre corpo e ambiente, são capturados pela igreja com suas regras e adaptações próprias. Há a possibilidade de dançar, mas com outras vestimentas, outras movimentações, negociações constantes para que ambas se estabeleçam. A Dança possibilita aos fiéis experiências no próprio corpo, por meio dos afetos e vivências que são sentidos.

Em vista disso, cabe pensar sobre essa relação entre a dança no contexto evangélico, dança *gospel*, e o mercado. Será que a Dança é capturada pela dimensão mercadológica ou essa dimensão mercadológica é capturada pela Dança? Essa coimplicação posta entre religião e mercado/capital já existe, ponto abordado no primeiro capítulo, assim, questiona-se sobre que papel a Dança cumpre, posto que ela também está imersa nessa teia, e faz parte desse contexto?

Em uma perspectiva de sacralização e dessacralização da Arte, quando convém para a lógica mercantil religiosa, é possível encontrar uma Dança que é dedicada a religião e ao mercado. Quando essa Dança está coimplicada com a lógica do capital ela se torna serva não de Deus e opera, portanto, com termos múltiplos.

Ademais não se trata de um discurso raso contra o dinheiro ou a demonização das relações capitalistas nas igrejas, a questão é a crítica sobre como a mercantilização usa o afeto e a fé das pessoas para enriquecer. O “deus” dinheiro aparece para suplantar a vida.

3.2 O rótulo *gospel*

A sociabilidade, o consumo e os modos de vida dos cristãos operam de modo coimplicados com os princípios e normatizações postos pela igreja. Contudo, existe uma interação e adaptação dos fiéis para conviver com as dinâmicas que estão fora dos templos, principalmente relacionadas ao consumo de bens materiais, de cultura e

elementos tidos como profanos. Segundo Prado (2013) a "separação religiosa isola o que é do sagrado, relativo aos deuses do que é da esfera dos homens, o profano o que pode ser usado" (p. 79).

Essas concepções de sagrado e profano caminham juntas, em uma linha tênue dentro do contexto evangélico. Embora se tenha um reforço nos discursos, para que essa separação fique explícita, muitas vezes elementos ditos profanos são acoplados a vida religiosa. Deste modo, literatura, grandes eventos, música, filmes, dança e outros artefatos recebem uma espécie de chancela para que possam ser consumidos e usufruídos.

O *gospel* é um termo abrangente que gera permissão, autorização e certificação de pertencimento e legitimação. Paula Salles (2014), aponta que

O termo "gospel" significa evangelho em inglês, e surge no início do século XX, nos Estados Unidos para identificar as músicas negras cantadas nas igrejas protestantes, os "spirituals" que se diferenciavam dos hinos porque recebiam influências das músicas africanas. (p. 38)

No Brasil esse termo possui outra conotação, além de estar relacionado ao estilo musical, abrange modos de ser cristão na sociedade, no sentido de permissão e consumo, que além da concepção mercadológica, abarca a própria expressão da fé.

O termo *gospel* aparece como uma patente, no meio dos evangélicos no Brasil, como uma possibilidade de identificação geral, construindo identidades e diferenciando o que está "dentro" e o que está "fora". Há, portanto, uma permissão de trânsito entre sagrado e profano, ou seja, uma noção de sacralização dessas práticas. Sacralizar é tirar do uso comum, dos homens, do profano e tornar sagrado por meio do sacrifício. Tornar sagrado, portanto, está diretamente relacionado à prática de sacrifícios e de separação, entretanto, o rótulo *gospel*, poderia possibilitar que uma prática, ou algo se tornasse sagrado sem ser pelos sacrifícios, mas dando uma autorização para uso. De acordo com Agamben (2007)

Poderíamos dizer então que o capitalismo, levando ao extremo uma tendência já presente no cristianismo, generaliza e absolutiza, em todo âmbito, a estrutura da separação que define a religião. Onde o sacrifício marcava a passagem do profano ao sagrado e do sagrado ao profano, está agora um único, multiforme e incessante processo de separação, que investe toda coisa, todo lugar, toda atividade humana para dividi-la por si mesma e é totalmente indiferente à cisão

sagrado/profano, divino/humano. Na sua forma extrema, a religião capitalista realiza a pura forma da separação, sem mais nada a separar. Uma profanação absoluta e sem resíduos coincide agora com uma consagração igualmente vazia e integral. (p. 63)

Um exemplo marcante desta dimensão diz respeito ao evento *gospel night*, que acontece na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma série de festas, que às vezes são temáticas e têm uma estrutura voltada para o público jovem, com músicas agitadas tocadas por *DJ's* cristãos, jogo de iluminação e venda de ingressos. A figura a seguir (figura 25), ilustra, essa concepção de sacralização, pela chancela do termo *gospel*. Uma espécie de autorização do profano uma vez que cada vez mais ele se torna inevitável.

Figura 25 - Cartaz de divulgação da última festa do ano de 2019



Fonte: Gospel Night, 2019.

No ano de 2009, participei de um desses eventos. O *gospel night* aconteceu na quadra da escola de samba da Portela, conhecida como Portelão, em Madureira, Rio de Janeiro. Um lugar tido como profano, foi o palco escolhido para que o evento acontecesse. É interessante que no espaço havia jogo de luz, músicas e pessoas dançando. Contudo, não era permitido namoro, “pegação”, nem danças muito sensualizadas durante a festa. No decorrer do tempo alguns “fiscais” circulavam entre os participantes, observando atentamente o comportamento das pessoas e

repreendendo quando necessário. As luzes coloridas em movimento focavam determinados lugares e, às vezes, foi o que garantiu que nenhum local estivesse escuro em sua totalidade.

Cabe pensar nesse evento como uma lógica de proibição e liberação do corpo. Ao mesmo tempo em que podia dançar e curtir a festa no estilo “balada”, havia um monitoramento contínuo sobre as condutas dos participantes. Desse modo, cabe a ideia de poder acessar aos desejos da carne com restrições e com uma rotulação que torna aquele momento sagrado. Tem a festa, mas há uma poda quanto a vivenciar os prazeres do corpo. Essa dimensão pode ser uma via para acessar e acalmar os desviantes da igreja, em especial os jovens com seus desejos pulsantes. Um corpo que pula, dança, canta, mas é a todo tempo vigiado por disciplinadores, olhando e reprimido. Há nesse sentido uma ideia de docilização dos corpos, trazida por Foucault (1999), da qual falaremos mais adiante. Um outro nível de docilização dos corpos – sociedade disciplina.

Ademais esses eventos cobram ingressos, e o próprio *gospel night*⁴² se tornou uma marca. Uma empresa que vende CD's, faz eventos e outros produtos. O rótulo de *gospel* autoriza o consumo e o pertencimento para existir e para demarcar a diferença, gerando novas mercadorias, construindo assim uma ideia de permissividade cerceada onde o que antes era proibido, pode ser consumido, mas dentro de uma lógica de regras e condutas preestabelecidas pela religião.

O conceito de cultura *gospel*, desenvolvido por Magali Cunha (2004)⁴³, dialoga com esta concepção, segundo a autora a

cultura *gospel* é um fenômeno cultural-religioso do mercado. Ela permitiu aos evangélicos brasileiros se inserirem na forma de viver a fé e relacionar-se com o sagrado, elementos profanos, aqueles integrantes da cultura do mercado [...]. (p. 240).

Assim, a cultura *gospel*, colaborou com o processo de inserção social dos evangélicos e das igrejas, no âmbito da aceitação social, além de representar um modo de vida religioso, legitimado, mas não isolado. Propõe a vivência das práticas nas comunidades religiosas associada com a interação no mundo externo a elas, pela

⁴² Para saber mais: <https://gospelnight.com.br/>.

⁴³ A pesquisadora das Ciências da Religião e coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação e Religião da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

via principalmente do consumo. É possível supor que há uma relação com a adaptação do próprio segmento evangélico para sobrevivência na sociedade contemporânea.

De um modo geral, este termo gera uma espécie de permissão para acessar entretenimento e Arte, principalmente a Dança (manifestação corporal) que durante muito tempo foi vista de um modo preterido em relação a outras manifestações artísticas.

Assim “isto significa que vivenciar o modo de vida gospel é consumir bens e serviços religiosos e divertir se não como mera assimilação da cultura do mercado, mas como expressão religiosa” (CUNHA, 2004, p. 239), expressando, portanto, um modo de ser cristão. Cabe, pensar que os acontecimentos no mundo externo ao contexto religioso alcançam também os fiéis, a fase por exemplo em que o corpo, a sexualidade, a sociabilidade ganham mais espaço, os jovens evangélicos também vivenciam e desse modo a igreja precisa criar estratégias para lidar com isso.

Há um movimento de adaptação que captura fatores “externos” e profanos, para seu contexto, de acordo com determinadas escolhas, pode haver uma festa com *DJ*, desde que seja cristão e toque músicas *gospel*. Esse sistema complexo incorpora algo de fora, legitimando-o com as devidas adaptações reguladas, também, pela busca da sobrevivência e lucro, em um nicho já tão saturado e ramificado, como o do cristianismo. A Dança também aparece entrelaçada à essa lógica, a dança *gospel*, tornou essa prática uma dança camaleoa que se camufla para existir de acordo com a demanda e necessidade posta pelo contexto.

3.3 Dança camaleoa

A dança *gospel*, diferencia as práticas de Dança nas igrejas evangélicas, de outras práticas. Ela também é nomeada como dança evangélica, dança profética, dança cristã, dança ministerial, dança litúrgica, entre outras. Estes nomes envolvem um conjunto contextualizado que inclui técnica, modos de ser, experiências de fé pessoal e coletiva, doutrinação, vinculação à uma ideologia e modalidades de consumo relacionados à lógica capitalista.

Essa multiplicidade de nomenclaturas reflete uma camuflagem para sobrevivência, uma dança camaleoa. O camaleão se camufla em determinadas situações para que possa fugir dos predadores e sobreviver. Ao contrário do

camaleão, a dança *gospel* se camufla e se adapta, para chamar atenção garantindo sua sobrevivência.

Nesse sentido, é possível notar uma homogeneidade diversa, como em uma paleta de cores, onde a mesma cor apresenta nuances diferentes, há um padrão estabelecido, com variações. Existe assim singularidades dentro deste padrão, é permitido a dança *gospel*, existir, pois, é a chancela que pode, contudo para melhor adequação e mais aceitação começam a aparecer variações.

Somente o adjetivo *gospel* acoplado a Dança, já não é suficiente para dar conta das necessidades e ambiências postas na contemporaneidade. Diante deste turbo próprio do capitalismo, essa diversidade de nomenclaturas, aparece como uma estratégia para legitimação da Dança nesse espaço. Uma proposta de servir ao que o mercado está demandando em cada momento, sem distanciar ou renunciar os dogmas desta religião.

De acordo com a demanda do mercado evangélico, e do território onde essa prática acontece, há uma nomeação que a legitima e permite a sua existência. Como exemplo dessa dinâmica, seguem dois eventos em datas e cidades diferentes, mas com o mesmo conteúdo, e que se intitulam de formas distintas:

Figura 26 - Mostra de Dança Gospel de Taboão da Serra, São Paulo, 2019



Fonte: LIMA, 2018.

Figura 27 - Mostra de Dança Cristã em Uberaba, Minas Gerais. Agosto de 2019



Fonte: 6ª Mostra de Dança Cristã, 2019.

A mostra da 1ª Dança Gospel, (figura 26) aconteceu na cidade de Taboão da Serra, São Paulo, em setembro de 2018, como abertura da programação do 1º Circuito de Arte e Cultura da cidade realizada pela Secretaria de Cultura e Turismo da cidade. A mostra contou com a participação de grupos de dança de 15 igrejas evangélicas da região. Já a Mostra de Dança Cristã (figura 27), está em sua 6ª edição que aconteceu em agosto de 2019, na cidade de Uberaba. Foi promovida pelo Conselho de Jovens Pastores de Uberaba (Conjeu), com apoio da Fundação Cultural de Uberaba, com a participação de 16 números de dança.

Ambas apresentam marcas estéticas diferentes, mas o conteúdo é o mesmo. Nesses eventos, segundo as informações contidas nos respectivos veículos de informação⁴⁴, trata-se de um espaço democrático aberto para que grupos de Dança evangélicos, de distintas igrejas possam se apresentar. Eles apresentam o mesmo conteúdo mas com modos de nomear distintos.

Cabe destacar que ambos eventos, dão a ver, uma relação posta entre religião e estado. A igreja católica apostólica romana historicamente se misturou com o estado

⁴⁴ Ver mais em: <<http://ts.sp.gov.br/imprensa/noticias/mostra-de-danca-gospel-abre-programacao-do-1-circuito-de-arte-e-cultura/>> e Folha de Uberaba <<https://folhauberaba.com.br/noticias/6a-mostra-de-danca-crista-abre-espaco-para-diversidade-nas-apresentacoes>>.

e as relações de poder embutidas nesse espaço. Contudo essa relação entre a religião, a Secretaria de Turismo, e a produção de cultura dessas cidades, revelam uma aproximação da igreja evangélica com essas estruturas de poder. Em um estado laico, e que pressupõe um governo para todos, independente da religião, essas ligações postas entre os evangélicos e a política cultural por exemplo, podem segregar, manipular e revelar intenções mais complexas no contexto geral. É importante dizer ainda que o elo entre evangélicos e política no Brasil foi intensificado nas eleições presidenciais do ano de 2018, com a vitória do presidente Jair Bolsonaro que contou e conta com o apoio de grande parte da população evangélica. Ademais é importante destacar que essa aproximação entre eventos de dança gospel e a secretaria, cultura, de algumas cidades, é motivo para questionamentos e análises em pesquisas posteriores posto que este trabalho não dá conta de responder por exemplo o que está posto por detrás dessa relação?

Essa dinâmica de variação de nomenclaturas, para designar a mesma coisa, pode ser observada na oferta de aulas, dentro ou fora dos espaços religiosos, (figura 28) em eventos diversos (figura 29) e até em como os grupos se intitulam.

Figura 28 - Quadro de horários de aulas em 2020 da Academia de Dança Tereza Petsold, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro

ACADEMIA TEREZA PETSOLD

Modalidades: JAZZ, BALLET CLÁSSICO, BALLET CLÁSSICO REPERTÓRIO, PONTA, BABY CLASS, SAPATEADO, DÇA MODERNA, DANÇA FLAMENCA, DÇA LIVRE, DÇA CONTEMPORÂNEA, JAZZ FUNK, ALONGAMENTO, **DÇA MINISTERIAL**, DÇA DO VENTRE, HIP HOP, STILLETTO E DANÇA DE SALÃO, DANÇA PARA AS MÃES.

HORÁRIOS 2020

13) **DANÇA MINISTERIAL** VALOR PROMO: R\$ 120,00 – VALOR NORMAL: R\$130,00 - acima de 8 anos

QUARTA de 11h às 12:30h = RODRIGO

SEXTA de 15:30h as 17h = RODRIGO

Fonte: Academia de Dança Tereza Petsold, 2020.

Figura 29 - Congresso de Dança Profética, PIBC

**3º CONGRESSO
DANÇA PROFÉTICA**

POR UMA DANÇA
*que nos torne
semelhantes a*
JESUS

**6, 7 e 8
OUTUBRO**
LOCAL
PIB CAJUEIRO
Av. Sebastião Salazar,
687, Cajueiro, Recife-PE.

ESTÚDIO DO CORPO
(NOVO HAMBURGO - RS)

Pra. ÉRIKA ALVES
(ÁGUIAS NA DANÇA - BH)

CULTOS QUINTA (06/10) - 19:30
SEXTA (07/10) - 19:30
SÁBADO (08/10) - 19:00

OFICINAS
SÁBADO 08/10 DE 08:00 AS 17:00

INFORMAÇÕES
81 985472929 Oi (Eloi) / 81 988494310 Claro (Renata)
81 998742097 Tim (Manuella) congressodancapibc@gmail.com

DançaProféticaPIBC

BATISTA
MULHERES

**ASSOCIAÇÃO
DANÇA PROFÉTICA**
PIB CAJUEIRO

Fonte: Congresso Dança Profética, 2016.

A dança camaleoa segue a instauração de uma lógica midiática, mercantil e espetacularizada, onde há uma perspectiva de atrair consumidores vinculados a este nicho, se ajustando aos pleitos dos mesmos. De acordo com Debord (1997) “o consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (p. 33). Sendo assim essa complexidade de relações se reflete nesses modos de “estar” dança na igreja. A essência da prática de Dança é a mesma; figurinos, gestos e técnica são figuras importantes. O que vai variar é “o espetáculo a ser vendido”, que vai se ajustando de acordo com o que mais atrai e se adequa naquele momento.

A partir da relação entre corpo e cidade, estudada por Fabiana Britto e Paola Jacques, também é possível pensar a relação dança e ambiente evangélico. Fabiana Britto e Paola Jacques (2009) apontam que,

a cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo, em sua corporalidade, o que passamos a chamar de “corpografia” urbana.⁴ “A corpografia” seria uma espécie de cartografia corporal em

que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação. Uma ideia baseada na hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente. (p. 341)

Nesse sentido da coimplicação entre dança e contexto evangélico, surgem corporalidades que se definem na relação posta entre essas duas dimensões. O que surge desse processo é uma corporalidade de camaleão, de serva. Assim a Dança nesse espaço se camufla para se tornar servil. Diante desta conjuntura, qual o lugar/papel que a Dança ocupa? A quem ela serve?

3.4 Dança Serva

A Igreja evangélica, enquanto instituição social, está incluída no contexto em que a ética protestante continua associada ao sistema de produção capitalista⁴⁵ e ao neoliberalismo (contexto econômico no qual estamos inseridos). Os evangélicos se moldaram às características desse sistema bem como às suas transformações. Sob a influência desta política econômica, a cultura *gospel* amplia e potencializa o mercado, disseminando suas ideologias, crenças e valores.

Há uma mercantilização da fé em um sentido amplo e na prática de Dança que ocorre nesse espaço. Nesta se expressa por meio de uma dimensão que mexe com o sensível e com o afeto das pessoas. Há, portanto, uma dança serva, que não atende apenas a demanda litúrgica, mas que se coloca a serviço do capital. Assim, é possível associar a prática da dança *gospel* à um entendimento de servidão ao capital. Dança, religião e corpo de modo imbricados e (co)afetados, se configuram dentro dessa lógica. Não só as ideologias e concepções presentes em cada uma dessas instâncias, que abrange as diversas denominações evangélicas existentes (Igreja universal do reino de Deus, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Batista, etc.), mas também modos de ser cristão e consumidor na sociedade capitalista.

Exemplo disso, é como já citado anteriormente a reserva de mercado dos profissionais em dança, a patente de uma modalidade exclusivamente “cristã”, entre outros modos de manifestação dessa relação. Esta se intensifica, posto que neste modelo econômico a informação se torna o bem de consumo mais desejado (SALLES, 2014) já que a mesma facilita e estimula a lógica de consumo. O corpo se modifica na

⁴⁵ Como já apontado no Capítulo I.

relação com o ambiente, ele corporeidade por meio das informações e relações que vão sendo estabelecidas esse processo. O corpo que dança intensifica essas corporeidades, agregando valor estético e poético.

O capitalismo, em constante expansão cooptou as esferas da vida, e, portanto, as dimensões, estética e cultural, não estão de fora desse sistema. Segundo Silva (2019)

[...] A cooptação dos dois universos da arte – estética e seu público – permite perceber a intrínseca relação que ganhou forma e passou a mover a indústria da arte e a cultura de massa, promovendo uma mudança de paradigma econômico e visual dentro das leis do mercado e do consumo, voltando uma maior atenção para o uso da imagem artística e, conseqüentemente, convertendo-a tanto numa forma de divulgação e propaganda de um produto ou de uma marca, como na própria arte em si enquanto produto de consumo. (p. 151)

Há, portanto, uma associação entre Arte e mercado, que remete a noção de um prazer e satisfação imediato e temporário, considerando as demandas trazidas pelos consumidores, e gerando lucro para os produtores. No cenário evangélico, há ainda a incorporação de mais um elemento, a religião. Nesse sentido, se faz importante trazer a concepção de capitalismo artista que segundo Lipovetsky e Serroy (2015),

o capitalismo artista é o sistema em que são desestabilizadas as antigas hierarquias artísticas e culturais, ao mesmo tempo que as esferas artísticas, econômicas e financeiras se interpenetram. Onde funcionavam universos heterogêneos se desenvolvem processos de hibridização que misturam de maneira inédita estética e indústria, arte e marketing, magia e negócio, design e cool, arte e moda, arte pura e divertimento. (p. 48)

Ademais, cabe destacar que na lógica do capitalismo artista, a expansão da dança *gospel* em redes sociais, a proposta de grandes e pequenos eventos específicos com pessoas tidas como referenciais dentro deste contexto, se tornaram ambientes propícios para o consumo do produto desejado.

A participação em seminários e *workshops* com companhias que já possuem um nome consolidado dentro deste mercado, por exemplo⁴⁶, traria a possibilidade de

⁴⁶ Tais como: Praise Cia. de Dança; Cia. Rhema; Vivian Lazzerini; Isabel Coimbra; entre outras.

certificação, legitimidade e prestígio dentro deste cenário. A figura 30 exemplifica, esse modo de operação dentro das igrejas.

Figura 30 - Divulgação curso de formação, 2020



Fonte: Instagram, 2020.

O consumo desse tipo de curso e/ou capacitação é muito comum entre os grupos, podendo gerar inclusive diferenciações entre quem é mais ou menos capacitado a dançar, devido a aquisição destes produtos, ou seja, se participou ou não desses eventos. Cabe destacar que esta lógica não é exclusiva do contexto cristão. É possível encontrar mecanismos parecidos em um contexto mais amplos.

Desse modo o contexto religioso evangélico e essa cultura que está sendo construída a partir disso; a dança nesse espaço; e o corpo que dança – se colocam a serviço do capitalismo. Essas instâncias imbricadas atendem a esse capitalismo artista e, portanto, vira mercadoria a ser consumida. Cabe destacar ainda que,

o capitalismo artista tem de característico o fato de que cria valor econômico por meio do valor estético e experiencial: ele se afirma como um sistema conceitor, produtor e distribuidor de prazeres, de sensações, de encantamento. Em troca, uma das funções tradicionais da arte assumida pelo universo empresarial. O capitalismo se tornou

artista por estar sistematicamente empenhado em operações que, apelando para os estilos, as imagens, o divertimento, mobilizam os afetos, os prazeres estéticos, lúdicos e sensíveis dos consumidores. (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 43)

Portanto há uma experiência por parte dos fiéis consumidores que une sagrado e profano, consumo e ritualização, fé e mercado. Vale ressaltar que ao se falar da dança serva não se trata de uma servidão passiva, mas uma prática que está embutida no discurso capitalista religioso, e que permite aos próprios artistas da dança evangélicos, pertencimento ao sistema e satisfação pessoal de consumo do próprio corpo. Assim,

[...] promove a dinâmica do capitalismo artista presente nas artes comerciais *gospel*. Atualmente, isso é visível na aliança iconográfica entre símbolos religiosos e marcas seculares presentes nos segmentos da moda, estética e nas artes evangélicas de uma forma geral, visando atender as demandas consumistas impostas ao corpo. (SILVA, 2019, p. 155)

O corpo é visto como uma força produtiva, otimizada a partir do corpo que dança e a dança serva, como um dispositivo. Contudo não se trata apenas de um corpo passivo que se permite docilizar cordialmente através da interferência do poder, mas um corpo que se torna dócil para estar a serviço do capitalismo.

Há uma preocupação com a produção e divulgação de uma imagem corporal dos evangélicos, que fomenta essa teia mercadológica religiosa, assim

com a busca do corpo e estética ideal para o evangélico contemporâneo, o crescimento no uso de redes sociais por parte dos evangélicos e a quantidade intensa e veloz de circulação de imagens através dos dispositivos eletrônicos, corroboram para uma transformação na relação entre evangélico e imagem. Assim, se observou que a sacralização do corpo no mercado abriu outras portas para a liberação não somente ao consumo, mas às expressões do corpo nas artes. De certa forma, o desprendimento do corpo ascético (WEBER, 2004) através do desenvolvimento do capitalismo e a resignificação através do corpo estético tem contribuído para o crescimento desse processo de consumo de imagens. (SILVA, 2019, p. 148)

As figuras 31 e 32 exemplificam essa dinâmica. A figura 31 diz respeito a chamada “moda evangélica” que gera um mercado de produção e consumo que também vem se expandindo. Já a figura 32, traz uma loja virtual de figurinos para

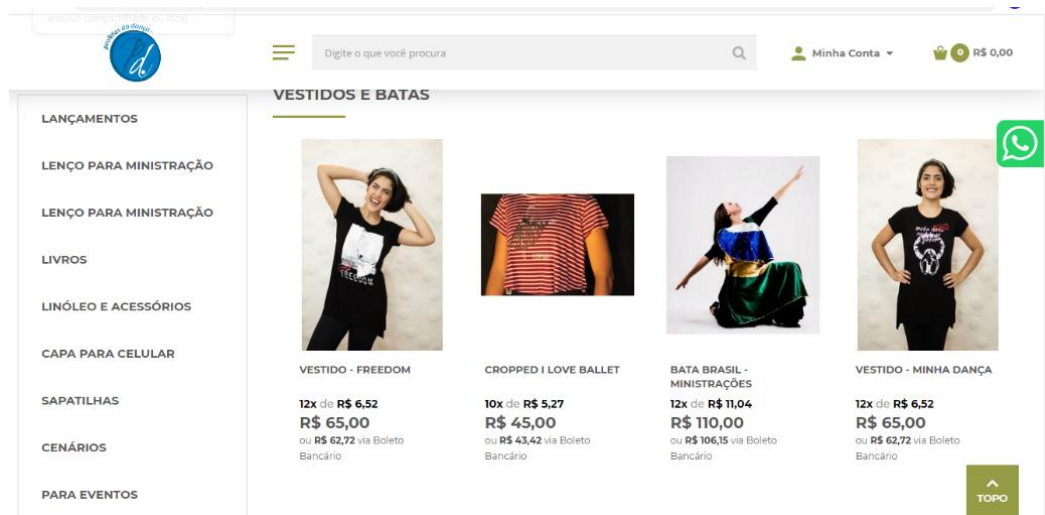
prática da dança *gospel*, que também seguem a mesma lógica de fabricação específicas.

Figura 31 - Propaganda da coleção nova da loja de roupas Veste sublime, 2019



Fonte: Veste Sublime, 2020.

Figura 32 - Loja virtual Profetas da Dança



Fonte: Profetas da Dança, 2020.

O corpo é visto como força produtiva, ele faz parte dessa dinâmica, de tal modo que é ao mesmo tempo é patrão e funcionário, escravo e consumidor. Um corpo que se permite dominar pela religião, a partir do direcionamento das condutas, cria um laço de pertencimento aos dogmas religiosos. Ele atende ao mercado, se alimentando desse processo, criando mais produtos em cima disso. Vladimir Safatle (2016), aponta que

na verdade, as formas hegemônicas de vida no capitalismo atual fundamentam se em uma economia libidinal capaz de absorver até

mesmo a indeterminação anômica⁴⁷ da punção e a desarticulação das estruturas identitárias. Ou seja, anomia não pode mais ser vista como uma patologia social, tal qual parecia aparecer em Durkheim, já que ela teria se transformado na condição mesma de funcionamento dos processos de gestão social da vida. (p. 27)

E portanto, sobre a intervenção política dos corpos na fase do capitalismo em que vivemos, é possível afirmar que há uma,

intervenção não mais produzida de maneira hegemônica, através das formas da disciplina e da coerção normativa, mas através da internalização da experiência da harmonia produzida pela universalização da forma geral da intercambialidade e da equivalência. (SAFATLE, 2016, p. 27)

Nesse sentido, há uma docilização, um movimento de pertencimento e identificação uniformizado que aceita as condutas e as normas, como por exemplo um tipo de vestir, um jeito específico de dançar ou uma música a se ouvir, que reflete uma imagem de um cristão. Assim, a igreja fomenta o mercado capitalista usando estratégias de captura, como a dança no sentido de criar mais produtos a serem consumidos. Além do fato de atrair mais fiéis e sobreviver na contemporaneidade.

Neste contexto de docilização permitida e ajustada entre ambas as partes, ainda que esses acordos não sejam explícitos, onde impera um modo de operacionalização da vida regido pelo mercado capitalista, a dança serve aparece como um dispositivo de controle dos corpos evangélicos, situando o regime de poder que é exercido pela dogmatização da igreja. Segundo Agamben (2009), dispositivo,

a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medida de polícia, proposições filosóficas etc. o dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos. b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder. c. Como tal resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (p. 29)

Cabe ressaltar que tais definições produzem um nexo de sentido, para essa teia que envolve corpo-dança-religião, nesse contexto específico, permitindo um entendimento das relações de poder que se estabelecem por meio de uma prática,

⁴⁷ Conceito trazido por Vladimir Safatle (2016).

onde o corpo é o protagonista, ainda que pela sua negação. Uma vez que há uma repressão ao corpo e uma negação da carne em função da exaltação do espírito, é possível perceber que o corpo ocupa um lugar central dentro da igreja evangélica.

Assim,

os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais: não simplesmente esta ou aquela tecnologia do poder, e nem mesmo uma maioria obtida por abstração: antes, como dizia na entrevista de 1977, "a rede le réseau" que se estabelece entre estes elementos. (AGAMBEN, 2009, p. 33)

Nesse sentido, é permitido a dança existir, o corpo pode dançar, todavia, precisa estar dentro de um padrão preestabelecido. Nesse padrão são delimitadas as músicas, que tipos de técnicas podem ser aceitas, figurinos que podem ser usados, na perspectiva de manter a imagem do cristão. Além disso, a dança como um dispositivo, reforça nos corpos evangélicos um padrão de santidade, separando sagrado e profano, e intensifica a ideologia posta pelos evangélicos. A mercantilização e o consumo são reforçados, uma vez que o mercado oferece bens específicos para que esse padrão seja mantido e se configure como tal.

3.5 Dança espetáculo

Diante do exposto até aqui, é possível perceber que a prática de dança atua de modo coimplicada com a cultura religiosa estabelecida pelos evangélicos no Brasil, entre outros fatores principalmente via consumo. As coreografias apresentadas sejam nos cultos ou em outros momentos, ainda que expressem mensagens contidas no cristianismo diretamente relacionadas a bíblia e a ideia de exaltação a Deus, assumem perceptivelmente um formato de espetáculo. Embora em primeiro momento esta relação entre dança e espetáculo seja negada é possível perceber a mesma, nas escolhas dos figurinos, cenário e disposição no espaço por exemplo. Estes fatores, apontam para a mercantilização e espetacularização desse fazer, segundo Debord (1997)

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana *em estado fluido*, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da *formulação pelo avesso* do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender,

mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a *mercadoria*. (p. 27)

A Dança no ato litúrgico cumpre o papel de adoração, mas também cumpre um papel mercadológico, não à toa há uma aceitação, expansão e investimento nesse fazer percebido massivamente pela ampla divulgação principalmente nas redes sociais. A expansão e ampliação por via de festivais, aulas, cursos, palestras etc. consolida ainda, a possibilidade para a criação de um mercado específico para esse público.

Vale ressaltar que a ideia de adoração ao sagrado é uma prática inerente ao cristianismo, um dos seus fundamentos é o culto à Deus. Entretanto essa percepção de que tudo virou mercadoria também está presente nesses rituais, seja em esfera coletiva ou individual. Daí é possível ver a relação espetacular da dança no culto, pois, “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo” (DEBORD, 1997, p. 30).

Com essa espetacularização e mercantilização excessiva se perde tempo de fruição e maturação necessária para a criação. Há um foco na produção para atender demandas do mercado e se esquece o processo envolvido para que haja um produto. Essa relação também é percebida, quando se trata do ritual de adoração ao sagrado. Há uma preocupação intensa com a coreografia a ser apresentada e se esquece da relação mais profunda estabelecida entre o humano e o divino, sagrado, o mistério. Essa relação primária é uma das bases do cristianismo, dentro de uma perspectiva de uma religião relacional.

A Dança espetáculo muitas vezes ofusca e até mesmo esconde essa ligação, uma vez que está tão envolvida na teia capitalista. Há uma preocupação com quantidade de público, cenografia, “limpeza” de movimentos, alto padrão técnico e muitas vezes certificações, geradas em eventos, congressos e seminários com as figuras renomadas nesse contexto. Vale lembrar que essa dinâmica está no modo de vida contemporâneo e outras ideologias vem seguindo o mesmo modelo de adaptação, porém com outro conteúdo ideológico.

O corpo que dança na igreja, que vai para a cena, para a luz, para o lugar do espetáculo, tende a “aparecer” mais, do que um corpo que louva, se entrega, sem o compromisso com a imagem, e o resultado final. Ao subir ao altar, ou ir para a frente

da igreja, já se torna um corpo para o espetáculo a ser assistido, posto que o palco já o coloca em uma situação espetacular.

Durante o ritual as pessoas levantam as mãos, se movimentam, se ajoelham falam palavras para cultuar a Deus. Contudo é possível perceber que há diferença em quem assiste e quem está cultuando. Na observação do espectador, ao olhar um sujeito em adoração ao sagrado durante o ritual de culto, essas ações podem ser entendidas como uma performance, entretanto para quem está de joelhos fazendo suas orações ou com as mãos levantadas para adorar pode não ser uma atuação, apenas uma atitude de consagração e veneração movida pela emoção e sentimentos.

Já em uma apresentação de dança na igreja, o espectador está ali para assistir, ainda que ele também participe e interaja de alguma forma com a dança. O dançarino está ali para se apresentar, mesmo que tenha também uma intenção de adorar ao sagrado. Essas sensações e experiências com o sagrado, são diferentes entre o corpo que está na cena, e o corpo que está assistindo. Posto isso como subir nesse palco durante o ritual, e respeitando o tratado litúrgico espetacular? Essas expressões vão depender das relações que se estabelecem entre os corpos dos fiéis e as intenções. Esse palco pode ser espaço de sacralização, de potencializar a relação com o divino, reestabelecer conexões perdidas ou de apresentação e legitimação desse espetáculo.

Por fim cabe pensar em um reconvinte ao corpo que dança na cena artística religiosa, Lipovetsky e Serroy (2015), apresenta que há

Duas versões bem diferentes da vida estética: uma, comandada pela submissão às normas aceleradas e ativistas do consumismo; **a outra, pelo ideal de uma existência capaz de escapar das rotinas de vida e de compra, de suspender reproduzir a “ditadura” do tempo precipitado, de degustar o sabor do mundo se dando o tempo da descoberta.** A estética do acelerado há que opor uma estética da tranquilidade, **uma arte da lentidão que é a abertura para as fruções do mundo, permitindo “estar mais próximo da própria existência.** (p. 37, grifo nosso)

É possível pensar em uma outra forma de se relacionar com a vida estética para a dança religiosa? Uma dança que se volta a Deus, no sentido da relação com o sagrado, não tão capturada pela lógica feroz do capitalismo onde tudo vira mercadoria?

3.6 De volta ao “Éden”: o (re)convite

Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar.

Friedrich Nietzsche

Diante das questões e dos elementos apontados neste trabalho é possível perceber a dança *gospel* como uma prática de dança capturada pelo mercado capitalista. Entretanto, é possível também esboçar uma tentativa de pensar a inserção da dança no contexto evangélico como um (re)convite do corpo que dança à cena artístico-religiosa. Nesse sentido cabe pensar a dança e a adoração como constitutivos mútuos e em um protagonismo do corpo em estado de adoração. Vale ressaltar que esse corpo é um agenciador de múltiplas ações – dança, adoração, contemplação, expressão e comunicação e é nele que se dão as experiências com o sagrado e a própria relação com Deus.

Na narrativa da criação da humanidade a partir do cristianismo, Deus criou homem e mulher e lhes colocou em um jardim, chamado Éden⁴⁸. Segundo registrado na Bíblia: “Ora, Yahweh, Deus, havia plantado um jardim na região do **Éden**, no Oriente, para os lados leste, e ali colocou o ser humano que formara” (BÍBLIA, Gênesis 2,8, grifo nosso). Nesse contexto de plano ideal, a relação entre Deus e a humanidade (representada ali por Adão e Eva) era visceral, orgânica e corporal. Ainda segundo esses relatos, o próprio Deus os visitava no jardim, registrando assim um encontro entre o criador e a criatura, o humano e o sagrado. No Éden não havia essa separação da vida e da religião, no sentido de buscar uma instituição para mediar a relação com Deus e, portanto, a adoração era parte da própria vida, o corpo era o elo onde essa relação se manifestava, já que o próprio corpo é a criação divina. O espetáculo posto ali não estava capturado por uma lógica de venda e de consumo mas sim ligado a uma experiência e pela ligação corpórea ao Deus.

Diante deste cenário contemporâneo de mercantilização exacerbada da fé e da vida, cabe pensar em uma metáfora sobre um (re)convite ao corpo na cena religiosa, o voltar ao Éden é permitir a criação e fruição de uma dança não atrelada a lógica capitalista. Seria, portanto, o tempo profanar uma dança sagrada, no sentido de Agamben (2009), que diz que

⁴⁸ Esta narrativa encontra-se registrada no livro de Gênesis, capítulo 2 da Bíblia Sagrada.

o dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício [...] o sacrifício sanciona em cada caso a passagem de alguma coisa do profano para o sagrado, da esfera humana a divina [...] a profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido. (p. 45)

Desse modo, propor uma prática estética e poética, que traga novamente a dança e partir dela se retorne ao sagrado. Não a dança *gospel* carregada de sentido mercadológico e enlaçada ao capitalismo, mas um modo de cultivar, adorar, movimentar que reforce a relação entre os dançarinos e Deus. Uma dança que não é serva e que, portanto, se torna um ato político de resistência a um sistema que engole o que vem pela frente. Trata-se, portanto, de uma tentativa de profanar o improfanável, buscando nas micro relações e aberturas, modos para atuar e ser nesses espaços.

Cabe pensar para além de noções de “passos de dança”, posto que não há um vocabulário específico de dança *gospel*. O que se percebe muitas vezes são colagens de técnicas de dança diversas. Voltar ao “Éden” seria propor uma dança a partir da própria experiência entre a humanidade e o divino. Por exemplo o honrar a Deus que é tão significativo para o contexto religioso cristão, é possível agir dessa forma pela dança, pela experiência corporal e a partir disso pensar em formas de honrar, formas de se colocar em adoração diante do que é Sagrado. Trazer para a dança no contexto evangélico, significados e experiências sobre o que é ajoelhar diante de Deus por exemplo.

Uma técnica de dança que possa ser transmitida e compartilhada, e portanto, a própria sala de aula pode ser também um espaço de adoração. O (re)convite é uma proposta de conexão à Deus, com o corpo em sua totalidade biopsicossocial e filosófica, por meio da Dança. A proposta é uma prática de Dança que surgiria em um outro lugar, uma dança emancipatória no próprio contexto e imerso nele. Se o objetivo é “louvar a Deus”, não precisa necessariamente de um público, ainda que a experiência seja coletiva. A relação posta é a de entender o sagrado e diariamente entregar, agradecer, pedir e viver a fé.

Ademais Agamben (2009), traz a noção de que contemporâneo É aquele que olha para o escuro seu tempo e nesse sentido,

contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. todos os tempos são

obscuros contém contemporâneo é, justamente aquele que sabe viver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. [...] perceber esse escuro não é uma forma de inércia ou de passividade, Mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas seu escudo especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes. (p. 63)

No contexto cultural religioso evangélico, o corpo que dança pode ser um dispositivo de resistência aos mecanismos de ideologização e mercantilização da fé, tendo como perspectiva os aspectos da Dança enquanto ação estética e política e as implicações dessa ação no ambiente, no âmbito social e no cultural. O “retorno ao Éden”, na contemporaneidade, possibilitaria a esse corpo em estado de adoração na cena religiosa, dançar e provocar a reflexão crítica sobre o contexto evangélico em que atua e propor novas perspectivas para vivenciar a fé cristã no Brasil hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa apresentada nesta dissertação é possível concluir que o termo dança *gospel* é um termo alinhado com a cultura *gospel*. Desse modo foi considerado pela pesquisa um termo suficientemente abrangente para acolher modos de ocorrência da dança, que tem se dado até o presente momento, neste contexto religioso. Esses modos de ritualização, de ensino e evangelização vêm ganhando expressão a partir dos anos 1990, na igreja evangélica brasileira, possibilitando transformações e adaptações da própria igreja. É possível notar que a inclusão do corpo na dança, nesses rituais, fez com que a igreja se adaptasse às transformações da própria sociedade, sobrevivesse e expandisse.

A dança *gospel* é entendida não como um encaixotamento, mas como um fenômeno onde é possível observar um padrão. Esse padrão tem a ver com a incorporação de elementos que estão fora do contexto religioso, ou seja, técnicas de danças já existentes que são inseminadas nas práticas de criação, nas danças na liturgia de culto, nas práticas de ensino e também na disseminação da ideologia evangélica. Além disso a escolha de músicas com letras e mensagens cristãs, aproximação de figurinos também pode ser percebidos como reforço desse padrão.

A dança camaleoa expressa uma característica importante desse fazer estético nesse contexto. Ela consegue se adaptar de acordo com as determinações de cada unidade da igreja, e, portanto, ela teria essa faceta de camaleão. Se para determinada igreja o uso da saia é imprescindível os figurinos são ajustados para isso. Se falar dança cristã soa mais inclusivo e chama atenção, a dança *gospel* se camufla com outro nome para se manter. Reforçando a ideia de variações do padrão.

Chama atenção ainda, a coimplicação que existe entre religião e capitalismo, ou seja, a vinculação da igreja evangélica com a lógica capitalista com uma parte do sistema, algo fundante da própria estrutura religiosa. Cabe destacar que não se pode generalizar essas condutas, uma vez que o próprio contexto evangélico é múltiplo, diverso e com concepções e organizações diferentes. Contudo é possível notar o quanto que a estrutura da igreja evangélica brasileira está vinculada a expansão e desenvolvimento do sistema capitalista em todas as suas esferas.

Ademais, segundo essa pesquisa a dança *gospel* aparece muito mais a serviço do capital financeiro e cultural do que realmente como uma expressão de louvação e adoração à Deus. Isso demonstra uma contradição interna, uma vez que há referências bíblicas, contra a mercantilização dentro do templo. Em um episódio,

Jesus entra no templo e expulsa vendedores que estão comercializando dentro do ambiente sagrado. “E disse aos que vendiam as pombas: Tirai essas coisas daqui; não façais da casa de meu Pai, casa de comércio” (BÍBLIA, João 2,16). Assim, entende-se que a igreja não é local de mercado, mas ao mesmo tempo essa foi a forma como a dança se expandiu nesse contexto. A dança foi ocupando espaço e se legitimando dentro desse território e ao mesmo tempo propiciou o surgimento desse mercado interno de consumo que vende roupas, figurinos, cursos, aulas e marcas próprias.

O louvar a Deus já seria motivo suficiente para existência da dança nesse contexto. Diante disso, em que lugar as pessoas estão sendo colocadas nessa lógica? Seria possível uma outra experiência? Essa pesquisa pretende sugerir outras formas de se louvar a Deus com danças, o retorno ao Éden. A Dança pode fazer parte contribuindo de fato para experiência religiosa de fé e conexão com o sagrado. Uma dança não captada pela lógica da mercantilização da vida, mas que se dispõe, no corpo, a encontrar saídas para se ligar à Deus. Trata-se, portanto, de uma tentativa de buscar nas micro relações fendas e aberturas, para ser corpo e dança nesse contexto religioso. Buscar alternativas e modos de existências.

Cabe, portanto, para esses questionamentos, estudos posteriores para aprofundamento das questões suscitadas neste trabalho. Além disso, nesse percurso surgiu a possibilidade de pensar em uma sistematização de códigos e passos de dança que para além das colagens de técnicas, propiciem experimentar corporalmente as dimensões de adoração e relação com o sagrado, e que tenha também um viés pedagógico, potencializado o espaço da sala de aula.

Chego ao fim desta dissertação, não com a ideia de uma obra acabada, mas como um corpo em processo contínuo, onde se agregam e se trocam novas informações o tempo todo. Saio desse ato não com respostas prontas aos meus questionamentos, porém com mais questionamentos que surgiram ao longo desse caminho, que pretendo continuar a desenvolver mais à frente. Esta escrita se trata de uma fotografia, uma versão até esse momento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **Deus não morreu**. Ele tornou-se dinheiro. | Entrevista com Giorgio Agamben. Blog da Boitempo, São Paulo, 31 ago. 2012. Entrevista. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2012/08/31/deus-nao-morreu-ele-tornou-se-dinheiro-entrevista-com-giorgio-agamben/>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *In*: **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/186>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

BÍBLIA, N. T. **Lucas**. *In*: BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Comitê Internacional e permanente de tradução e revisão da Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2012. p. 2001.

_____. **João**. *In*: BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Comitê Internacional e permanente de tradução e revisão da Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2012. p. 2010.

_____. **Gênesis**. *In*: BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Comitê Internacional e permanente de tradução e revisão da Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2012. p. 33.

BOUCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRITTO, Fabiana Dultra. **Temporalidade em Dança**: parâmetros para uma história contemporânea. Belo Horizonte: FID Editorial, 2008.

_____. Corpo e ambiente: co-determinações em processo. **Cadernos PPG-AU/UFBA**. Vol. 7. Ed. especial, 2008. Paisagens do corpo. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2642>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

_____. Corpo, dança e ambiente: configurações recíprocas. *In*: **II Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança** - ANDA, 2011. Rio Grande do Sul. Anais, ISSN: 2238-1112. Porto Alegre, 2011.

_____.; MACHADO, Adriana; SETENTA, Jussara. Pesquisa artística e pesquisa acadêmica: uma articulação controversa. *In*: SPANGHERO, Maíra (Org.). **Fluxos de pesquisa em Dança no Brasil**. Salvador: UFBA, 2015. p. 51-64.

_____.; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro - resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 337-350,

Maio/Ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v21n2/10pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CALDEIRA, Solange Pimentel. A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano. História em Reflexão. **Revista Eletrônica de História**, Dourados, v. II, n. N. 4, p. 1-13, jul/dez 2008. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/372>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

CAMPOS, Adhemar. **Grande é o Senhor**. 1995. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/comunhao-e-adoracao/grande-e-o-senhor.html>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

CAPITALISMO. *In*: **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/magaldi/GEO_ECONOMICA_2019/dicionario-de-economia-sandroni.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>>. Acesso em: 19 Dez. 2019.

COIMBRA, Isabel. **Louvai a Deus com danças**. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2003.

COLAO, Magda Maria. O Modo de Produção: Categoria do Materialismo Histórico. *In*: **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 143-169, maio/agosto de 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2907/1543>>. Acesso em: 12 de dez. 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004, 347 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DEBORD, Guy. A mercadoria como espetáculo. *In*: **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DENNETT, Daniel C. **Tipos de Mente**. Trad.: Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

FABRICADEARTES. **Fábrica de Artes**, 2018. Disponível em: <<https://www.fabricadeartes.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In*: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. *In*: VIGARELLO, Georges (Dir.) **Da Renascença às Luzes**. História do Corpo, v. 1. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-130.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. *In: Ciências da Religião - História e Sociedade*, v 9, n 2, p. 148-174, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/3341/3106>>. Acesso em: 2 set. 2019.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (Orgs.) **Leituras do corpo**. São Paulo: Annablume, 2003.

GUALBERTO, Carolina. **Dança**: o que estamos dançando? – por uma nova dança na igreja. São Paulo: Hagnos. 2007.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A salvação pelo Rock**: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 dez. 2019.

KATZ, Helena. A Dança, Pensamento do Corpo. *In: NOVAES, Adauto (Org.). O Homem Máquina - A Ciência manipula o Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 261-274.

_____. Do que fala o corpo hoje? *In: ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). Teologia e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 15-27. Disponível em: <<http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz21311859908.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

_____.; GREINER, Christine. **Corpo e processos de comunicação**. Revista *Fronteiras – estudos midiáticos*, vol. III, n. 2, dezembro de 2001. pgs. 65-74. Disponível em: <<http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____.; _____. Por uma teoria do Corpomídia. *In: GREINER, Christine (Org.) O corpo – pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo, Annablume, 2005. p. 125-136.

LAZZERINI, Vivian. **Cia Vivian Lazzerini de dança**. 2014. Disponível em: <<http://www.vivianlazzerini.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

LIMA, Midian. **Jó**. 2017. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/midian-lima/jo/>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

MACHADO, Mônica Sampaio; NACIF, Cristina Lontra. Evangélicos, política e espaço: novas estratégias rumo à presidência da república? *In: Revista Geo UERJ | E-ISSN 1981-9021*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 566-586, 2017.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=pMsDG6HozF0C&pg=PA5&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 2 ago. 2019.

MATURANA, Humberto. Ciência e vida cotidiana a ontologia das explicações Científicas. *In*: MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p.125-156.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **REVISTA USP**. São Paulo, n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os Messianismos e Milenarismos brasileiros. *In*: PEREIRA, João Batista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva (Orgs.). **Messianismo e Milenarismo no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 49-67.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. O modo de produção capitalista: a exploração do trabalho. *In*: NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. p. 95-123. São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO, José Luiz Aidar. O mapa da mina-vidaclipe: do pequeno truque à profanação. *In*: **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2013.

RICCO, Ana Leticia Aires Ribeiro. **“Ministérios de dança”**: um olhar sobre dança e religião entre evangélicos. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Identidade e formação de campo profissional: o caso dos alunos evangélicos da graduação em dança da UFRJ. *In*: **Encontro de história oral**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340414449_ARQUIVO_ResumoAnais2012RICCO.ALAR.pdf>. Acesso em 25: de ago 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. **A dança no movimento evangélico no Brasil**. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Arte) Universidade de Brasília, Goiás.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos**: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

SALLES, Paula Francisco. **A Nova Comunicação do Corpo Cristão**: a transformação da imagem do corpo sagrado na mídia. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Tadeu dos. **O Corpo como um texto vivo**: a festa e a dança do candomblé. 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Escola de

Comunicações e Artes, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SHELLEY, Bruce L. Época do Cristianismo Católico 70 a 312 d.c. *In*: SHELLEY, Bruce L. **Histórias do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018. p. 41-109.

SILVA, João Marcos da. **A Iconofagia Gospel**: arte, corpo, consumo e suas ressignificações no cenário evangélico brasileiro contemporâneo. Tese. (Doutorado em Ciências da Religião). Escola de Comunicação, Educação e Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2019.

SOUZA, André Ricardo de. Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro. **Revista USP**. São Paulo. n. 120. p. 13-22. janeiro/fevereiro/março, 2019.

TORRES, Luciana R. Pinheiro. **A dança no culto Cristão**. 2007, 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Goiás, Goiás.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REFERÊNCIAS DE FIGURAS

6º Mostra de Dança cristã abre espaço para a diversidade nas apresentações. **Folha de Uberaba** - Disponível em: <<https://folhauberaba.com.br/noticias/6a-mostra-de-danca-crista-abre-espaco-para-diversidade-nas-apresentacoes>>. Acesso em: 5 jan. 2020.

Academia de Dança Tereza Petsold. Disponível em: <<https://www.terezapetsold.com>>. Acesso em: 5 jan. 2020.

Acervo Fundação Cultural de Brusque. Fundo Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2020. Disponível em: <<https://www.brusquememoria.com.br/acervo-imagem/3575>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BERNASSI, Karina. **Blog Dança gospel**, 2010. Página inicial. Disponível em: <<http://danca-gospel.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 set. 2019.

CENTRAL DE FIGURINO. **Loja Central Figurino Brasil**. Disponível em: <<http://www.centralfigurinobrasil.com.br/loja/index.php?route=common/home>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

Congresso de Dança Profética na PIB Cajueiro. **Revista algo mais**. 2016. Disponível em: <<http://revista.algomais.com/noticias/congresso-de-danca-profetica-na-pib-cajueiro>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

ESCOLA DE DANÇA CRISTÃ. **Curso de formação em dança cristã**, 2019. Disponível em: <<https://escoladancacrista.coursify.me/courses/danca-ministerial>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

GOSPEL NIGHT. **Gospel Night**, 2019. Disponível em: <<https://gospelnight.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

GOSPEL PRIME. **Ministérios promovem evangelismo nas olimpíadas**, 2016. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/ministerios-promovem-evangelismo-nas-olimpiadas/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

GUIAME. **Ministérios se reúnem em flash mob de dança em prol da paz na copa**, 2014. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/ministerios-se-reunem-em-flash-mob-de-danca-em-prol-da-paz-na-copa.html>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

HOLANDA, Diêgo. Dia do Evangélico: Pastores e estudiosos explicam crescimento do 'fenômeno' protestante em RO. **Site G1**, Rondônia, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/06/18/dia-do-evangelico-pastores-e-estudiosos-explicam-crescimento-do-fenomeno-protestante-em-ro.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2019.

IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA. **Igreja cristã contemporânea**. Disponível em: <<http://igrejacontemporanea.com.br>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

INSTAGRAM. Praise cia de dança. **Instagram**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/praiseciadedanca/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

LAZZERINI, Vivian. **Cia Vivian Lazzerini de dança**. 2014. Disponível em: <<http://www.vivianlazzzerini.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

LIMA, Ricardo. Mostra de Dança Gospel abre 1º Circuito de Arte e Cultura de Taboão da Serra. **O Taboense**. 2018. Disponível em: <<https://www.otaboanense.com.br/mostra-de-danca-gospel-abre-1o-circuito-de-arte-e-cultura-de-taboao-da-serra/>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

MAIA, Gustavo. Com caveiras e cruzeiros, igreja evangélica no Rio une amantes do heavy metal. **UOL**, 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/17/fundada-ha-25-anos-igreja-evangelica-no-rio-reune-amantes-do-heavy-metal.html>>. Acesso em: 20 jan. de 2020.

MOVER PARA DEUS. **Blog Mover para Deus**, 2018. Disponível em: <<https://moverparadeus.blogspot.com/2012/09/acessorios-aderecos-para-danca.html>>. Acesso em: 01 set. 2019

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRAISE Cia. de Dança. **Prise Companhia de Dança**. 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://www.praiseciadedanca.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

PROFETAS DA DANÇA. **Loja virtual Profetas da Dança**. 2020. Disponível em: <https://www.lojapfd.com.br/>. Acesso em 20 ago. 2019.

RHEMA Cia. de Dança. **Festival Rhema**. Programação 2019, 2019. Disponível em: <<https://www.festivalrhema.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

THE SEND. **The Send Brasil 2020**. Disponível em: <<https://thesend.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

VESTE DE ADORAÇÃO. **Loja virtual de roupas para dança evangélica**. Página do *Facebook*. 2012. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/category/Religious-Organization/Vestes-de-Adora%C3%A7%C3%A3o-CONFEC%C3%87%C3%95ES-DE-ROUPAS-MINIST%C3%89RIO-DE-DAN%C3%87A-155145847936765/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

VESTE SUBLIME. **Loja veste sublime moda evangélica**. 2020. Disponível em: <<https://www.vestesublime.com.br/>>. Acesso em: 8 jan. 2020.

ZOE DANCE. **Zoe Dance Brasil**. Disponível em: <<https://www.zoedance.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

REFERÊNCIAS DE VÍDEOS

DANÇA Sufi: o Ritual da Ordem dos Dervishes. *Upload* em 25 de fev. de 2012 por Leo Dip/Melhor consciência. (3 min. e 30 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FBqrJ7Qll3l>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

DANÇA CRISTÃ. Ousado amor/reckless love. *Upload* por Bia Araújo. Vídeo 4 (7 min. e 48 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cPIKpv3RrWA>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

DIANTE do Trono. DVD Diante do Trono 1. *Upload* em 2016 por Diante do Trono Oficial. (9 min. e 07 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bfJXu0Cm6Og&list=PLXCHu1w8aX5rEyU7sLHRETgvUG0Qulq8M&index=11>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

INSTITUCIONAL. Festival Rhema. *Upload* em 17 dez. 2007 por Jorge Honorato. (4 min. e 36 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Ca5xBboUH4>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VÍDEO CHAMADA para o 1º congresso de dança ministrando e libertando vidas. (2 min. e 55 seg.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kq-FQ0FB6Yo>>. Acesso em: 16 ago. 2019.